

FREUD: DA TEORIA PSICANALÍTICA
À PRÁTICA EDUCACIONAL

Sergio Murillo Lima da Silva Pinto

FIS
200
FAC

FREUD: DA TEORIA PSICANALÍTICA
À PRÁTICA EDUCACIONAL

Sergio Murillo Lima da Silva Pinto

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Educação.

28

Rio de Janeiro
Fundação Getúlio Vargas
Instituto de Estudos Avançados em Educação
Departamento de Psicologia da Educação
1987

*"O destino assume, para cada um de nós,
a forma de uma mulher (ou de várias)."*

Freud — carta a Ferenczi (7/7/1913)

Para Nilza, Sonia e Renata

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer nominalmente a todos que, de alguma forma, contribuíram para a realização deste trabalho. Na impossibilidade de fazê-lo, por serem muitos, quero mencionar, ao menos, três pessoas a quem fiquei especialmente grato. A Profa. Anna Maria Bianchini Baeta, que participou dos dois momentos mais importantes de meu curso, primeiro como entrevistadora do candidato e hoje como membro da banca examinadora desta Dissertação. O Prof. Elter Dias Maciel, a quem sou reconhecido por várias razões: pelo que aprendi com o professor, pelo estímulo que recebi do trabalhador íntegro e, sobretudo, pela confiança e amizade com que me distinguiu. Finalmente, o Prof. Carlos Paes de Barros, mestre com quem percorri boa parte da obra de Freud, o que considero um privilégio; pela segurança que me transmitiu, por me ensinar a não esquecer a filosofia e a postura científica, muito obrigado. Obrigado a todos.

RESUMO

O emprego da teoria psicanalítica freudiana como fundamento para uma abordagem psicológica de problemas educacionais permite que se considere, simultaneamente, o desenvolvimento pleno do indivíduo e suas relações com a sociedade de que faz parte. Uma avaliação segura das possibilidades e limitações desse emprego exige um estudo sistemático da teoria, que inclui os instintos e suas vicissitudes - em especial repressão e sublimação -, o desenvolvimento da função sexual, o complexo de Édipo, a identificação, o superego e o narcisismo. Com base nesse estudo, pode-se afirmar que as idéias de Freud sobre educação concentram-se em dois processos que se prolongam por toda a vida do indivíduo: o desenvolvimento do ego e a integração à cultura. A aplicação do conhecimento psicanalítico à educação, de caráter profilático, apresenta grandes dificuldades. A proposta freudiana de uma educação para a realidade tem de ser posta em prática desde os primeiros anos da infância, o que exigiria uma problemática orientação a pais e professores. Entretanto, o emprego da psicanálise - como disciplina científica ou procedimento de investigação - para ampliar a compreensão do processo educacional poderá ter um caráter substancialmente renovador, desde que ela se integre à pesquisa interdisciplinar. Por essa via, sua contribuição será enriquecedora e ela própria se enriquecerá. De outro modo, revelar-se-á limitada para apreender o complexo conjunto das relações sociais.

A B S T R A C T

The use of Freud's psychoanalytic theory in fundamenting a psychological approach to educational problems allows to consider both the full development of the individual and his relations with the society to which he belongs. A reliable evaluation of the possibilities and limits of such use requires a systematic study of the theory, including instincts and their vicissitudes, especially repression and sublimation, development of sexual function, Oedipus complex, identification, super-ego and narcissism. Based on this study, one can say that Freud's ideas on education concentrate on two processes which extend themselves throughout the whole life of the individual: his development of the ego and his integration to culture. Applying psychoanalytical knowledge to education, having in mind its prophylactic character, raises great difficulties. The Freudian proposal of an education for reality has to be accomplished already in the early years of childhood. This would require a very problematic parental guidance and teacher orientation. However, the use of psychoanalysis, either as a scientific discipline or as an investigation procedure, in order to widen comprehension of the educational process, may prove to be a substantially renovating feature, provided that it is integrated into interdisciplinary research. This understood and applied, the contribution of psychoanalysis may be enriching and itself enriched by such procedure. Otherwise, psychoanalysis will reveal its limitations and prove itself unable to apprehend the complexity of social relations.

S U M Á R I O

	Pag.
INTRODUÇÃO.....	01
1. CONCEITOS BÁSICOS.....	05
O aparelho psíquico.....	05
Qualidades psíquicas.....	07
2. A TEORIA DOS INSTINTOS.....	11
O conceito de instinto.....	11
A evolução da teoria dos instintos.....	13
As vicissitudes dos instintos.....	16
Repressão.....	21
Sublimação.....	29
3. O DESENVOLVIMENTO DA FUNÇÃO SEXUAL.....	33
4. O SUPEREGO.....	45
O complexo de Édipo.....	46
A identificação.....	53
O superego.....	57
5. O NARCISISMO.....	63
6. A TEORIA DOS SONHOS.....	76
7. A PSICOLOGIA DE GRUPO.....	86
8. CULTURA E SOCIEDADE.....	99
9. PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO.....	141

Pag.

CONCLUSÃO.....- 162

BIBLIOGRAFIA.....- 187

INTRODUÇÃO

Atribui-se hoje à psicologia um papel de destaque entre as chamadas ciências da educação, por ser uma das áreas de conhecimento em que mais se fundamenta a prática educacional. Existem, porém, várias correntes, às vezes bastante divergentes, dentro da psicologia contemporânea, sendo possível optar por uma delas quando se busca um referencial teórico que fundamente a análise dos aspectos psicológicos da educação.

Dentre os vários sistemas e teorias existentes em psicologia elegemos, em função de nossos interesses de estudo, a psicanálise, que, sem dúvida, se aplica a uma abordagem dos problemas educacionais que não perca de vista, ao mesmo tempo, o desenvolvimento pleno do indivíduo e suas relações ativas com a sociedade de que faz parte.

A partir dessas considerações, estabelecemos o propósito de empreender um estudo sistemático da teoria psicanalítica, de modo a poder avaliar com segurança as possibilidades e limitações de seu emprego como instrumento para proporcionar uma compreensão mais ampla de aspectos da prática educacional.

O termo *psicanálise*, porém, tem hoje uma ampla variedade de significados: abrange, em primeiro lugar, a obra de seu criador, Sigmund Freud, bem como os trabalhos dos colaboradores mais próximos; mas também remete a desenvolvimentos posteriores, nem sempre legítimos. Assim, optamos por limitar nosso estudo teórico aos textos freudianos. O exame das contribuições da psicanálise à educação, que nos propusemos realizar, deve fundamentar-se na fonte geradora de tais contribuições.

Freud considerou que "PSICANÁLISE é o nome de (1) um procedimento para a investigação de processos mentais que são quase inacessíveis por qualquer outro modo, (2) um método — baseado nessa investigação — para o tratamento de distúrbios neuróticos e (3) uma coleção de informações psicológicas obtidas ao longo dessas linhas, e que gradualmente se acumula numa no

va disciplina científica".¹

Dos três sentidos atribuídos ao termo, Freud apresenta, portanto, o terceiro como confluência dos dois primeiros, ou seja, como o repositório maior das contribuições da psicanálise para o conhecimento científico do homem. Em várias oportunidades, inclusive, salientou a primazia desta "ciência dos processos mentais inconscientes"² sobre o método terapêutico. Não há intenção a priori de privilegiar, no presente trabalho, qualquer dos três significados, pois estão estreitamente relacionados. Ainda assim, os textos que tratam especificamente de terapia não merecerão atenção especial.

O estudo que vamos empreender impõe que se adote uma sistemática que facilite a abordagem da obra, sob pena de tornar-se inexecutável, devido às limitações impostas a este trabalho. É verdade que ela se encontra reunida, em ordem cronológica, nos 24 volumes da *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Seguir essa edição, porém, seria um procedimento pouco objetivo, não só pela extensão mas, sobretudo, pelas próprias características da obra: a psicanálise de Freud foi elaborada ao longo de quase meio século e muitos de seus conceitos básicos evoluíram consideravelmente, desde as primeiras formulações até as últimas; além disso, Freud escreveu sobre uma grande variedade de assuntos, alguns sem maior relevância para este estudo. Assim, a opção de adotar a Edição Standard como roteiro foi abandonada.

Como organizar uma seleção dos mais importantes temas da psicanálise, tratados com rigor, objetividade e que incorpore todo o desenvolvimento teórico formulado por seu fundador?

¹Freud, S. - *Dois verbetes de enciclopédia* (1923 [1922]). Edição Standard Brasileira (doravante identificada por ESB), vol. XVIII, p.287. Os títulos das obras serão, sempre, acompanhados de uma indicação cronológica, fundamental para compreender a evolução do pensamento de Freud. Quando o ano de publicação da obra não coincidir com o de sua produção, este último aparecerá entre colchetes, conforme a notação adotada pela ESB.

²Freud, S. - *Psicanálise* (1926 [1925]). ESB, vol. XX, p.302.

Encontramos a resposta na própria obra de Freud. Em 1938, no ano anterior à sua morte, escreveu ele o *Esboço de Psicanálise*, um trabalho expositivo que atende, em parte, àqueles requisitos. É interessante reproduzir algumas opiniões de James Strachey, editor inglês da *Standard Edition*, a respeito do *Esboço*: "Uma nova luz é lançada sobre todos os pontos que ele aborda – as teorias mais fundamentais ou as observações clínicas mais pormenorizadas – e tudo é debatido no vocabulário de sua mais recente terminologia. (...) Em parte alguma, talvez, atinge o seu estilo nível mais alto de concisão e lucidez. Todo o trabalho nos dá uma sensação de liberdade em sua apresentação, o que é talvez de se esperar na última descrição, por parte de um mestre, das idéias de que foi o criador".³

A adoção do *Esboço* como fio condutor de parte do trabalho nos parece legítima pois, além das outras características apontadas, ele é, como ressaltou Strachey, a última descrição da psicanálise feita por Freud, talvez produzida com a intenção de legar uma síntese de sua obra. Isso não significa, porém, que nos restringiremos a esse texto, mas que o tomaremos, sempre que possível, como referência e ponto de partida para o exame de outros que sejam relevantes para atingirmos nosso objetivo.

O *Esboço* é uma obra inacabada, como afirma Ernest Jones, destacada figura do movimento psicanalítico, amigo de Freud e seu biógrafo oficial⁴. Strachey, por sua vez, comenta que, a despeito disso, é difícil considerá-lo incompleto, exceto pelo fato de que o último capítulo, mais curto que os demais, poderia ter prosseguido⁵. Sua organização é a seguinte⁶:

³Strachey, J. - Nota do editor inglês, introdutória a *Esboço de psicanálise*. In: ESB, vol. XXIII, p.167-168.

⁴Jones, E. - *Vida e obra de Sigmund Freud*. p.771.

⁵Strachey, J. - Nota do editor inglês, introdutória a *Esboço de psicanálise*. In: ESB, vol. XXIII, p.166.

⁶Freud, S. - ESB, Índice do vol. XXIII.

PARTE I - A MENTE E O SEU FUNCIONAMENTO

Capítulo I - O Aparelho Psíquico

Capítulo II - A Teoria dos Instintos

Capítulo III - Desenvolvimento da Função Sexual

Capítulo IV - Qualidades Psíquicas

Capítulo V - A Interpretação de Sonhos como Ilustração

PARTE II - O TRABALHO PRÁTICO

Capítulo VI - A Técnica da Psicanálise

Capítulo VII - Um Exemplo de Trabalho Psicanalítico

PARTE III - RENDIMENTO TEÓRICO

Capítulo VIII - O Aparelho Psíquico e o Mundo Externo

Capítulo IX - O Mundo Interno

Trataremos, inicialmente, de expor o conjunto de conceitos e proposições que são básicos para o nosso estudo, de acordo com a formulação do Esboço, ampliada, quando necessário, pela consulta a outros trabalhos de Freud. Como as referências ao Esboço serão, forçosamente, numerosas, adotaremos a simplificação de indicá-las no próprio texto, apenas pelo número da página entre parênteses. Com relação a outras referências, continuaremos a utilizar o mesmo sistema até aqui adotado.

Após a apresentação desses conceitos básicos, abordaremos, seqüencialmente, a teoria dos instintos, o desenvolvimento da função sexual, o superego, o narcisismo e a teoria dos sonhos. Nesse ponto, seguiremos Freud em algumas considerações no campo da psicologia social e na discussão sobre cultura, sociiedade e vida instintual. Estaremos, então, aptos a analisar o conjunto das referências à educação na obra freudiana e apresentar nossas conclusões.

1. CONCEITOS BÁSICOS

O Aparelho Psíquico

A vida mental é função de um aparelho constituído por três instâncias psíquicas: id, ego e superego. Freud esclarece que "Chegamos ao nosso conhecimento deste aparelho psíquico pelo estudo do desenvolvimento individual dos seres humanos" (p. 169).

A mais antiga dessas instâncias é o *id*, que permanece como a mais importante durante toda a vida. Contém tudo o que é herdado, que já se acha presente por ocasião do nascimento, ou seja, sobretudo os instintos*, que se originam da organização somática e nele encontram uma primeira expressão psíquica (p. 169-170).

Sob a influência do mundo externo, uma porção do id, originalmente uma camada cortical dotada de meios para lidar com estímulos, desenvolveu-se, surgindo uma organização especial chamada *ego*, que atua como intermediária entre o id e a realidade. O ego tem sob seu comando o movimento voluntário e a ele cabe a tarefa da autopreservação, que desempenha lidando convenientemente com os estímulos externos e exercendo o controle sobre as exigências instintuais (p. 170).

Do longo período de dependência na infância resulta a formação, no ego, de um agente no qual se prolonga a in-

*Empregamos "instinto" como tradução para "Trieb" (do alemão) pois a ESB, em que nos baseamos ao longo de todo o trabalho, fez essa opção. Ao justificá-la, o editor inglês explica (ESB, vol. I, p. 27-29) que utilizou a mesma tradução para "Instinkt"; como, porém, Freud empregou esse último termo muito poucas vezes, essa ocorrência é destacada através de notas de rodapé. Essa questão é novamente focalizada pelo editor inglês em sua nota introdutória a *Os instintos e suas vicissitudes*. (ESB, vol. XIV, p. 129).

fluência parental, chamado *superego*. Essa influência abrange não somente a personalidade dos pais, mas também a família, a cultura transmitida e as exigências do meio social. Ao longo do desenvolvimento, o superego recebe contribuições de substitutos dos pais, tais como professores e modelos de ideais (p. 171).

A ação do ego deve satisfazer, simultaneamente, as exigências do id, do superego e da realidade, ou seja, deve conciliar essas exigências.

Freud, ao encerrar o capítulo cujos conceitos básicos procuramos apresentar, refere-se a ele como um quadro esquemático geral do aparelho psíquico. No próprio Esboço, porém, há um desenvolvimento desse quadro, na PARTE III (capítulos VIII e IX), cuja proposta é fazer um levantamento das ampliações de conhecimentos obtidos através do trabalho prático, bem como considerar quais os caminhos abertos para avanços posteriores (p. 224). Examinaremos, então, esse desenvolvimento.

A propósito do id, o ponto de partida é a origem orgânica dos instintos que nele operam, acrescentando que esses instintos são compostos de fusões, em proporções variáveis, de Eros e do instinto de destruição. Seu impulso é sempre no sentido da satisfação, com o auxílio de objetos do mundo externo. O id obedece ao princípio de prazer e o processo primário, que lhe é peculiar, difere amplamente dos processos que nos são familiares através da percepção consciente (p. 227). Esses acréscimos são importantes, pois já permitem antever, em nosso trabalho, a abordagem global dos fenômenos psíquicos que Freud denominou apresentação metapsicológica.

Com relação ao ego, é enfatizada sua dependência do mundo exterior, inclusive quanto à avaliação das exigências instintuais segundo o princípio de realidade, em que se transforma o princípio de prazer original. Por outro lado, é destacado o atraso do desenvolvimento do ego, em relação ao da

sexualidade, como pré-condição da neurose. As neuroses poderiam ser evitadas se ao imaturo ego infantil fosse poupada a tarefa de reprimir a vida sexual das crianças. Além disso, essa repressão precoce terá efeitos na atitude posterior do indivíduo para com a cultura (p. 228-230).

No que diz respeito ao superego, o desenvolvimento da descrição inicial é considerável. A constituição deste agente psíquico situa-se no fim do primeiro período da infância — cerca de cinco anos de idade. Uma parte do mundo externo (os pais) foi, pelo menos parcialmente, abandonada como objeto e, por identificação, incluída no ego, tornando-se assim integrante do mundo interno. O superego continua a exercer, frequentemente com maior severidade, as funções dos pais cujo lugar ocupou: observa o ego, dá-lhe ordens, julga-o e ameaça-o com punições, inclusive com respeito a pensamentos e intenções não concretizados (p. 235). Herdeiro do complexo de Édipo, o superego só se estabelece após a pessoa haver-se libertado desse complexo. Representa, por toda a vida, a influência da infância que, como vimos, não se restringe à relação com os pais, e recebe contribuições ao longo do desenvolvimento. Essas duas características, especialmente, ressaltam a importância do superego para qualquer estudo sobre educação com base na psicologia profunda.

Ao final dessa "recapitulação pormenorizada" da descrição do aparelho psíquico, Freud faz uma espécie de caracterização esquemática, advertindo, porém, que é pouco provável que tais generalizações sejam universalmente corretas: o mundo externo representa o poder do presente; o id, com suas tendências herdadas, representa o passado orgânico; e o superego representa, sobretudo, o passado cultural, e une em si influências passadas e presentes.

Qualidades Psíquicas

Uma vez descrita a estrutura do aparelho psíquico,

torna-se necessário esclarecer o que significa o psíquico, qual a sua natureza, a sua essência. Freud o faz no capítulo IV do Esboço e no pequeno trabalho *Algumas Lições Elementares de Psicanálise*, escrito na mesma época.

O senso comum, assim como a psicologia científica anterior a Freud, identifica o psíquico com a consciência. A Psicanálise, porém, nega essa identificação, pois os processos conscientes não formam seqüências completas, apresentam grande número de lacunas. Ela afirma que ser consciente ou inconsciente são apenas qualidades do psíquico e baseia essa afirmativa nos estudos sobre os sonhos, as parapraxias e as experiências com a hipnose, entre outros.⁷

Ser consciente é uma qualidade inconstante — frequentemente ausente — do psíquico porque o estado de consciência é fugaz. Alguns processos podem facilmente trocar o estado consciente pelo inconsciente (latente) e tornar-se conscientes novamente. Esses são, preferivelmente, descritos como "capazes de tornar-se conscientes" ou como pré-conscientes (p. 185).

Atribuïmos, portanto, três qualidades aos processos

⁷Freud, S. - *Algumas lições elementares de Psicanálise* (1940 [1938]) - ESB, vol. XXIII, p. 316-320. É importante ressaltar que, na p. 317, Freud afirma que "O psíquico, seja qual for sua natureza, é em si mesmo inconsciente...". Parece, contudo, que esta afirmação não privilegia o inconsciente como a psicologia do século XIX privilegiava a consciência, mas que surge justamente como oposição à ligação entre o psíquico e a consciência. A essência do psíquico não está ligada às qualidades, que são acidentais. Freud, no mesmo trabalho, esclarece esse ponto: "Se alguém perguntar o que realmente significa 'o psíquico', será fácil responder pela enumeração de seus constituintes: nossas percepções, idéias, lembranças, sentimentos e atos volitivos — todos fazem parte do que é psíquico". (p. 316).

psíquicos: eles são *conscientes*, *pré-conscientes* ou *inconscientes*. Vamos agora estabelecer as relações que existem entre essas qualidades e as localidades do aparelho psíquico que identificamos.

A qualidade de ser consciente está ligada, desde o início, às percepções, tanto as do mundo exterior (exógenas) como as do interior do corpo, as sensações e sentimentos (endógenas). Assim, do ponto de vista da localização, podemos concluir que os processos conscientes ocorrem na periferia do ego.

Mas os processos internos do ego que conhecemos genericamente como processos de pensamento também podem excitar a periferia perceptiva consciente (percepções endopsíquicas). Isso ocorre quando são colocados em vinculação com representações de palavras, que são resíduos mnêmicos de percepções anteriores e, portanto, podem tornar-se conscientes de novo. Assim, em consequência da característica humana da fala, o ego tem de lançar mão de uma função conhecida como *teste de realidade* para distinguir entre as percepções endopsíquicas de um lado e as percepções exógenas e endógenas do outro.

A vinculação com resíduos mnêmicos da fala caracteriza, pois, a natureza pré-consciente dos processos de pensamento, no interior do ego. Partes do ego — e também do superego — são, porém, dinamicamente inconscientes, ou seja, no sentido de que "...a pessoa nada sabe dos conteúdos dos mesmos, e é necessário dispender esforços para torná-los conscientes".⁸ Então, o que chamamos "inconsciente" no sentido descritivo pode ser apenas latente — e nesse caso, como vimos, chamado pré-consciente — ou também o inconsciente dinâmico, o qual é dificilmente acessível — através do processo analítico ou dos sonhos, por exemplo — ou mesmo inacessível.

⁸Freud, S. - *Conferência XXXI* (1933 [1932]) - ESB, vol. XXII, p. 89-90.

Está claro agora que não podemos associar a qualidade de ser inconsciente apenas ao id, muito embora seja característica dele, mas também a partes do ego e do superego. O traço característico exclusivo do id é o *processo primário*, isto é, a mobilidade das catexias — energia que potencializa os representantes psíquicos dos instintos. Esta mobilidade ocorre por deslocamento, quando um representante instintual cede a outro sua quantidade de energia, ou por condensação, quando um representante apropria-se da quota de energia de vários outros.⁹

Em contraste, o traço característico do ego é o *processo secundário*, ou seja, uma inibição da mobilidade da energia e da tendência à descarga. Da comparação entre os processos primário e secundário, Freud, acompanhando Breuer,¹⁰ retirou uma conclusão à qual atribuiu grande importância: a de que a energia psíquica parece ocorrer de duas formas, uma livremente móvel, que pressiona no sentido da descarga, e outra presa ou "vinculada" (p. 189).

⁹Freud, S. - *O inconsciente* (1915) - ESB, vol. XIV, p. 213.

¹⁰Ibid., p. 215

2. A TEORIA DOS INSTINTOS

Vimos, a propósito do id, que os instintos que nele operam resultam de fusões, em proporções variáveis, de Eros e do instinto de destruição. Antes de tratar desses dois instintos básicos, convém recorrer a um texto específico¹¹ para apresentar o conceito de *instinto* que, como já indicamos, corresponde ao de "Trieb" no original alemão.

O conceito de instinto

Freud caracteriza instinto a partir de uma comparação com os estímulos externos, que exigem do sistema nervoso apenas uma ação muscular conveniente para produzir o afastamento em relação à fonte externa de estimulação. Os estímulos instintuais têm origem em fontes de estimulação dentro do organismo e atuam como uma força constante, que não pode ser afastada por ação de fuga. São *necessidades*, eliminadas pela *satisfação*, que é alcançada por uma alteração adequada da fonte interna de estimulação. Essas necessidades são sinais de um mundo interno e encontram no id sua primeira expressão psíquica.

Os estímulos instintuais exigem do sistema nervoso atividades complexas, para modificar o mundo externo de modo a proporcionar satisfação às necessidades. Seriam eles, portanto, e não os estímulos externos, as forças motrizes do desenvolvimento do sistema nervoso. Nada impede, porém, acrescenta Freud, "...de supor que os próprios instintos sejam, pelo menos em parte, precipitados dos efeitos da estimulação externa, que no decorrer da filogênese ocasionaram alterações na substância viva".¹² Essa suposição evolucionista admite

¹¹Freud, S. - *Os instintos e suas vicissitudes* (1915) - ESB, vol. XIV, p. 137-144.

¹²Ibid., p. 140-141.

a existência de uma interação entre organismo e meio exterior e, portanto, de uma influência da vida social no desenvolvimento filogenético do homem.

Apresentadas as características principais de um instinto, podemos tratá-lo, mais detalhadamente, como um conjunto motivacional composto de fonte, objeto, finalidade e pressão. A *fonte* é o processo somático que ocorre num órgão e provoca uma tensão de necessidade. Como a tensão só pode ser reduzida pela satisfação da necessidade, vai então catexizar uma idéia no psiquismo, que constitui, juntamente com o afeto e o desejo, o representante psíquico do instinto. Feita a escolha do *objeto* adequado, a *pressão* atua como fator motor da ação específica que visa à *finalidade* do instinto, ou seja, a satisfação da necessidade. A ação específica provoca, na fonte, a alteração adequada à redução da tensão.

Freud formula a suposição de que todos os instintos são qualitativamente semelhantes. Seus efeitos mentais dependem da diferença em suas fontes e das quantidades de energia. Afirma, por outro lado, que o objeto é o que há de mais variável em um instinto, não estando ligado a ele exceto por ser adequado à satisfação. Pode ser parte do mundo externo ou do próprio corpo do indivíduo.

São vários os trabalhos em que Freud considera obscuro seu conhecimento sobre os instintos¹³ e, além disso, o próprio conceito evoluiu consideravelmente, ao longo de sua obra. Parece, porém, prevalecer a tendência a situá-lo na fronteira entre o físico e o mental, como um processo somático que mobiliza energia e atinge a mente, com a ressalva, porém, de que só podem ser atribuídas qualidades psíquicas ao representante psíquico do instinto.

¹³Strachey, J. - Nota do editor inglês, introdutória a *Os instintos e suas vicissitudes*. In: ESB, vol. XIV, p. 131.

O recurso a um texto específico foi necessário para que pudéssemos compreender o conceito de instinto, na forma particularmente sintética que encontramos no Esboço. Agora podemos concluir, sem receio de comprometer a clareza, que instintos são forças que representam exigências somáticas feitas à mente, manifestando-se no id como necessidades que pressionam no sentido da satisfação (p. 173).

Retornemos, então, ao ponto de partida, ou seja, à caracterização dos dois instintos básicos. A teoria dos instintos de Freud modificou-se consideravelmente ao longo do desenvolvimento da psicanálise, embora tenha sido mantida a tendência dualista. Apresentaremos as etapas básicas dessa evolução, a partir de um período inicial em que os instintos sexuais e os de autopreservação, já pressupostos e em oposição, ainda não eram explicitados e discutidos.

A evolução da teoria dos instintos

Em 1905, o termo libido é empregado, pela primeira vez, para expressar os instintos sexuais.¹⁴ O outro pólo do conflito só foi melhor caracterizado em 1910, num pequeno trabalho em que Freud destaca a "...inegável oposição entre os instintos que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e os demais instintos que têm por objetivo a autopreservação do indivíduo — os instintos do ego".¹⁵

Com a introdução do conceito de narcisismo (1914) essa oposição perde o sentido, pois os instintos sexuais e os do ego passam a ter a energia libidinal como traço comum, surgindo a antítese entre libido do ego e libido objetal.¹⁶ No

¹⁴Freud, S. - *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905). ESB, vol. VII, p. 135.

¹⁵Freud, S. - *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão* (1910). ESB, vol. XI, p. 199.

¹⁶Freud, S. - *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914). ESB, vol. XIV, p. 94.

mesmo trabalho, surge a referência a uma diferença entre libido e "interesse"¹⁷, embora o significado desse termo não seja devidamente esclarecido. Na *Conferência XXVI* (1916-17), Freud afirma que "As catexias de energia que o ego dirige aos objetos de seus desejos sexuais, nós as denominamos libido; todas as outras catexias, emanadas dos instintos de autopreservação, denominamos 'interesse'".¹⁸ Logo adiante, no mesmo texto, retoma os conceitos de libido do ego e libido objetal, mostrando que a energia libidinal pode vincular-se tanto ao ego quanto a objetos.¹⁹ Parece, portanto, que procura manter uma distinção entre libido do ego e interesse do ego (instinto de autopreservação).

A etapa final da evolução da teoria dos instintos tem início em 1920, com a publicação de *Além do princípio de prazer*. A libido do ego é identificada com os instintos de autoconservação, desaparecendo a diferença.²⁰ Restariam, então, apenas instintos libidinais, vinculados ao ego ou a objetos, ou seja, uma hipótese monista. Na mesma obra, entretanto, é estabelecida nova dualidade, entre o instinto sexual, transformado em Eros ou instinto de vida, e os instintos de morte, presentes no ego. Em longa nota de rodapé, parte da qual foi acrescentada em 1921, Freud apresenta um resumo dessa evolução.²¹ Um último acréscimo a destacar aparece, ainda em *O mal-estar na civilização* (1929), onde um instinto de agressividade e destrutividade, que se manifesta no mundo externo, é visto como derivado e principal representante do instinto de morte.²²

¹⁷ Freud, S. - *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914). ESB, vol. XI, p. 97.

¹⁸ Freud, S. - *Conferência XXVI* (1917 [1916/17]). ESB, vol. XVI, p. 483-484.

¹⁹ *Ibid.*, p. 485-486.

²⁰ Freud; S. - *Além do princípio de prazer* (1920). ESB, vol. XVIII, p. 72.

²¹ *Ibid.*, p. 82

²² Freud, S. - *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]). ESB, vol. XXI, p. 141 e 145.

Com essa visão de conjunto da evolução da teoria dos instintos, podemos retomar o Esboço, que apresenta os conceitos em sua última formulação. Eros, que abrange os instintos de autopreservação e preservação da espécie, tem como objetivo estabelecer e preservar unidades. Em oposição, o instinto destrutivo, que visa a desfazer conexões, tem como objetivo final levar o que é vivo a um estado inorgânico, sendo por isso também chamado de instinto de morte (p. 173).

A conceituação acima parece indicar que instinto destrutivo e instinto de morte são sinônimos, mas essa impressão logo adiante se desfaz, pois Freud afirma que o instinto de morte opera internamente, silencioso, só se manifestando quando é desviado para fora, como instinto de destruição (p. 175). Esse esclarecimento permite concluir que, em linhas gerais, a formulação do Esboço é coerente com a de 1930, em que o instinto de destruição surge como manifestação externa do instinto de morte.

Duas outras hipóteses, essenciais a essa formulação final, aparecem nas principais obras que abordam a teoria dos instintos a partir de 1920 e devem ser destacadas. A primeira atribui aos instintos uma natureza conservadora, ou seja, seriam historicamente determinados, tendentes a restabelecer um estado anterior de coisas (p. 173).²³ A segunda diz que Eros e o instinto destrutivo operam um contra o outro ou combinam-se, mas nunca agem independentemente. Os fenômenos da vida, em toda a sua variedade, resultariam desta "ação concorrente e mutuamente oposta dos dois instintos fundamentais" (p. 174).²⁴

²³ Ver também *Além do princípio de prazer* (1920) - ESB, vol. XVIII, p. 54; *Dois verbetes de enciclopédia* (1923 [1922]) - ESB, vol. XVIII, p. 312; *O ego e o id* (1923) - ESB, vol. XIX, p. 56.

²⁴ Ver também *Dois verbetes de enciclopédia* (1923 [1922]) - ESB, vol. XIX, p. 56; *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]) - ESB, vol. XXI, p. 141; *Análise terminável e interminável* (1937) - ESB, vol. XXIII, p. 276.

Nesta breve exposição da teoria dos instintos de Freud, mencionamos algumas vezes um trabalho que trata especificamente das vicissitudes porque passam os instintos no transcurso da vida, em decorrência de conflitos com a realidade.²⁵ Essas vicissitudes são consideradas como modalidades de defesa contra os instintos e, por sua relevância para o nosso estudo, não podem deixar de ser abordadas.

As vicissitudes dos instintos

De início, é preciso ressaltar o fato de Freud restringir a investigação, nessa obra, aos instintos sexuais, por lhe serem, então, mais familiares.²⁶ A questão é saber se, com a evolução da teoria e a introdução do conceito de instinto destrutivo, a restrição se mantém. A julgar pelo Esboço, parece que sim, pois Freud limita-se a apontar maior dificuldade para acompanhar as vicissitudes do instinto destrutivo (p. 175). Mais uma vez, porém, recorreremos a outros trabalhos, que entram em maiores considerações a respeito. Vamos, então, abordar resumidamente as vicissitudes dos instintos sexuais e verificar até que ponto são aplicáveis à outra classe de instintos básicos.

São quatro as vicissitudes por que pode passar a libido: reversão a seu oposto, retorno em direção ao próprio eu do indivíduo, repressão e sublimação.²⁷ O texto específico a que já aludimos, porém, só trata das duas primeiras; a terceira, por sua importância, mereceu um estudo especial que será focalizado adiante, enquanto a última, pouco elaborada, tem referências dispersas por vários trabalhos.

A reversão de um instinto a seu oposto pode ocorrer

²⁵Freud, S. - *Os instintos e suas vicissitudes* (1915) - ESB, vol. XIV.

²⁶Ibid., p. 147.

²⁷Ibid., p. 147.

por dois processos diferentes: mudança da atividade para a passividade e reversão do conteúdo. Como exemplo do primeiro processo, selecionamos a reversão do sadismo em masoquismo, que é uma mudança de finalidade instintual ativa para passiva. Para o segundo processo, Freud apresenta apenas o exemplo da reversão do amor em ódio. Com relação ao *retorno em direção ao próprio eu* do indivíduo, o exemplo também reporta-se ao par sadismo-masoquismo, pois o masoquismo é identificado como o sadismo que retorna ao próprio ego.²⁸

Vemos, portanto, que é possível abordar as duas primeiras vicissitudes citadas a partir de considerações sobre os pares de opostos sadismo-masoquismo e amor-ódio, o que nos será vantajoso por ter Freud se ocupado detidamente deles após a formulação do conceito de instinto de morte. Assim, tentaremos esclarecer a questão da adequação do trabalho de 1915 sobre as vicissitudes dos instintos à formulação última da teoria.

Freud afirma, no que diz respeito ao par sadismo-masoquismo, que "... o retorno em direção ao eu do indivíduo e a transformação da atividade em passividade convergem ou coincidem".²⁹ É, pois, necessário apreciar essas duas vicissitudes conjuntamente. "O sadismo consiste no exercício de violência ou poder sobre uma outra pessoa como objeto".³⁰ Sua finalidade é humilhar, dominar, infligir dor. Quando retorna ao próprio eu, o sujeito toma a si próprio como objeto, em lugar de outro; assim, muda o objeto e a finalidade permanece a mesma, o que ainda não caracteriza o masoquismo. Se o sujeito, porém, procura outra pessoa a quem atribui o propósito de infligir-lhe dor, então a finalidade reverte da atividade para a passividade e o masoquismo está caracterizado.

²⁸Ibid., p. 147-148.

²⁹Ibid., p. 148.

³⁰Ibid., p. 148.

Freud expressa, portanto, em 1915, o ponto de vista de que o masoquismo deriva do sadismo original e "Um masoquismo primário, não derivado do sadismo na forma que descrevi, não parece ser encontrado".³¹ Já em 1920, porém, no próprio texto em que introduz o conceito de instinto de morte, ele corrige esse ponto de vista: admite que não existe diferença entre um instinto voltar-se do objeto para o ego ou do ego para um objeto e conclui que o masoquismo — o retorno do instinto ao próprio ego — seria uma regressão, ou seja, poderia haver um masoquismo primário.³²

Uma outra correção, de maior relevância, decorre da formulação da hipótese do instinto de morte. Em 1915, Freud julgava que o sadismo e o masoquismo eram componentes do instinto sexual, cujas vicissitudes foram, inclusive, estudadas a partir daquele par de opostos. A evolução da teoria dos instintos, porém, levou-o em 1920 a considerar que não seria possível o instinto sádico derivar de Eros, o conservador da vida, e a concluir que o sadismo é uma manifestação do instinto de morte que, por influência da libido narcisista, foi expulso do ego e surge em relação ao objeto, a serviço da função sexual.³³

Em *O ego e o id* (1923) Freud confirma o sadismo como representante do instinto de morte e, ao afirmar também que o instinto de destruição é colocado, para fins de descarga, a serviço de Eros,³⁴ identifica o sadismo com o instinto de agressividade e destrutividade a que já nos referimos.

As duas novas formulações aparecem ligadas e ainda melhor explicitadas em *O problema econômico do masoquismo* (1924). A libido, com o propósito de tornar inócuo o instin

³¹ Ibid., p. 149.

³² Freud, S. - *Além do princípio de prazer* (1920) - ESB, vol. XVIII, p. 75.

³³ Ibid., p. 74.

³⁴ Freud, S. - *O ego e o id* (1923) - ESB, vol. XIX, p. 55 e 57.

to destrutivo, o desvia, em grande parte, no sentido de objetos do mundo externo, a serviço da função sexual; este é o sadismo propriamente dito. A outra parte, que permanece dentro do organismo, libidinalmente retida, é o masoquismo primário. O sadismo, dirigido para fora, pode ser novamente introjetado, o que constitui um masoquismo secundário.³⁵

Acreditamos que a questão de saber se o instinto de morte sofre as duas vicissitudes de que estamos tratando está parcialmente esclarecida. A identificação do sadismo e do masoquismo como componentes do instinto destrutivo e o estudo das transformações por que passam, nos permitem concluir que o instinto de morte, através desses representantes, sofre mudança da atividade para a passividade assim como retorna de objetos ao próprio eu do indivíduo. Aprendemos, porém, que esses instintos não se manifestavam isoladamente e sim vinculados à libido. A importância dessa vinculação nos obriga a conhecê-la melhor, o que nos ajudará, também, a esclarecer a reversão do amor em ódio.

Retornando a 1920, nosso ponto de partida, encontramos indicações do caminho a ser percorrido. Freud refere-se às polaridades instinto de vida/instinto de morte e amor (ou afeição)/ódio (ou agressividade) como semelhantes e acrescenta: "Se pudéssemos conseguir relacionar mutuamente essas duas polaridades e derivar uma da outra!" Logo a seguir, relaciona o sadismo original à ambivalência amor/ódio na vida erótica.³⁶

Já em 1923, a relação entre as duas classes de instintos e a polaridade amor/ódio é claramente estabelecida. Freud baseia-se nela, inclusive, para concluir não ser possível uma real transformação do amor em ódio ou vice-versa, pois

³⁵Freud, S. - *O problema econômico do masoquismo* (1924) - ESB, vol. XIX, p. 204-205.

³⁶Freud, S. - *Além do princípio de prazer* (1920) - ESB, vol. XVIII, p.74.

se isso ocorresse, não seria possível sustentar a distinção entre os dois instintos básicos. Admite, porém, que existe uma energia neutra e deslocável no psiquismo, que pode ligar-se tanto a impulsos eróticos quanto a destrutivos, aumentando sua catexia total; admite, ainda, que essa energia provém do estoque de libido narcísica e é posta a serviço do princípio de prazer, para neutralizar bloqueios e facilitar a descarga.³⁷ Na mesma obra, a idéia da fusão das duas classes de instintos aparece como pressuposto indispensável; o componente sádico do instinto sexual é apontado como exemplo de uma fusão instintual útil e o sadismo que se tornou independente como perversão é exemplo de uma desfusão; a ambivalência representa, provavelmente, uma fusão instintual que não se completou.³⁸

Embora Freud tenha voltado ao tema em trabalhos posteriores, *O mal-estar na civilização* (1929) apresenta, satisfatoriamente, os principais aspectos das formulações finais. O desenvolvimento mais importante diz respeito ao instinto de agressividade e destrutividade, que atua, já vimos, no mundo externo a serviço de Eros, em vez de destruir o próprio eu. Freud acrescenta que "...qualquer restrição dessa agressividade dirigida para fora estaria fadada a aumentar a autodestruição, a qual em todo e qualquer caso, prossegue".³⁹ A essência dessa idéia reaparece no *Esboço* (p. 175), o que demonstra que Freud não se afastou dela até o final de sua obra.

A conjectura de que os dois instintos fundamentais aparecem vinculados em proporções variadas é também retomada, com os exemplos clássicos do par de opostos sadismo-masochismo.⁴⁰ Do texto, julgamos lícito inferir que o sadismo seria

³⁷Freud, S. - *O ego e o id* (1923) - ESB, vol. XIX, p. 59-60.

³⁸Ibid., p. 56-57.

³⁹Freud, S. - *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]) - ESB, vol. XXI, p. 141.

⁴⁰Ibid., p. 141-142.

resultante de uma fusão de libido objetal e instinto agressivo, ou seja, Eros e destrutividade voltados para fora, enquanto o masoquismo resultaria da fusão de libido narcísica e agressividade dirigida ao próprio eu, isto é, Eros e destrutividade voltados para dentro. Em consequência, não haveria, de fato, transformações de amor em ódio e vice-versa; em ambos estariam presentes os dois instintos básicos, variando as proporções da fusão, e a ambivalência seria a expressão do conflito entre Eros e destrutividade.

A idéia da *fusão instintual* é, portanto, fundamental para quaisquer considerações sobre as vicissitudes dentro do quadro final da teoria dos instintos. O sadismo ganha relevo, pois é através dele que Freud elabora hipóteses sobre o instinto de morte e suas relações com Eros. É no sadismo que o instinto de morte deforma o objetivo erótico e, ao mesmo tempo, satisfaz o impulso erótico. Mesmo — afirma — quando o instinto de morte surge sem qualquer finalidade sexual, na mais cega fúria de destrutividade, faz-se acompanhar de alto grau de fruição narcísica, por realizar antigos desejos de onipotência do ego.⁴¹ O desenvolvimento vai mais além, a partir do ponto de vista de que "... a inclinação para a agressão constitui, no homem, uma disposição instintiva original e auto-subsistente...".⁴² Deixaremos esse aspecto, porém, para uma apreciação posterior, já que devemos concluir o estudo das vicissitudes instintuais.

Repressão

Ao dedicar um de seus Artigos sobre Metapsicologia ao estudo da repressão, em 1915, Freud reafirmava a importância que sempre dera ao tema. No ano anterior, em um trabalho retrospectivo, considerou que "A teoria da repressão é a pe-

⁴¹ Ibid., p. 144.

⁴² Ibid., p. 144.

dra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise".⁴³ Bem mais tarde, em 1922, embora com maior comedimento, ainda incluiu a repressão como um dos fundamentos da teoria, ao lado do inconsciente, da importância da sexualidade e do complexo de Édipo.⁴⁴ É, pois, curioso que, a despeito de várias alusões, não lhe tenha conferido um tratamento específico no Esboço. Vamos, então, nos apoiar no artigo de 1915 sobre a repressão — complementado por outro, do mesmo ano, que trata do inconsciente — para apresentar os aspectos mais relevantes da teoria da repressão.

A essência do processo de repressão consiste em evitar que o representante psíquico de um instinto torne-se consciente. Em consequência, tudo que é reprimido deve permanecer inconsciente.⁴⁵ A ocorrência da repressão, em princípio, só seria justificável se a consecução da finalidade instintual produzisse desprazer. Como, porém, a satisfação da necessidade de um instinto é sempre prazerosa, torna-se condição para a repressão que a finalidade, por ser incompatível com outras exigências, provoque um desprazer tal que se sobreponha ao prazer obtido pela satisfação.⁴⁶

Só temos conhecimento de um instinto através de seu representante psíquico, pois somente este pode tornar-se consciente. Assim, para a repressão, só são significativas as relações do representante com a consciência. "Se o instinto não se prendeu a uma idéia ou não se manifestou como um estado afetivo, nada poderemos conhecer sobre ele".⁴⁷

Para compreender essa afirmação, devemos lembrar que Freud entende o representante psíquico de um instinto como

⁴³Freud, S. - *A história do movimento psicanalítico* (1914) - ESB, vol. XIV, p. 26.

⁴⁴Freud, S. - *Dois verbetes de enciclopédia* (1923 [1922]) - ESB, vol. XVIII, p. 300.

⁴⁵Freud, S. - *O inconsciente* (1915) - ESB, vol. XIV, p. 191.

⁴⁶Freud, S. - *Repressão* (1915) - ESB, vol. XIV, p. 169-170.

⁴⁷Freud, S. - *O inconsciente* (1915) - ESB, vol. XIV, p. 203.

uma idéia, ou grupo de idéias, ativada por uma quantidade de energia psíquica proveniente do instinto, que chama de quota de afeto. O instinto pode desvincular da idéia a sua quota de afeto e utilizá-la para reativar uma estrutura afetiva (a memória de uma emoção), manifestando-se, portanto, como um estado afetivo, isto é, um processo de descarga percebido como um sentimento. Para descrever o processo de repressão, portanto, Freud considera separadamente a vicissitude sofrida pela idéia e a sofrida pela quota de afeto.⁴⁸

A repressão da idéia que representa o instinto processa-se em duas fases: a repressão primeva ou originária e a repressão propriamente dita. Na primeira fase, é negado o acesso do representante ao sistema consciente; ele subsiste no inconsciente, inalterado, e o instinto permanece fixado a ele — ao seio materno, por exemplo. No sistema inconsciente, o representante dá origem a derivados e estabelece conexões. A segunda fase afeta justamente os derivados do representante reprimido e as outras idéias com as quais ele tenha entrado em ligação. Essa repressão propriamente dita é o resultado da ação de duas forças: a repulsão exercida pelo sistema consciente e a atração pelo que poderíamos chamar de reprimido originário, ou seja, o representante que sofreu a repressão originária.⁴⁹

Não são, porém, todos os derivados que sofrem repressão. Eles serão ou não reprimidos em função de sua atividade (catexia). Derivados remotos e distorcidos podem ter sua catexia reduzida a uma intensidade tal que a resistência seja eliminada e eles tenham livre acesso à consciência. Portanto, a ativação de uma idéia tende a levá-la à repressão, enquanto seu enfraquecimento pode substituir a repressão.⁵⁰

⁴⁸Freud, S. - *Repressão* (1915) - ESB, vol. XIV, p. 176.

⁴⁹Ibid., p. 171-172.

⁵⁰Ibid., p. 172, 173 e 175.

Freud atribui à vicissitude sofrida pela quota de afeto uma importância muito maior que à sofrida pela idéia. "Se uma repressão não conseguir impedir que surjam sentimentos de desprazer ou de ansiedade, podemos dizer que falhou, ainda que possa ter alcançado seu propósito no tocante à parcela ideacional".⁵¹ É necessário lembrar, porém, que as idéias reprimidas têm existência real no sistema inconsciente, enquanto os afetos inibidos no seu desenvolvimento não.

Esse fator quantitativo do representante instintual pode sofrer três vicissitudes: ou permanece, no todo ou em parte, como é; ou é deslocado para uma estrutura afetiva qualitativamente diferente, o que pode, inclusive, provocar ansiedade; ou é suprimido, isto é, a quota de afeto é descarregada pela motilidade e a estrutura afetiva impedida de se desenvolver. Freud considera que suprimir o desenvolvimento do afeto constitui a verdadeira finalidade da repressão.⁵²

Ainda com relação às vicissitudes que a quota de afeto pode sofrer, devemos ressaltar que Freud, no texto citado,⁵² comete imprecisão terminológica, não estabelecendo a necessária distinção entre quantidade de afeto e estrutura afetiva, do que resulta uma exposição pouco clara do tópico. O desenvolvimento que apresentamos no parágrafo anterior baseou-se em outro trabalho,⁵³ que elucida essas e outras imprecisões que envolvem o termo *afeto* no texto freudiano.

Após descrever o processo de repressão, Freud faz considerações, bastante cautelosas, sobre o mecanismo do processo, que só é acessível através dos efeitos observáveis, entre os quais destaca a formação de substitutos e sintomas.

⁵¹ Ibid., p. 177.

⁵² Freud, S. - *O inconsciente* (1915) - ESB, vol. XIV, p. 204.

⁵³ Barros, C.P. - *Contribuição à controvérsia sobre o "ponto de vista econômico"*, p. 59-61.

Acredita, porém, que esses efeitos não são produzidos pela repressão, mas indicações de um retorno do reprimido, que obedecem a processos de formação diferentes.⁵⁴

Laplanche e Pontalis⁵⁵ consideram, inclusive, o retorno do reprimido como uma terceira fase do processo de repressão da idéia, que se segue à repressão originária e a repressão propriamente dita. Já sabemos que as idéias reprimidas subsistem no inconsciente; se, porém, a relação de forças que mantém a repressão é alterada, elas podem reaparecer na consciência, como formação de compromisso entre o reprimido e o agente repressor. Esses substitutos podem manifestar-se como sintomas, sonhos ou atos falhos, por exemplo.

Freud conclui suas considerações, que procuramos sintetizar, sobre os mecanismos do processo de repressão, afirmando que eles têm pelo menos uma coisa em comum: uma retirada da catexia — verbal, como veremos. Essa concepção é retomada adiante, na mesma série de trabalhos, após haver configurado melhor as relações entre os sistemas consciente e inconsciente.⁵⁶ Faz, então, uma abordagem global que, como vimos, chamou de *apresentação metapsicológica*. Essa expressão, que deu nome à série de Artigos de 1915, refere-se à descrição de um processo psíquico em seus aspectos dinâmico, econômico e topográfico.

A nova abordagem do processo de repressão parte da suposição de que o sistema pré-consciente se protege da pressão exercida pela idéia inconsciente por meio de uma *anticatexia*, que assegura o estabelecimento e a continuidade da repressão originária e, também, mantém a repressão propriamente dita. Daí o permanente dispêndio de energia, para garantir a proteção do sistema pré-consciente, e o corolário de resultar a eliminação da repressão em poupança de energia, do

⁵⁴Freud, S. - *Repressão* (1915) - ESB, vol. XIV, p. 177-178.

⁵⁵Laplanche e Pontalis - *Vocabulário da psicanálise*. p. 556.

⁵⁶Freud, S. - *O inconsciente* (1915) - ESB, vol. XIV, p. 207-208.

ponto de vista econômico.

A anticatexia responde pela repressão originária; no caso da repressão propriamente dita, porém, ocorre ainda a já citada retirada da catexia. Vimos que a vinculação com resíduos mnêmicos da fala caracteriza a natureza pré-consciente de processos no interior do ego. Uma idéia* que não seja posta em palavras permanece no inconsciente, em estado de repressão. É essa vinculação que é negada à idéia, como Freud mostra no Capítulo VII de *O Inconsciente*. A retirada da catexia é, justamente, a negação dessa vinculação, pois uma idéia inconsciente, quando ligada às palavras que lhe correspondem, é hipercatexizada e, assim, capaz de tornar-se consciente. Freud supõe que essas hipercatexias provocam uma organização psíquica mais elevada, possibilitando a sucessão do processo primário pelo processo secundário.⁵⁷

Esses são, em nossa opinião, os pontos mais essenciais, na formulação de 1915, sobre o processo de repressão. A leitura dos capítulos II e III de *O ego e o id*, porém, mostra que, em 1923, as concepções de Freud sobre a organização psíquica que possibilita a sucessão do processo primário pelo secundário haviam evoluído. O papel desempenhado pelas representações verbais é confirmado: "Através de sua interposição, os processos internos de pensamento são transformados em percepções. (...) Quando uma hipercatexia do processo de pensamento se efetua, os pensamentos são *realmente percebidos* — como se proviessem de fora — e, conseqüentemente, são considerados verdadeiros".⁵⁸ A função secundarizante, con

*Estamos empregando a tradução *idéia* para *Vorstellung*, pois foi usada até aqui. Nessa parte do texto, porém, a tradução adotada na ESB é *apresentação*.

⁵⁷Freud, S. - *O Inconsciente* (1915) - ESB, vol. XIV, p. 230.

⁵⁸Freud, S. - *O ego e o id* (1923) - ESB, vol. XIX, p. 36-37 (grifo do autor).

tudo, não é exclusiva da vinculação com resíduos da fala.

Ao apresentar, no texto em pauta, a última formulação da topografia do aparelho psíquico, Freud refere-se ao ego como a parte do id modificada pela influência direta do mundo externo, mas atribui também às percepções endógenas um papel nesse processo, uma vez que, através delas, o homem adquire conhecimento de seu próprio corpo.⁵⁹ Acrescenta, além disso, que, entre o material herdado pelo id, existem experiências repetidas por numerosos egos, admitindo, dessa forma, que também o patrimônio genético pode incluir tendências secundarizantes.⁶⁰ Finalmente, cita como outra complicação os efeitos, sobre a formação do ego, das primeiras identificações, ocorridas na mais primitiva infância.⁶¹

Ao retomarmos agora a citação(58) em que Freud se refere ao papel das representações verbais, parece-nos lícito concluir que o emprego da expressão "processos de pensamento" indica que não é a palavra que secundariza, mas a língua, com suas seqüências organizadas. Essa conclusão está apoiada na analogia com as formulações do parágrafo anterior, nas quais o mundo externo (tanto o físico como o social), o próprio corpo, o patrimônio genético e as identificações primitivas aparecem todos como secundarizantes, por conterem estruturas organizadas que influem na transformação de parte do id em ego.

Após registrarmos esses acréscimos à concepção de 1915 sobre a sucessão do processo primário pelo secundário, podemos voltar aos Artigos sobre Metapsicologia, onde Freud ressalta que a repressão tem importância não apenas por afastar da consciência idéias que causam desprazer; ela também

⁵⁹Ibid., p. 39-40.

⁶⁰Ibid., p. 53.

⁶¹Ibid., p. 42-45.

impede o desenvolvimento de afetos e o desencadeamento de atividade muscular. Assim, o sistema consciente pode controlar a afetividade e a motilidade e, enquanto o faz, a condição mental da pessoa é considerada normal. O controle sobre a motilidade voluntária é, porém, bem mais seguro que sobre as descargas da musculatura involuntária, ou seja, as emoções. "Mesmo dentro dos limites da vida normal podemos reconhecer que uma luta constante pela primazia sobre a afetividade prossegue entre os sistemas consciente e inconsciente..."⁶²

A última questão de que trataremos neste tópico será a da aplicabilidade da teoria da repressão às duas classes de instintos básicos. Quanto aos instintos sexuais não há dúvida, pois, como já afirmamos (p. 19), Freud baseou neles suas investigações sobre as vicissitudes dos instintos. Ao longo dos trabalhos metapsicológicos de 1915 ele frequentemente usa o termo *libido* e, inclusive, justifica o uso, em substituição a *cateria*.⁶³

No que diz respeito ao instinto de morte, porém, as dificuldades são bem maiores, como o próprio Freud reconheceu (ver p. 20). Isso se deve ao fato de que esse instinto só se manifesta através de seu representante, o instinto destrutivo. Restringiremos, portanto, nossos breves comentários às manifestações desse último, começando por enumerar alguns pontos, já citados, de especial interesse: 1) os instintos que operam no id são compostos de fusões, em proporções variáveis, de Eros e do instinto de destruição; 2) o sadismo — exemplo de fusão instintual útil — identifica-se com o instinto de destruição, colocado, para fins de descarga, a serviço de Eros; 3) uma energia neutra, que provém da libido narcísica, pode somar-se tanto a impulsos eróticos como a destrutivos, para neutralizar bloqueios e facilitar a descarga; 4) uma das vicissitudes que o fator quantitativo do represen

⁶²Freud, S. - *O Inconsciente* (1915) - ESB, vol. XIV, p. 205.

⁶³Ibid., p. 209

tante instintual pode sofrer é ser deslocado para uma estrutura afetiva qualitativamente diferente; 5) qualquer restrição da agressividade dirigida para fora estaria fadada a aumentar a autodestruição.

Pela consideração desses pontos, somos levados a crer que os representantes psíquicos do instinto destrutivo — entendido como manifestação externa do instinto de morte — estão sujeitos à vicissitude da repressão. De outra forma, seria difícil aceitar a idéia da fusão e a da energia neutra somando-se a impulsos destrutivos para neutralizar bloqueios, por exemplo. Há, inclusive, uma referência explícita de Freud à repressão de um impulso hostil.⁶⁴

As dificuldades, porém, persistem se entramos no mérito da fonte do instinto de morte. Uma energia neutra, que provém do estoque de libido narcísica, pode somar-se à catexia de impulsos destrutivos; mas de onde provém essa catexia? Como conciliar uma destrutividade sem qualquer finalidade sexual com a idéia da fusão? Freud admite mesmo ser difícil sustentar o ponto de vista dualista na teoria dos instintos, a menos que se considere que os instintos de morte são, por natureza, mudos.⁶⁵ Mais uma vez, porém, transferiremos essa discussão, para o momento em que nos ocuparmos dos trabalhos que tratam da cultura.

Sublimação

A sublimação completa o nosso estudo das vicissitudes instintuais. Ao contrário das outras três, porém, não dispomos de uma exposição sistematizada a respeito dela. Começaremos, então, por apresentar alguns conceitos formulados a partir de 1915 para, em seguida, tentar extrair deles algumas conclusões.

⁶⁴Freud, S. - *Repressão* (1915) - ESB, vol. XIV, p. 180

⁶⁵Freud, S. - *O ego e o id* (1923) - ESB, vol. XIX, p. 62.

Nesse mesmo ano, Freud, referindo-se aos impulsos sexuais, afirma que eles "...fornecem contribuições, que não podem ser subestimadas, às mais elevadas criações culturais, artísticas e sociais do espírito humano". Situa, a seguir, a questão como sacrifício da satisfação instintual em benefício da civilização e acrescenta que "Entre as forças instintuais que têm esse destino, os impulsos sexuais desempenham uma parte importante...", não indicando que outras forças instintuais poderiam ter igual destino, mas não excluindo a possibilidade. Por fim, caracteriza os impulsos sexuais que sofrem esse processo como sublimados, isto é, "...desviados de suas finalidades sexuais e dirigidos a outras, socialmente mais elevadas e não mais sexuais".⁶⁶

Em 1922 o conceito já se ampliara, com a menção à mudança de objeto: "A vicissitude mais importante que um instinto pode experimentar parece ser a *sublimação*; aqui, tanto o objeto quanto o objetivo são modificados; assim, o que originalmente era um instinto sexual encontra satisfação em alguma realização que não é mais sexual, mas de uma valorização social ou ética superior".⁶⁷

No ano seguinte, já estabelecida a última formulação da topografia do aparelho psíquico, novas conjecturas são introduzidas: "A transformação da libido do objeto em libido narcísica... implica um abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização — uma espécie de sublimação, portanto. Em verdade, surge a questão, que merece consideração cuidadosa, de saber se este não será o caminho universal à sublimação, se toda sublimação não se efetua através da mediação do ego, que começa por transformar a libido objetal sexual em narcísica e, depois, talvez, passa a fornecer-lhe outro objetivo".⁶⁸

⁶⁶Freud, S. - *Conferência I* (1916 [1915]) - ESB, vol. XV, p. 35-36.

⁶⁷Freud, S. - *Dois verbetes de enciclopédia* (1923 [1922]) - ESB, vol. XVIII, p. 309 (grifo do autor).

⁶⁸Freud, S. - *O ego e o id* (1923) - ESB, vol. XIX, p. 44.

Em 1929, numa passagem em que é abordada a questão da felicidade e do sofrimento na existência humana, a sublimação aparece associada à idéia de reorientação dos objetivos instintivos para evitar as frustrações do mundo externo. Trata-se de intensificar a produção de prazer através do trabalho psíquico e intelectual, como as atividades artísticas e científicas. Em consequência, é realçado o papel da sublimação no processo de civilização.⁶⁹

Encerraremos esta seqüência de conceitos com duas breves passagens de um texto de 1932: "A evidência da experiência analítica mostra como fato indubitável que os impulsos instintuais provenientes de uma fonte ligam-se àqueles que provêm de outras fontes e compartilham de suas vicissitudes, e que, de modo geral, uma satisfação instintual pode ser substituída por outra". (...) "Um determinado tipo de modificação da finalidade e de mudança do objeto, na qual se levam em conta nossos valores sociais, é descrito por nós como 'sublimação'."⁷⁰

Essas são apenas algumas das referências — em nosso entender particularmente significativas — à sublimação, na obra freudiana. Outros autores dedicaram-se ao tema, porém sua complexidade, agravada pelo tratamento vago que Freud lhe dispensou, nos desaconselha, face as características deste trabalho, a irmos além de nossa proposta inicial.

O exame comparativo dos conceitos apresentados mostra que, em todos eles, a sublimação é vista como uma mudança da finalidade instintual. Parece, também, bastante claro que se trata de mudança de finalidades sexuais para outras, não sexuais, socialmente mais valorizadas, ou seja, uma dessexualização. Não nos parece coerente, entretanto, que, pelo aban

⁶⁹Freud, S. - *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]) - ESB, vol. XXI, p. 98 e 118.

⁷⁰Freud, S. - *Conferência XXXII* (1933 [1932]) - ESB, vol. XXII, p. 121.

dono de objetivos sexuais, a sublimação seja confundida com a neutralização. Vimos que a energia neutra pode ligar-se a impulsos eróticos ou destrutivos; esse destino não é compatível com a energia sublimada. A sublimação implica neutralização, mas a energia é posta a serviço de finalidades ditas superiores e não da facilitação da descarga de impulsos instintuais.

Em dois dos trabalhos citados a sublimação é considerada um benefício à civilização. Entendemos que realmente o é, pelas contribuições intelectuais, artísticas e sociais que enseja. Em um deles, porém, Freud situa esse benefício como resultado do sacrifício da satisfação instintual, enquanto no outro é realçada a característica de defesa contra as frustrações do mundo externo. Ambos os aspectos são procedentes, pois dizem respeito à atividade do ego, que utiliza a energia dos instintos para defender-se deles e, em consequência, evitar as reações do mundo externo às manifestações instintuais indesejáveis.

Já temos elementos para afirmar que a sublimação ocorre no ego e, portanto, regida pelo processo secundário. Sabemos também que o patrimônio genético pode conter impressões de experiências repetidas por numerosos egos. Podemos, então, supor que a sublimação seja, em parte, determinada pela filogênese.

Resta-nos considerar a possibilidade de sublimação de impulsos agressivos. Para isso, retomamos as considerações já enumeradas ao discutirmos a repressão do instinto de morte, que, reforçadas pela afirmativa de que os impulsos instintuais que se fundem compartilham suas vicissitudes, nos levam a concluir que a sublimação não se restringe aos impulsos sexuais mas, como a repressão, atinge também os agressivos.

3. O DESENVOLVIMENTO DA FUNÇÃO SEXUAL

Constatamos, no decorrer do nosso estudo da teoria dos instintos, que a maior parte do que conhecemos sobre eles diz respeito a Eros. Do obscuro instinto de morte pouco sabemos; mesmo limitando nossas considerações à parcela desviada para o mundo externo, que se manifesta como instinto de agressividade e destrutividade, ainda ficamos com questões sem resposta. A dificuldade é bem menor com relação a Eros, pois aprendemos que o estudo da função sexual fornece valiosas informações sobre ele. Empreenderemos, portanto, esse estudo, retomando o Esboço, em seus capítulos III e VII, como orientação geral para o trabalho.

Algumas das descobertas mais significativas da psicanálise dizem respeito à sexualidade (p. 177). Em primeiro lugar, a vida sexual começa logo após o nascimento e não apenas na puberdade, como se supunha. As crianças, desde as etapas mais primitivas do seu desenvolvimento, apresentam sinais observáveis de atividade sexual, como excitações e satisfação. Essa atividade, ademais, está vinculada a fenômenos psíquicos relativos à vida sexual dos adultos.

Em outro texto, Freud desenvolve uma interessante explicação para as restrições à sexualidade infantil que levaram à crença em sua inexistência. Partindo do pressuposto de que a civilização surgiu e desenvolveu-se em função das exigências da vida e à custa da satisfação instintual, afirma que "O móvel da sociedade humana é, em última análise, econômico; como não possui provisões suficientes para manter vivos todos os seus membros, a menos que trabalhem, ela deve limitar o número de seus membros e desviar suas energias da atividade sexual para o trabalho".⁷¹ Não faremos, no momento,

⁷¹Freud, S. - *Conferência XX* (1917 [1916-1917]) - ESB, vol. XVI, p. 364-365.

comentários a respeito dessa passagem, pois o assunto será objeto de apreciação mais detalhada adiante; mas ela serve de base à proposição seguinte, que interessa mais diretamente ao nosso tema: "Sem dúvida, a experiência deve ter ensinado aos educadores que a tarefa de docilizar a tendência sexual da nova geração só poderia ser efetuada se começassem a exercer sua influência muito cedo, se não esperassem pela tempestade da puberdade, mas interviessem logo na vida sexual das crianças, que é preparatória para a puberdade. Por essa razão, todas as atividades sexuais foram proibidas às crianças e vistas com maus olhos; erigiu-se o ideal de tornar a vida das crianças assexual, e, no decorrer do tempo, as coisas chegaram ao ponto de as pessoas realmente acreditarem que as crianças sejam assexuais e, subseqüentemente, de a ciência proclamar isto como doutrina".⁷²

Em sua obra fundamental sobre o tema, os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905), à qual recorreremos para complementar o condensado texto do Esboço, Freud relata que, à época, as observações sobre atividade sexual infantil na literatura específica eram ocasionais e, mesmo assim, sempre mencionadas como ocorrências excepcionais ou casos de depravação precoce. Esse fato é atribuído à própria educação dos autores e ao fenômeno de *amnésia infantil*, de grande interesse teórico por sua importância para o estudo da etiologia das neuroses e para a técnica da terapia psicanalítica.

É bastante significativo que a maioria das pessoas não se lembre de tantas impressões de sua infância, particularmente do período de maior atividade sexual, e que essas impressões esquecidas tenham deixado traços marcantes no psiquismo e afetado todo o desenvolvimento posterior. As impressões da infância, na verdade, não desapareceram, mas foram

⁷²Ibid., p. 365.

afastadas da consciência, ou seja, reprimidas.⁷³

A segunda das descobertas relativas à sexualidade mostra que é necessário estabelecer uma distinção clara entre o que é *sexual* e o que é *genital*. Com o desenvolvimento da psicanálise, tornou-se insustentável a crença de que a vida sexual humana consiste em colocar o órgão genital em contato com o de alguém do sexo oposto e alguns atos secundários, de caráter introdutório ou acessório. Há pessoas que abandonam completamente esse objetivo sexual considerado normal, embora seus desejos comportem-se caracteristicamente como sexuais (p. 177).

A terceira descoberta, que se relaciona com a segunda, torna também insustentável a crença de que a vida sexual humana está exclusivamente a serviço da reprodução. A vida sexual inclui a função de obter prazer das zonas erógenas,* a qual nem sempre coincide com o objetivo de reprodução, como é evidente, por exemplo, no caso das relações homossexuais (p. 177-8). Tentaremos analisar conjuntamente a segunda e a terceira descobertas e, por esse caminho, retornar à primeira, ou seja, à questão da sexualidade infantil.

Partiremos do conceito de *perversão*, cuja importância para a teoria da sexualidade exige que o examinemos cuidadosamente. Como vimos, entende-se por *objetivo sexual normal* a união dos órgãos genitais no ato da cópula, acompanhada de atos preliminares e acessórios; os desvios em relação a esse objetivo seriam considerados pervertidos. O emprego desse termo, contudo, apresenta dificuldades: em 1905, Freud afirma que se houver demora nos atos preliminares a perversão estará caracterizada; demonstra, porém, a dificuldade para fixar um limite entre objetivos sexuais normais e pervertidos;

⁷³Freud, S. - *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) - ESB, vol. VII, p. 177-179.

*Entende-se por *zonas erógenas* as partes do corpo em que a excitação sexual se origina; Freud considera que, na verdade, o corpo inteiro é uma zona erógena (p. 176).

reconhece que atos pervertidos estão presentes na vida sexual das pessoas sadias e conclui por considerar inadequado o uso do termo perversão com sentido de censura. Em decorrência, estabelece que somente quando a perversão expulsa completamente os objetivos sexuais normais e toma o lugar deles em todas as circunstâncias, isto é, se adquire as características de exclusividade e fixação, deveremos considerá-la um sintoma patológico.⁷⁴

Nas Conferências de 1916-17 não surgem alterações substanciais desses pontos de vista. Freud afirma então que "...um ou outro traço de perversão raramente está ausente da vida sexual das pessoas normais". A essência das perversões está na exclusividade dos desvios em relação ao objetivo sexual normal, em consequência dos quais o ato sexual a serviço da reprodução é posto de lado. A distância entre sexualidade normal e pervertida torna-se bem menor, em razão desses fatos.⁷⁵

Em outra parte, na mesma série de Conferências, encontramos o caminho que nos leva das perversões à sexualidade infantil. Aqui, a atividade sexual é considerada pervertida "...quando foi abandonado o objetivo da reprodução e permanece a obtenção de prazer, como objetivo independente". O abandono da função reprodutiva é, portanto, característico das perversões. As crianças, então, só podem ter uma vida sexual do tipo pervertido, pois são desprovidas da função reprodutiva e obtêm prazer através da atividade de instintos parciais que, como veremos, coincidem com aqueles em que se fixa a atividade sexual pervertida.⁷⁶

A semelhança entre sexualidade infantil e perversões conduziu a investigação psicanalítica a comparar inferências da análise de adultos com resultados da observação de crian-

⁷⁴ Ibid., p. 151-163.

⁷⁵ Freud, S. - Conferência XXI (1917 [1916-17]) - ESB, vol. XVI, p. 377.

⁷⁶ Freud, S. - Conferência XX (1917 [1916-17]) - ESB, vol. XVI, p. 369-370.

ças, verificando-se que todas as inclinações à perversão ti nham raízes na infância.⁷⁷ Como a atividade sexual das crianças faz parte de um curso ordenado de desenvolvimento, vamos apresentá-lo, seguindo o Esboço, para, finalmente, chegar às relações com alguns fenômenos psíquicos da vida erótica adulta.

A partir do nascimento, inicia-se a primeira fase desse processo de desenvolvimento, chamada *fase oral*, porque a boca é sua zona erógena característica. Toda a atividade psíquica concentra-se, então, na satisfação das necessidades dessa zona. Essa satisfação está basicamente a serviço da autopreservação, mediante a nutrição; mas o bebê persiste em sugar, mesmo quando alimentado, e demonstra que a sucção lhe proporciona prazer independentemente da nutrição, o que caracteriza a atividade como sexual (p. 179).

A necessidade de repetir a satisfação sexual separada da necessidade de alimento pode ser observada através do ato de sugar o dedo; essas primeiras manifestações da sexualidade infantil são auto-eróticas, pois os objetos são partes do próprio corpo da criança. Na realidade, porém, essa repetição tenta renovar as primeiras experiências de prazer, proporcionadas pela sucção do seio materno, que são vitais para o desenvolvimento da função sexual.⁷⁸

As fases desse desenvolvimento não se sucedem de forma clara; podem sobrepor-se e estar presentes lado a lado. Assim, os primeiros impulsos agressivos já ocorrem durante a fase oral, com o aparecimento dos dentes. São, porém, muito mais frequentes na segunda fase, denominada *anal-sádica*, por ser a satisfação obtida através da agressão e da função excretória. A fusão dos impulsos agressivos com os libidinais, a

⁷⁷Ibid., p. 363.

⁷⁸Freud, S. - *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) - ESB, vol. VII, p. 186-187.

que já nos referimos, aparece aqui pela primeira vez e, doravante, persiste (p. 179-180).

A zona erógena característica dessa fase é a anal, adequada, a exemplo da boca, por associar a sexualidade a outra função somática. A massa fecal atua como estimulante sobre uma parte sexualmente sensível da membrana mucosa dessa zona, provocando sensações prazerosas. Além disso, a criança utiliza o controle sobre a função excretória no relacionamento com as pessoas que cuidam dela. Não sente repugnância por suas fezes, valoriza-as como parte do seu próprio corpo e usa-as como um "presente" às pessoas a quem preza, manifestando, assim, sua concordância com o ambiente que a rodeia. Por outro lado, a retenção das fezes, a par da intensificação do prazer, visa a manifestar sua desobediência.⁷⁹

Na fase anal as crianças se defrontam, provavelmente pela primeira vez, com o mundo externo como força inibidora, hostil ao seu desejo de prazer, ao constatar que não devem eliminar as excreções nos momentos de sua escolha, mas quando outras pessoas assim o decidem. Para conseguir isso, as pessoas que cuidam da criança desvalorizam a função excretória e, a partir de então, tudo que a ela diz respeito adquire forte conotação pejorativa.⁸⁰ A proibição de obter prazer através dessa função e de seus produtos exerce grande influência sobre o desenvolvimento da criança. Apesar desses fatos, porém, a zona anal, com frequência, retém considerável quantidade de suscetibilidade à excitação sexual através da vida.⁸¹

As organizações características das duas fases até aqui estudadas são pré-genitais. A terceira fase, porém, já

⁷⁹Ibid., p. 190-191.

⁸⁰Freud, S. - *Conferência XX* (1917 [1916-17]) - ESB, vol. XVI, p. 368.

⁸¹Freud, S. - *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) - ESB, vol. VII, p. 190.

pode ser considerada genital, pois o interesse nos órgãos genitais e em sua atividade adquire um significado dominante; já ocorre escolha de objeto e certo grau de convergência dos impulsos sexuais sobre o objeto. Há, portanto, considerável semelhança com a organização final assumida pela vida sexual, mas há, também, uma diferença marcante: para ambos os sexos, entra em consideração apenas o órgão genital masculino, em razão do que a fase é conhecida como *fálica* (p. 179-180).

Os órgãos genitais femininos permanecem desconhecidos por muito tempo. Em 1916-17 Freud afirma que, na vida sexual infantil, "...o clitóris da menina assume inteiramente o papel de pênis: caracteriza-se por especial excitabilidade e se situa na área em que é obtida a satisfação auto-erótica".⁸² No Esboço, em nota de rodapé (p. 180), reafirma essa idéia, ao comentar que as referências frequentes a excitações vaginais precoces provavelmente aludem a excitações do clitóris, ou seja, de um órgão análogo ao pênis, não invalidando, portanto, a denominação de fase fálica.

Ao longo dessa fase, a sexualidade infantil atinge seu apogeu — o clímax ocorre por volta do final do quinto ano de idade. As investigações sexuais das crianças, que começam muito precocemente, intensificam-se, partindo da suposição de que todos os seres humanos têm como órgão genital o pênis. Daí em diante, porém, os caminhos divergem (p. 180).

O menino começa a manipular o pênis, mas logo descobre que os adultos não aprovam esse comportamento e, frequentemente, ameaçam-no de castração. Essas ameaças, de início, não são levadas muito a sério, mas a visão dos órgãos genitais femininos acaba por convencê-lo da possibilidade. Freud julga que "...o significado do complexo de castração só pode ser corretamente apreciado se sua origem na fase da primazia

⁸²Freud, S. - *Conferência XX* (1917 [1916-17]) - ESB, vol. XVI, p. 371.

fálica for também levada em consideração".⁸³ Nessa fase, o pênis é altamente valorizado pelo menino; assim, a constatação de que algumas pessoas não o possuem dá maior relevo às ameaças que lhe tenham sido feitas e ele termina por acreditar que essas pessoas foram castradas por punição.

Por essa época, o menino já ingressou na fase edipiana.* Simultaneamente à manipulação prazerosa do pênis, tem fantasias de executar algum tipo de atividade com ele em relação à mãe, cujo seio foi seu primeiro objeto, depois estendido à pessoa (p. 180 e 216-217). A aceitação da possibilidade de castração, porém, faz surgir um conflito, pois a satisfação no terreno do complexo de Édipo deve custar-lhe o pênis. Como resultado desse conflito, normalmente, o ego do menino abandona as catexias objetivas edipianas e as substitui por identificações; a autoridade dos pais é introjetada e forma o núcleo do superego, que vai defender o ego do retorno das catexias libidinais; esse processo dá início ao período de latência, que interrompe o desenvolvimento sexual. Freud observa que as relações apresentadas, entre a organização fálica, o complexo de Édipo, a ameaça de castração, a formação do superego e o começo do período de latência são típicas, mas ressalva que não assevera ser esse tipo o único possível.⁸⁴

Vimos, com base no Esboço (p. 180), que a partir da intensificação das investigações sexuais das crianças, os caminhos divergem. O que se seguiu foi uma tentativa de sintetizar o curso da vida sexual dos meninos, até o início do período de latência. Com relação às meninas, os rumos são outros e, para acompanhá-los, não podemos nos apoiar nas mesmas obras, de vez que Freud reviu seus pontos de vista sobre essa

⁸³Freud, S. - *A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)* (1923) - ESB, vol. XIX, p. 182.

*O complexo de Édipo será estudado no tópico seguinte.

⁸⁴Freud, S. - *A dissolução do complexo de Édipo* (1924) - ESB, vol. XIX, p. 221, 222 e 224.

fase do desenvolvimento sexual feminino, em particular quanto ao complexo do Édipo. Somente em 1925 ele enunciou, num pequeno trabalho, os aspectos mais essenciais de suas novas idéias. Esse trabalho, a despeito de ter havido algumas ampliações posteriores, atende aos nossos propósitos e, portanto, será utilizado como referência.⁸⁵ Quando necessário, recorreremos àquelas ampliações, para complementá-lo.

O primeiro objeto erótico, também para a menina, é o seio da mãe que a alimenta, depois completado na pessoa da mãe, que não apenas a alimenta, mas também cuida dela (p. 216-217). Durante a fase pré-edipiana, portanto, existe uma intensa ligação da menina com a mãe, o que torna mais longo o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo, em que o pai é tomado como objeto.⁸⁶

São traços característicos da fase fálica da menina o interesse pela zona genital — o clitóris — e a descoberta de que essa zona é fonte de sensações prazerosas. Outra descoberta, porém, está destinada a ter maior repercussão no seu desenvolvimento: a da inferioridade do seu clitóris em relação ao pênis do menino. Ela reage ao fato de não ter um e essa inferioridade tem conseqüências relevantes para o curso de sua vida sexual e a formação de seu caráter.

O estudo dos efeitos desse complexo de castração nas meninas apresentou sérias dificuldades, como Freud reconheceu. Comparamos três descrições desses efeitos, contidas nos trabalhos que nos vêm servindo de orientação no estudo do desenvolvimento sexual feminino: o de 1925,⁸⁵ o de 1931⁸⁶ e o Capítulo VII do Esboço. Optamos pela última, não apenas em razão da cronologia, mas também por nos parecer a mais clara. Ao expo-la, acrescentaremos alguns pontos pertinentes, extraídos das outras duas.

⁸⁵Freud, S. - *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925) - ESB, vol. XIX, p. 312-320.

⁸⁶Freud, S. - *Sexualidade feminina* (1931) - ESB, vol. XXI, p. 264.

A menina, ao dar-se conta da inferioridade do seu clitóris, reconhece a superioridade do homem, mas reage a esse estado de coisas. Abrem-se, então, três caminhos de desenvolvimento. No primeiro, insatisfeita, ela desiste de sua atividade fâlica e volta as costas completamente à sexualidade em geral. No segundo, ela persiste em seu desejo de ter um pênis, transformar-se em menino. Poderá, nesse caso, tornar-se homossexual manifesta ou apresentar traços marcadamente masculinos no desenvolvimento de sua vida futura. No terceiro caminho, a filha afasta-se da mãe por uma série de motivos, mas, principalmente, por tê-la trazido ao mundo como mulher, ou seja, sem pênis. Não a perdoa por isso e coloca no lugar dela, como objeto de amor, o pai. A perda da mãe como objeto amoroso pode levar a uma identificação com ela. O caminho para a forma feminina do complexo de Édipo está aberto.

A relação entre o complexo de Édipo e o complexo de castração assume, portanto, formas distintas: para os homens, a ameaça de castração dá fim ao complexo de Édipo; para as mulheres, a falta de um pênis as impele ao complexo de Édipo. Vemos que, no caso das meninas, não há um motivo para a dissolução desse complexo; é possível lidar com ele mediante a repressão, abandoná-lo lentamente ou conviver com seus efeitos.

O período inicial da vida sexual, até aqui descrito, com suas três fases e sua culminância no complexo de Édipo, é sucedido por um período de latência. A organização completa só se conclui na puberdade, numa quarta fase, chamada *genital*. O desenvolvimento da função sexual é, portanto, difásico; o período de latência, que marca essa divisão, não é muito discutido nos trabalhos que vimos examinando. Seleccionamos duas referências mais explícitas a ele.

Em 1905, Freud faz ressalvas ao conhecimento de que dispõe sobre esse período. Considera que a latência pode ser

total ou parcial e que durante ela são construídas barreiras inibidoras da sexualidade: a repugnância, os sentimentos de vergonha e as exigências dos ideais estéticos e morais. A educação participa da construção de tais barreiras, mas, ao fazê-lo, limita-se a seguir linhas já fixadas pela hereditariedade. Afirma, ademais, que essas barreiras resultam da sublimação dos impulsos sexuais infantis.⁸⁷

Já em 1916-17, considera que o período de latência pode estar ausente, pois não ocorre necessariamente interrupção da atividade sexual e dos interesses sexuais, e faz referência à amnésia em relação à maior parte das impressões anteriores a esse período.⁸⁸

Podemos acrescentar mais um ponto de interesse, baseando-nos na descrição que fizemos do primeiro período da vida sexual. No caso do menino, o início do período de latência é marcado pela dissolução do complexo de Édipo; com relação às meninas, porém, não há um motivo marcante para a dissolução desse complexo. Além disso, como veremos adiante, a formação do superego também é diversa. Assim, concluímos que o desenvolvimento da função sexual apresenta peculiaridades para cada sexo também durante o período de latência, confirmando que "a anatomia é o destino".⁸⁹

Como vimos, a vida sexual atinge sua organização completa na fase genital. No período infantil, ela consiste na atividade de instintos parciais independentes, cuja satisfação é, em parte, auto-erótica, mas também obtida através de um objeto externo; na fase fálica já ocorre um início de organização, sob a primazia do órgão genital masculino. O re-

⁸⁷Freud, S. - *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) - ESB, vol. VII, p. 180-184.

⁸⁸Freud, S. - *Conferência XXI* (1917 [1916-17]) - ESB, vol. XVI, p. 381.

⁸⁹Freud, S. - *A dissolução do complexo de Édipo* (1924) - ESB, vol. XVI, p. 370.

sultado final do desenvolvimento, que se poderia chamar de vida sexual normal do adulto, caracteriza-se pela busca do prazer sob a influência da função reprodutora e por uma organização dos instintos parciais, sob o primado dos órgãos genitais, dirigida para um objetivo sexual ligado a um objeto externo.⁹⁰

O processo de formação dessa organização é descrito esquematicamente no Esboço (p. 180-181), como segue: (1) algumas catexias libidinais primitivas são conservadas; (2) outras são incorporadas à função sexual como atos auxiliares, que produzem o chamado pré-prazer; (3) outras são excluídas da organização, seja através de repressão ou do seu emprego no ego, como na sublimação e na identificação.

Ocorrem inibições no desenvolvimento desse processo, que se manifestam como distúrbios da vida sexual. Assim, encontramos fixações da libido a condições de fases anteriores, com características de exclusividade, já descritas como perversões. Via de regra, o resultado final do processo depende da distribuição quantitativa da libido; a fixação enfraquece a organização genital, o que se revela numa tendência à regressão da sexualidade a etapas primitivas do seu desenvolvimento.

Já nos referimos à substituição das catexias objetivas edípicas por identificações. Esse tipo de substituição desempenha papel de relevo na formação do ego e na construção do seu caráter. O assunto, por sua importância e complexidade, exige um estudo específico, do qual nos ocuparemos no tópico seguinte.

⁹⁰Freud, S. - *Conferência XX* (1917 [1916-17]) - ESB, vol. XVI, p. 370.

- *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) - ESB, vol. VII, p. 203.

4. O SUPEREGO

Afirmamos, no capítulo anterior, com base em trabalhos de Freud, que a dissolução do complexo de Édipo, para os indivíduos do sexo masculino, decorre de um conflito típico, cujo desfecho normal é o abandono das catexias objetais e sua substituição por identificações. Desse modo, a autoridade dos pais é introjetada e forma o núcleo do superego. Afirmamos, também, que o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo é outro. Não existe o motivo que, no caso dos homens, determina sua dissolução e, assim, a formação do superego é também distinta.

Essa breve recapitulação caracteriza a necessidade de conhecermos melhor as peculiaridades, para cada sexo, do complexo de Édipo. A partir delas, chegaremos à formação do núcleo do superego e, a seguir, veremos como esse núcleo assimila influências posteriores, ao longo do desenvolvimento. Finalmente, faremos algumas considerações sobre o papel desempenhado pelo superego na vida mental, em particular na formação do caráter.

Antes de empreendermos esse estudo, é oportuno resumir as considerações que fizemos, a respeito do superego, no tópico que trata do aparelho psíquico, pois seguem a formulação do Esboço — não tendo, portanto, sofrido reformulações — e serão úteis como ponto de partida. O superego resulta do longo período infantil de dependência em relação aos pais e constitui-se num prolongamento da influência parental, que abrange não apenas a personalidade dos pais, mas estende-se à família, à cultura e outras influências do meio social. No decurso do desenvolvimento, o superego recebe contribuições de substitutos dos pais, como professores e pessoas escolhidas como modelos. Ele representa, em última análise, uma influência da infância que se prolonga por toda a vida.

O Complexo de Édipo

Iniciaremos o estudo mais pormenorizado do complexo de Édipo apresentando algumas generalidades e passando, em seguida, ao caso masculino. Para tal, será necessário utilizar quatro textos que se complementam, para não perdermos a riqueza das observações de Freud sobre o tema, do qual se ocupou em vários trabalhos — o que é, também, um indício das dificuldades que encerra e das dúvidas que suscitou. Tomaremos por base a descrição contida no Capítulo VII do Esboço (p. 216-220) e recorreremos a três outros textos, do período de 1923 a 1925.⁹¹

O complexo de Édipo é o fenômeno mais importante da vida sexual da primeira infância, decorrente do fato de viver a criança, por um longo período, sob a dependência e os cuidados dos pais. Seu estudo apresenta duas dificuldades principais: o caráter triangular da relação do filho com os pais e o fato biológico da diferença entre os sexos, agravado pela constituição bissexual de cada indivíduo e seus efeitos na vida mental.

Já vimos que a mãe é a primeira pessoa a quem as crianças, de ambos os sexos, dirigem catexias objetais libidinais. Além de alimentar a criança, a mãe, ao cuidar dela, desperta sensações físicas muitas vezes prazerosas. A relação com a mãe, assim estabelecida, torna-se "...o protótipo de todas as relações amorosas posteriores, para ambos os sexos" (p. 217). Freud acrescenta que mesmo que a relação básica da criança com a mãe não siga aquele modelo, o componente filogenético predomina e o desenvolvimento segue o mesmo caminho.

⁹¹ Freud, S. - *O ego e o id* (1923) - ESB, vol. XIX, p. 45-49.

- *A dissolução do complexo de Édipo* (1924) - ESB, vol. XIX, p. 217-221.

- *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925) - ESB, vol. XIX, p. 311-314 e 319-320.

Reportemo-nos agora ao caso específico do complexo de Édipo masculino. Aos dois ou três anos de idade o menino ingressa na fase fálica. A descoberta de sensações prazerosas ligadas ao órgão genital, com a intensificação das investigações sexuais, leva à manipulação do pênis, às vezes chamada de masturbação da primeira infância. Freud considera⁹² mais provável que essa atividade surja espontaneamente e só mais tarde seja relacionada ao complexo de Édipo, como descarga para a excitação sexual que lhe é própria. Talvez por não ficar claro o significado desse surgimento espontâneo, consideramos que a outra alternativa não é desprezível: a mãe despertou as sensações prazerosas no órgão genital do menino e isso faz com que seja o alvo de suas primeiras fantasias sexuais, uma vez que também é o primeiro objeto catexizado com sua libido.

O pai, até então, constituía um modelo para o menino, "...devido à força física que nele percebe e à autoridade de que o acha investido" (p. 217). Agora, porém, torna-se um rival, cujo lugar gostaria de ocupar; a identificação afetuosa transforma-se numa relação mais caracteristicamente ambivalente. Essa é a situação do que Freud chama de "complexo de Édipo positivo simples num menino".⁹³ Prudentemente, porém, ressalva que o desfecho dessa situação diz respeito às "condições de nossa civilização" (p. 218).

A mãe percebe que a excitação sexual do menino está ligada a ela e, mais cedo ou mais tarde, proíbe-o de manipular o pênis. Como a proibição tem pouco efeito, resolve usar de maior severidade e assim surge a ameaça de castração, cuja execução frequentemente é delegada ao rival do menino, o pai. Essa ameaça, porém, só é tomada realmente a sério se o menino já teve — ou vem a ter, pouco depois — oportunidade

⁹²Freud, S. - *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925) - ESB, vol. XIX, p. 311.

⁹³Freud, S. - *O ego e o id* (1923) - ESB, vol. XIX, p. 46.

de constatar a falta de um pênis na região genital de uma menina (p. 218). Uma observação interessante, quanto a esse ponto, é que, em 1925,⁹⁴ Freud segue o caminho oposto: afirma que a visão do órgão genital feminino só ganha relevo para o menino depois que ele sofre a ameaça de castração. A nosso ver, trata-se de uma contradição apenas aparente, pois não é possível afirmar qual das duas experiências é vivida mais cedo e seus efeitos são complementares, isto é, seja qual for a primeira, dependerá da ocorrência posterior da outra para que o efeito seja significativo. Por fim, cabe lembrar a importância, para a compreensão do processo acima descrito, da fase fálica, durante a qual ele é vivenciado. Em resumo, entendemos, com base nas descrições de Freud, que o complexo de castração ganha especial relevo por ocorrerem, durante a fase fálica, as ameaças e a visão da região genital feminina.

Sob a influência do complexo de castração, o menino experimenta o trauma mais sério de sua vida (p. 180 e 218), cujos resultados afetam suas relações com os pais e, mais tarde, com os homens e mulheres em geral. Movido "...pelo interesse narcísico nos órgãos genitais",⁹⁵ ele procura preservar seu pênis ameaçado e, assim, renuncia às catexias objetais do complexo de Édipo. No desfecho comumente encarado como normal, essas catexias, que foram dirigidas à mãe, são substituídas por uma intensificação da identificação com o pai, que consolida a masculinidade do menino; a relação afetuausa com a mãe pode ser, em parte, mantida.

Freud adverte, porém, que esse desfecho talvez não seja o mais comum e sim uma simplificação. A constituição bissexual, a que já nos referimos, confere ao complexo de Édipo uma orientação dúplíce, positiva e negativa. Isso significa

⁹⁴Freud, S. - *Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925) - ESB, vol. XIX, p. 313.

⁹⁵Ibid., p. 311.

que o menino também apresenta uma atitude feminina em relação ao pai e os correspondentes ciúme e hostilidade em relação à mãe. O desfecho completo, portanto, abrange identificações com ambos os pais: a identificação paterna preserva a relação de objeto com a mãe, do complexo positivo, e substitui a relação de objeto com o pai, do complexo negativo; inversamente, a identificação materna preserva a relação de objeto com o pai e substitui a relação de objeto com a mãe. A preponderância, no menino, de uma ou outra das duas disposições sexuais é que determinará a intensidade relativa das duas identificações.⁹⁶

O processo de dissolução do complexo de Édipo, idealmente, acarretaria a sua destruição e abolição; nem mesmo em estado inconsciente ele continuaria existindo. Se, porém, o ego não consegue muito mais que uma repressão, o complexo subsiste no id e, mais tarde, manifestará seu efeito patogênico. Freud supõe, por isso, que o processo se situa na fronteira pouco nítida entre o normal e o patológico. Visto como um todo, o processo, por um lado, afastou para o menino o perigo da perda de seu órgão genital; por outro lado, afetou a função desse órgão e marcou o início do período de latência.⁹⁷ Como vimos, o processo é, então, esquecido, pois todo o material dele remanescente é submetido à repressão.

Após essas novas considerações sobre o complexo de Édipo masculino, trataremos, agora, de ampliar nosso conhecimento a respeito do caso feminino. No capítulo anterior, ao abordarmos o desenvolvimento da sexualidade infantil, salientamos que Freud publicou em 1925 o primeiro trabalho que contém a revisão de seus pontos de vista sobre esse desenvolvimento, no que diz respeito às meninas. Procuramos, então, apresentar os aspectos mais importantes dessas novas formulações e deles partiremos para acrescentar outros comentários,

⁹⁶Freud, S. - *O ego e o id* (1923) - ESB, vol. XIX, p. 47-49.

⁹⁷Freud, S. - *A dissolução do complexo de Édipo* (1924) - ESB, vol. XIX, p. 221-222.

que melhorem nossa compreensão da sexualidade feminina e, em particular, da formação do superego. Para isso, ainda nos reportaremos àquele trabalho, mas tomaremos por base outro, também já mencionado, de 1931.⁹⁸

O desenvolvimento da sexualidade feminina apresenta duas características que são responsáveis por sua maior complexidade: a troca da primeira zona genital principal, o clit t ó r i s, por outra, a vagina, e a troca do objeto original, a mãe, pelo pai. Freud considera que essas duas características estão ligadas, embora não seja clara a maneira como a vin cu la ç ã o se faz. A primeira delas está relacionada ao fato de que a constituição bissexual dos indivíduos apresenta-se muito mais nitidamente nas mulheres, que têm seu órgão genital propriamente dito, a vagina, e outro, o clit ó r i s, an á l o g o ao órgão masculino. O primeiro período de sua vida sexual tem caráter masculino e mesmo no segundo, especificamente fe mi n i n o, o clit ó r i s continua ativo. A segunda característica, a da mudança de objeto, mostra que a menina só atinge a situa ç ã o edipiana positiva, considerada normal, depois de superar uma situação anterior, em que prevalece o complexo negativo.

Essa fase, chamada pré-edipiana, dominada por uma in ten sa li ga ç ã o com a mãe, tem grande importância para a vida sexual feminina por duas razões principais: sua longa duração e seus efeitos sobre a futura ligação com o pai. Freud assi na la que, em vários casos, ela estendeu-se até os quatro anos de idade, havendo mesmo possibilidade de nunca se concretizar a mudança de objeto. Afirma também que quando ocorre forte dependência de uma mulher em relação ao pai, ela foi prece di da por uma ligação igualmente forte com a mãe.

Vimos que, durante a fase fálica, o interesse pelo clit ó r i s, como fonte de sensações prazerosas, compõem-se com

⁹⁸Freud, S. - *Sexualidade feminina* (1931) - ESB, vol. XXI, p. 259-270.

a constatação de sua inferioridade perante o órgão do menino, para produzir o complexo de castração, que impele a menina ao complexo de Édipo. Essa descrição, contudo, não elucidou suficientemente uma importante questão, à qual devemos agora retornar: os motivos que levam ao afastamento da criança do sexo feminino em relação à mãe. O estudo desses motivos é relevante não apenas pelo significado da ligação com a mãe, que acabamos de ressaltar, mas também pelo significado do afastamento para o desenvolvimento posterior da menina.

A atitude hostil para com a mãe origina-se na fase pré-edipiana; a rivalidade que surge no complexo de Édipo apenas a reforça. Freud apresenta como primeiro fator a provocar essa hostilidade o ciúme de outras pessoas. O amor infantil é possessivo e, por não obter satisfação completa, gera desapontamento e cede lugar à atitude hostil. O ciúme não é privilégio do sexo feminino, mas um deslocamento da inveja do pênis reserva-lhe um papel de maior destaque na vida mental das mulheres.⁹⁹

Um segundo fator a provocar hostilidade e, portanto, afastamento em relação à mãe é a proibição da masturbação. A menina ressent-se da pessoa que despertou as sensações prazerosas na sua região genital e depois a proibiu de repetilas. Outro fator, que também se relaciona à masturbação, surge em consequência da inveja do pênis. Ao constatar sua deficiência, a menina é tomada por um sentimento narcísico de humilhação; após compreender, com relutância, que essa característica é comum às mulheres, ela passa a depreciar a condição feminina e, portanto, a mãe. Esse sentimento é reforçado pelo desprezo que os meninos demonstram pelas pessoas castradas e também manifesta-se contra a masturbação. Não é, pois, apenas a proibição que se opõe a essa prática. Entretanto, pode acontecer que essa oposição não tenha êxito e o conflito continue, com reflexos na vida sexual adulta.

⁹⁹Freud, S. - *Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos* (1925) - ESB, vol. XIX, p. 315-316.

O quarto fator, que, como vimos, é o motivo mais forte a provocar o afastamento, é a censura da menina à mãe por tê-la trazido ao mundo como mulher, ou seja, sem pênis. Ao considerar, em conjunto, todos os fatores que apresentamos, ainda assim Freud os considera insuficientes para romper tão intensa ligação. Relembra, então, que essa ligação é fortemente ambivalente, como ocorre nas primeiras fases da vida erótica, e conclui que essa ambivalência é o ponto de partida para que a ação concorrente dos motivos citados seja capaz de produzir o afastamento.

Ao eleger o pai como objeto amoroso, em substituição à mãe, de quem tenta ocupar o lugar, a menina troca o desejo de um pênis pelo de ter um filho. A mãe torna-se objeto de seu ciúme, o que faz crescer a hostilidade. O afastamento da mãe se faz acompanhar de uma diminuição dos impulsos sexuais ativos e um aumento das tendências passivas, que auxiliam a transição para o objeto paterno. O abandono posterior dessa ligação com o pai pode dar lugar a uma identificação com ele e, em decorrência, a um ressurgimento da masculinidade. O complexo de Édipo nas meninas é, portanto, uma formação secundária, precedida e preparada pelo complexo de castração.¹⁰⁰ Falta, pois, o motivo para sua dissolução; ele, como já ressaltamos, será lentamente abandonado, sofrerá repressão ou seus efeitos persistirão mais intensamente na vida mental normal das mulheres.

Freud supõe — embora declare que o faz com certa hesitação — que o desfecho diferente do complexo de Édipo e a decorrente diferença na formação do superego geram especificidades no caráter das mulheres como seres sociais. Assim, um superego menos inexorável, menos independente de vinculações emocionais, acarretaria, por exemplo, maior influência de sentimentos de afeição e hostilidade nos julgamentos e, portanto, um menor senso de justiça. Ressalva, porém, que a constituição bissexual de todos os indivíduos faz com

¹⁰⁰ Ibid., p. 315-316.

que a masculinidade e feminilidade puras sejam "construções teóricas de conteúdo incerto".¹⁰¹ Essa questão, bastante polêmica, será objeto de considerações mais detalhadas adiante.

À guisa de conclusão desse estudo, podemos mencionar dois pontos de vista que Freud apresenta no início de seu pequeno trabalho *A dissolução do complexo de Édipo* - (1924), já citado. O desfecho da situação edipiana, para ambos os sexos, poderia ser atribuído, por um lado, à experiência de desapontamentos penosos. Essa visão ontogenética refere-se à impossibilidade de satisfação das relações objetais típicas do complexo, que faz a criança abandonar seus anseios sem esperança. Por outro lado, o complexo seria um fenômeno determinado e estabelecido pela hereditariedade e destinado a findar; uma visão filogenética, portanto. Freud afirma que os dois pontos de vista são compatíveis e não comprometem o interesse da descrição do processo, que seria, por assim dizer, a execução de um programa inato que sofre interferências acidentais.¹⁰²

A identificação

Acreditamos ter atingido uma compreensão satisfatória do complexo de Édipo, com suas peculiaridades para cada sexo, que nos permite prosseguir em direção à formação do superego. Já sabemos que o núcleo do superego é formado pela introjeção da autoridade dos pais. É, porém, com cautela que Freud fala dessa transformação do relacionamento parental em superego, por não se julgar totalmente seguro de suas conclusões acerca de um processo que considera muito complexo. Ainda assim, afirma que a base desse processo é a identificação,¹⁰³

¹⁰¹ Ibid., p. 319-320.

¹⁰² Freud, S. - *A dissolução do complexo de Édipo* (1924) - ESB, vol. XIX, p. 217-218.

¹⁰³ Freud, S. - *Conferência XXXI* (1933 [1932]) - ESB, vol. XXII, p. 81-82.

como já havíamos antecipado em nossas descrições preliminares. Nosso próximo passo, portanto, será apresentar algumas de suas principais considerações a respeito da identificação.

Parece-nos que o assunto poderá ser satisfatoriamente abordado com base em três textos: o Capítulo VII de *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921), o Capítulo III de *O ego e o id* (1923) e a *Conferência XXXI* (1933 [1932]). Os dois últimos, inclusive, nos conduzirão da identificação à formação do superego e ao estudo mais detalhado dessa instância psíquica.

No trabalho de 1921, Freud afirma que a identificação consiste em tomar alguém como ideal, como modelo — o que gostaria de ser — e moldar o próprio ego segundo o desse modelo. A seguir, faz uma série de considerações, que ele mesmo resume, de forma conclusiva, em três pontos principais: 1) a identificação é a mais remota forma de laço emocional com um objeto, e é ambivalente desde o início (identificação primária, pré-edipiana); 2) de maneira regressiva, ela substitui a vinculação com um objeto, por meio da introjeção do objeto no ego; 3) pode, também, surgir com a percepção de uma qualidade comum com uma pessoa que não é objeto.¹⁰⁴

Com relação ao texto de 1923, uma observação preliminar faz-se necessária: Freud não distingue entre superego e ideal do ego, empregando os dois termos como sinônimos. Feita a ressalva, deixaremos as explicações para mais adiante, quando trataremos especificamente do assunto. Basta-nos adiantar, no momento, que o ideal do ego é uma espécie de parâmetro pelo qual o superego avalia o ego real.

Nesse trabalho, é realçada a importância do processo de substituição de uma catexia objetal por uma identificação, pelo papel de relevo que desempenha na formação do caráter.

¹⁰⁴Freud, S. - *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921) - ESB, vol. XVIII, p. 133-136.

ter do ego. Quando uma pessoa tem de abandonar um objeto sexual, frequentemente ocorre uma alteração do seu ego, pois o objeto é nele instalado. Essa transformação constitui um meio que o ego utiliza para manter sob controle as exigências do id. Ao assumir as características do objeto abandonado, o ego tenta compensar a perda do id, apresentando-se a ele como um novo objeto, semelhante ao que foi perdido. Do processo resulta uma transformação de libido objetal em libido narcísica.

Podem ocorrer, também, casos em que a catexia objetal e a identificação sejam simultâneas; nesses casos, a alteração do caráter coexiste com a relação objetal. Pode haver, ainda, conflitos entre diferentes identificações presentes no ego; se elas são numerosas e incompatíveis entre si, uma ruptura do ego pode sobrevir. O caráter opõe resistência às influências das catexias objetais abandonadas, mas as primeiras identificações, estabelecidas com os pais, na mais primitiva infância, têm efeitos gerais e duradouros. As identificações que ocorrem mais tarde, em decorrência do desfecho das primeiras escolhas objetais, também relacionadas aos pais, reforçariam aquelas, mais remotas.¹⁰⁵

O último dos textos mencionados merece nossa atenção muito mais pelo estudo do superego que pelos breves comentários a respeito da identificação, cujo maior valor está na reafirmação, em 1932, de alguns dos principais pontos de vista expostos nos dois trabalhos anteriores. A identificação é aqui definida como "...a ação de assemelhar um ego a outro ego, em consequência do que o primeiro ego se comporta como o segundo, em determinados aspectos, imita-o e, em certo sentido, assimila-o dentro de si". Entre as conclusões reafirmadas, estão a de que trata-se, provavelmente, da primeira forma de vinculação a uma outra pessoa; constitui uma compen

¹⁰⁵Freud, S. - *O ego e o id* (1923) - ESB, vol. XIX, p. 42-46.

sação pela perda de um objeto; e pode ser simultânea a uma relação objetal, caso em que o ego toma o objeto como modelo.¹⁰⁶

A despeito da intenção de nos atermos, nesta parte do trabalho, exclusivamente aos textos freudianos, devemos abrir exceção e recorrer aos pontos de vista de Barros¹⁰⁷, a fim de superar dois impasses teóricos com que nos deparamos, ao examinarmos as conclusões apresentadas. O primeiro diz respeito à transformação de libido objetal em libido narcísica*, resultante do processo de identificação. A dúvida decorre do fato de Freud chamar, indistintamente, de libido narcísica a energia que diz respeito a dois processos distintos: um somático e o outro intrapsíquico. O processo somático gera uma tensão de necessidade ligada à preservação do indivíduo, da qual decorre o impulso para satisfação. O processo intrapsíquico tem origem na diferença entre o ego real e o ideal do ego, que gera uma tensão narcísica da qual decorre o impulso para identificação com um modelo. Esse modelo foi escolhido por conter elementos do ideal do ego e, portanto, o impulso para identificação levará a uma aproximação do ego real com o ideal do ego. É claro que, neste caso, ao falar de libido narcísica, Freud refere-se ao segundo processo.

A outra questão nos remete ao mesmo texto*, no qual Freud parece considerar que a identificação só não substitui uma catexia objetal em dois casos: na identificação direta e imediata com os pais, que ocorre na mais primitiva infância, e na identificação simultânea à catexia de objeto que ocorre na fase oral. Se assim fosse, como situaríamos, por exemplo, a identificação do menino com o pai rival, que tem lugar na fase fálica? Também nesse caso a identificação não substitui uma catexia objetal, mas surge com a percepção de uma qualidade comum com o pai, que não é objeto. Podemos, portanto, acrescentar que o ego, na identificação, sempre assume carac

¹⁰⁶Freud, S. - *Conferência XXXI* (1933 1932) - ESB, vol. XXII, p. 82.

¹⁰⁷Barros, C.P. - Comunicação pessoal (1985).

*Trata-se do texto citado na nota de rodapé (105) da página anterior.

terísticas de um modelo, mas nem sempre esse modelo é um objeto.

Para melhor sistematizar, segundo Barros, os vários tipos de identificação a que Freud alude, podemos grupá-los em identificação primária e identificações secundárias. A identificação primária é a mais remota e ocorre com o pai do mesmo sexo, ou seja, por força de uma qualidade comum. As identificações secundárias são de três tipos: 1) anaclítica*, simultânea com a escolha objetal, é a identificação com a mãe durante a fase oral; 2) identificação com o pai rival, que ocorre durante a fase fálica, por força da qualidade comum de desejar a mesma mulher; 3) a identificação com um objeto perdido, cujo exemplo típico é a identificação com a mãe que resulta da dissolução do complexo de Édipo. Dos quatro tipos apresentados, apenas o último caracteriza-se pela substituição de uma catexia objetal por uma identificação.

Parece-nos de interesse, ainda, complementar essas breves considerações sobre a identificação com algumas observações, bastante pertinentes, extraídas de um trabalho pautado nos escritos de Freud.¹⁰⁸ A identificação não é uma simples imitação do modelo, mas uma assimilação inconsciente. Seu motivo básico é assemelhar a auto-imagem à imagem percebida do modelo; assim, ela não se refere ao comportamento real do modelo, mas a uma imagem desse comportamento que, portanto, é distorcida por diversas influências, relativas ao observador.

O superego

Agora podemos empreender, com base na identificação,

*Este termo foi, provavelmente, empregado pela primeira vez por Freud no trabalho *Sobre o narcisismo: uma introdução*, de 1914 (ESB, vol. XIV, p. 104).

¹⁰⁸ Neves, Maria Aparecida M. - *O conceito de sublimação na teoria psicanalítica*, p. 74.

o estudo da gênese do superego; lançaremos mão, ainda uma vez, de *O ego e o id* (1923), capítulos III e V, e da *Conferência XXXI* (1933 [1932]). Ele surge, já sabemos, como decorrência da dissolução do complexo de Édipo, que forma um precipitado no ego constituído pelas duas identificações — com o pai e a mãe — que se combinam com intensidades variáveis para cada indivíduo. Mas o superego é, também, uma formação reativa contra as escolhas objetais edipianas do id. Na verdade, o superego existe pela missão de reprimir o complexo de Édipo — ou, mais claramente, de defender o ego do retorno das catexias objetais edipianas. A formação do superego, assim descrita, é, portanto, o resultado de dois fatores: o longo período da dependência infantil e o complexo de Édipo. Ao dar "...expressão permanente à influência dos pais, ela perpetua a existência dos fatores a que deve sua origem".¹⁰⁹

Como resíduo das escolhas objetais primitivas do id, o superego representa o mundo interno, o psíquico; o ego representa o mundo externo, a realidade. Em consequência, os conflitos entre o ego e o superego refletem conflitos entre o real e o psíquico, entre os mundos externo e interno. Freud ressalta no Esboço (p. 235-236) que a severidade do superego corresponde à força da defesa que foi utilizada contra o complexo de Édipo. Essa força depende da intensidade do conflito entre o desejo edipiano e a ameaça de castração. O conflito gera angústia e, portanto, o ego utilizará a defesa, cuja força dependerá das intensidades do desejo e da ameaça, mas também, naturalmente, da disponibilidade de força, ou seja, da estrutura do ego. Cabe, além disso, acrescentar que o superego atua como juiz não apenas das ações do ego, mas também de seus pensamentos e intenções.

Em virtude do modo como o superego se forma, ele está vinculado às aquisições filogenéticas dos indivíduos. Assim, o que pertencia à parcela instintual da vida mental é

¹⁰⁹Freud, S. - *O ego e o id* (1923) - ESB, vol. XIX, p. 50.

transformado no que é considerado a natureza mais elevada do homem, como a religião, a moralidade e um senso social. O patrimônio filogenético, como vimos, contém as experiências repetidas pelos egos de indivíduos de sucessivas gerações. A formação do superego, portanto, pode ser uma revivescência de experiências repetidas pela espécie. Uma componente filogenética do superego participaria da dissolução do complexo de Édipo e, a partir de então, formar-se-ia o superego do indivíduo.

A formação do superego mostra, ainda, como os conflitos entre ele e o ego podem ser continuações dos antigos conflitos entre o ego e o id. Da mesma forma, as vinculações entre o superego e as catexias objetais edipianas do id explicam porque o superego pode, em grande parte, permanecer inconsciente e inacessível ao ego.¹¹⁰

O Capítulo V do mesmo trabalho acrescenta importantes considerações ao nosso estudo do superego. Algumas delas são, até certo ponto, recapitulações de aspectos já focalizados, mas as novas formulações esclarecem e enriquecem a compreensão do tema. Freud destaca que a posição especial do superego, em relação ao ego, deve-se a duas razões correlatas: por um lado, ele deriva das primeiras identificações, que ocorreram quando o ego ainda era fraco; por outro lado, como herdeiro do complexo de Édipo, ele introduziu no ego os objetos mais significativos.

A relação do superego com as alterações posteriores do ego recebe, a nosso ver, o tratamento mais claro: "Embora ele seja acessível a todas as influências posteriores, preserva não obstante, através de toda a vida, o caráter que lhe foi dado por sua derivação do complexo paterno — a saber, a capacidade de manter-se à parte do ego e dominá-lo. Ele constitui uma lembrança da antiga fraqueza e dependência do ego, e o ego maduro permanece sujeito à sua dominação. Tal como

¹¹⁰ Ibid., p. 49-54.

a criança esteve um dia sob a compulsão de obedecer aos pais, assim o ego se submete ao imperativo categórico do seu superego".¹¹¹

Um importante acréscimo introduzido por esse texto é o estudo do sentimento de culpa. Freud parte da chamada "reação terapêutica negativa", um comportamento que, às vezes, se manifesta durante o trabalho de análise, caracterizado por uma resistência à cura, muito difícil de superar. Trata-se, na verdade, de um sentimento de culpa, que encontra satisfação na doença. Em outro trabalho, a expressão "necessidade de punição" é considerada mais adequada.¹¹²

A reação acima descrita diz respeito a um caso extremo; em menor medida, porém, o sentimento de culpa é muito frequente. Freud considera normal o sentimento de culpa consciente, que resulta dos já mencionados conflitos entre o ego e o superego. Mas pode ocorrer que o ego perceba que a condenação de sua instância crítica causaria um sentimento de culpa muito forte e faça uso da repressão para tornar inconsciente o material a que ele se refere. Como a origem do superego acha-se ligada ao complexo de Édipo, que é inconsciente, Freud avança a hipótese de que "...grande parte do sentimento de culpa deve normalmente permanecer inconsciente..." e formula a proposição de que "...o homem normal não apenas é muito mais imoral do que crê, mas também muito mais moral do que sabe..."¹¹³

Resta-nos ainda acompanhar o desenvolvimento através do qual Freud procura explicar, nesse trabalho, a severidade do superego como instância crítica do ego. Sabemos que o superego surge em consequência da transformação de catexias objetais em identificações. Desse processo resulta uma trans

¹¹¹Ibid., p. 64.

¹¹²Freud, S. - *O problema econômico do masoquismo* (1924) - ESB, vol. XIX, p. 208.

¹¹³Freud, S. - *O ego e o id* (1923) - ESB, vol. XIX, p. 68.

formação de libido objetal em narcísica. Parece, afirma Freud, que então ocorre uma des fusão instintual: "... o componente erótico não mais tem o poder de unir a totalidade da agressividade que com ele se achava combinada, e esta é liberada sob a forma de uma inclinação à agressão e à destruição".¹¹⁴

De acordo com essa hipótese, portanto, o componente destrutivo instala-se no superego e volta-se contra o ego. Além disso, vimos que qualquer restrição da agressividade dirigida para o mundo externo aumenta a autodestruição. Aqui, coerentemente com o desenvolvimento apresentado, essa idéia reaparece em outros termos: quanto mais um homem controla sua agressividade para com o mundo externo, mais intensa se torna a inclinação de seu superego à agressividade contra o ego.

Por último, recorreremos à *Conferência XXXI* (1933 [1932]),¹¹⁵ em que Freud retoma o estudo do superego, acrescentando alguns aspectos relevantes, a começar pela conceituação, que é mais específica. O superego é uma instância relativamente autônoma, independente do ego para obtenção de energia — que provém do id —, que representa as exigências da moralidade e cujas funções principais são observar, julgar e punir o ego, além de ser o "veículo do ideal do ego". Não entraremos, no momento, em considerações detalhadas a respeito do ideal do ego, pois ele será estudado no tópico seguinte. Apenas anteciparemos, com base no texto em pauta, que ele é o precipitado da antiga imagem de perfeição que a criança atribuía aos pais, absorveu outras influências no decorrer do desenvolvimento e constitui, como já adiantamos, uma espécie de parâmetro pelo qual o superego avalia o ego real.

Outro acréscimo interessante é a abordagem do sentimento de inferioridade. Freud considera difícil distingui-lo do sentimento de culpa, pois ambos expressam a tensão entre

¹¹⁴Ibid., p. 71.

¹¹⁵Freud, S. - *Conferência XXXI* (1933 [1932]) - ESB, vol. XXII, p. 78, 79, 84-87.

o ego e o superego. O sentimento de inferioridade, porém, além dessas raízes morais que constituem sua parte principal, possui fortes raízes eróticas.

A importância do conceito de superego para a compreensão do comportamento social do homem é enfatizada nesse texto, em termos que dão margem a amplo questionamento. O superego é o representante de todas as restrições morais, dos aspectos considerados mais elevados da vida do homem. Para conhecê-lo, é preciso retroceder àqueles que lhe deram origem, ou seja, os pais. Freud afirma que, via de regra, os pais, ao educar os filhos, seguem os preceitos de seus superegos, o que revela a identificação com os seus próprios pais que, no passado, lhes impuseram severas restrições. O superego de uma criança, portanto, é construído segundo o modelo do superego de seus pais, o que permite concluir que essa instância torna-se veículo da tradição e dos valores duradouros que, assim, são transmitidos a cada geração.

Com base nessa argumentação, Freud elabora uma crítica do que poderíamos chamar de uma visão economicista do comportamento social, que vale transcrever na íntegra: "Parece provável que aquilo que se conhece como visão materialista da história peque por subestimar esse fator [O superego]. Eles o põem de lado, com o comentário de que as ideologias do homem nada mais são do que produto e superestrutura de suas condições econômicas contemporâneas. Isso é verdade, mas muito provavelmente não a verdade inteira. A humanidade nunca vive inteiramente no presente. O passado, a tradição da raça e do povo, vive nas ideologias do superego e só lentamente cede às influências do presente, no sentido de mudanças novas; e, enquanto opera através do superego, desempenha um poderoso papel na vida do homem, independentemente de condições econômicas".¹¹⁶ Retornaremos a essa questão adiante, ao abordarmos os trabalhos que tratam, predominantemente, de cultura e sociedade.

¹¹⁶ Ibid., p. 87.

5. O NARCISISMO

A introdução do conceito de narcisismo, com todas as considerações teóricas que envolve, constitui-se num dos pontos de maior complexidade para quem se propõe estudar a psicanálise de Freud. As dificuldades começam pelo fato de os dois principais trabalhos que dele tratam — *Sobre o narcisismo: uma introdução* e a *Conferência XXVI* — terem sido produzidos em 1914 e 1916/17, respectivamente. São, portanto, obras de um período em que ainda não haviam sido elaboradas as formulações finais da teoria da libido e da topografia do aparelho psíquico. Além disso, observa-se uma certa falta de rigor, por parte de Freud, no estabelecimento de alguns conceitos importantes para o desenvolvimento do tema, tais como identificação, ego ideal, ideal do ego e superego. Resta-nos, então, tentar superar essas dificuldades e apresentar, com a maior fidelidade possível aos textos freudianos, uma síntese que satisfaça aos objetivos deste trabalho.

Sem entrarmos no mérito da discussão sobre quem primeiro fez uso do termo *narcisismo*, apenas lembraremos, como afirma Freud, que ele significava "(...) a atitude de uma pessoa que trata seu próprio corpo da mesma forma pela qual o corpo de um objeto sexual é comumente tratado — que o contempla, vale dizer, o afaga e o acaricia até obter satisfação completa através dessas atividades. Desenvolvido até esse grau, o narcisismo passa a significar uma perversão que absorveu a totalidade da vida sexual do indivíduo(...)".¹¹⁷ Para chegarmos, porém, ao sentido que a psicanálise atribuiu ao termo, será útil lembrar o estágio em que se encontrava, à época, a evolução do conceito de instinto.

¹¹⁷Freud, S. - *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) - ESB, vol. XIV, p. 89.

Vimos que, a partir de 1910, Freud estabeleceu a classificação dos instintos em dois grupos: os instintos sexuais ou libidinais e os instintos do ego ou de autopreservação. O termo *libido*, portanto, refere-se às catexias de energia que o ego dirige aos objetos do desejo sexual. Em 1914, porém, afirma que a observação psicanalítica identificou situações em que essa libido objetal "(...) afastada do mundo externo é dirigida para o ego e assim dá margem a uma atitude que pode ser denominada de narcisismo".¹¹⁸ Trata-se, pois, de um desenvolvimento da teoria da libido, que leva Freud a admitir, pela primeira vez, uma antítese entre libido do ego e libido objetal: "(...) há uma catexia libidinal original do ego, parte da qual é posteriormente transmitida a objetos, mas que fundamentalmente persiste e está relacionada com as catexias objetais, assim como o corpo de uma ameba está relacionado com os pseudópodos que produz".¹¹⁹ Essa analogia com a ameba, que reaparece em vários trabalhos de Freud, procura apresentar o ego como o reservatório original de libido, de onde partem as catexias objetais e para onde podem retornar.

A evolução da teoria dos instintos, a partir desse ponto, já foi apresentada no Capítulo 2. Após a formulação final (1920) e a nova topografia do aparelho psíquico (1923), a idéia do reservatório de libido ainda sofre reformulações. O apêndice B de *O ego e o id* contém uma detalhada resenha,¹²⁰ mas acreditamos que, no Esboço, Freud esclarece adequadamente a questão. Inicialmente, a libido — energia total disponível de Eros — encontra-se no ego-id ainda indiferenciado; ao separar-se do id, o ego passa a ser o reservatório onde toda a libido é armazenada, situação que perdura até ele começar a enviar catexias a objetos, isto é, a transformar libido narcísica em libido objetal. Durante toda a vida o ego permanece como o reservatório para onde flui a libido proveniente das

¹¹⁸ Ibid., p. 91.

¹¹⁹ Ibid., p. 91-92.

¹²⁰ Strachey, J. - Apêndice B a *O ego e o id*. ESB, vol. XIX, p. 80-83.

fontes somáticas, de onde partem e para onde retornam as catexias objetais (p. 175 e 176).

Esclarecidos esses aspectos, devemos retornar ao conceito de narcisismo, que ainda não foi estabelecido satisfatoriamente. Vimos que o termo foi empregado originalmente para identificar uma perversão e que a psicanálise dele se apropriou para caracterizar situações em que a libido se afasta do mundo externo e dirige-se para o ego. Vimos ainda que o ego, quando se desenvolve a partir do id, passa a ser o reservatório onde toda a libido é armazenada. Assim, quando a libido objetal retorna ao ego, há o restabelecimento de uma situação anterior, em que toda a libido, por sua localização, podia ser chamada de narcísica, até o ego começar a dirigir catexias a objetos. O narcisismo seria, pois, parte do desenvolvimento sexual de todos os indivíduos; haveria um narcisismo primitivo — e normal — chamado *narcisismo primário* e o narcisismo que surge pelo retorno ao ego das catexias objetais seria *secundário*.

Freud relata que essa concepção de narcisismo decorreu da observação de casos de esquizofrenia, caracterizados pela retirada de libido do mundo externo e pela megalomania que surge às expensas da libido objetal. Considera, ainda, sua convicção reforçada pela observação de aspectos da vida mental das crianças e dos povos primitivos, análogos à megalomania.¹²¹ Acrescenta, porém, que há outros meios que possibilitam obter melhor compreensão do narcisismo; alguns desses meios, inclusive, fazem parte da vida normal dos indivíduos e são, portanto, bastante acessíveis.¹²²

O primeiro desses estados é a doença orgânica: uma pessoa doente ou que sente dor se desinteressa pelas coisas

¹²¹ Freud, S. - *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) - ESB, vol. XIV, p. 90-91.

¹²² *Ibid.*, p. 98-108.

do mundo externo. Ao fazer uma observação mais acurada, contudo, nota-se que ela também retira suas catexias objetais de volta para o ego e o inverso ocorre quando se restabelece. O estado de sono é análogo à doença, pois o desejo de dormir leva a pessoa a retirar não apenas o seu interesse do mundo externo, mas também as catexias libidinais; reconstitui-se, então, o narcisismo primitivo. A mesma analogia pode ser entendida à hipocondria, que ocasiona retirada da libido dos objetos e sua concentração em uma parte do corpo.

Outro meio que nos permite ampliar a compreensão do narcisismo é a observação da vida erótica dos indivíduos, de que trataremos mais detidamente. Vimos, no estudo que empreendemos do desenvolvimento da função sexual, que a satisfação, na fase oral, está basicamente a serviço da autopreservação. O prazer que se nota no ato de sugar o dedo, portanto auto-erótico, tenta repetir a satisfação proporcionada pela sucção do seio materno. Tal vinculação é confirmada pelo fato de que os primeiros objetos sexuais das crianças são as pessoas que cuidam delas, as alimentam e protegem. Esse tipo de escolha objetal é denominado *anaclítico* ou *de ligação*; em conformidade com ele, uma pessoa pode amar a mulher que a alimenta ou o homem que a protege.

Freud afirma, porém, que a pesquisa psicanalítica revelou um segundo tipo de escolha objetal, em que a pessoa procura a si mesma como objeto, por isso chamado *narcisista*. Em conformidade com esse tipo, uma pessoa pode amar: o que ela própria é; o que ela própria foi e não é mais; o que ela própria gostaria de ser; alguém que foi parte dela. Com relação à terceira dessas alternativas, já adiantamos, ao estudar a identificação, tratar-se de um modelo; retornaremos a esse ponto adiante, ao abordarmos o ideal do ego. Quanto à quarta alternativa, refere-se à mulher que ama a criança que gerou e que foi parte do seu próprio corpo.

Ao apresentar os dois tipos de escolha objetal, Freud

ressalva que isso não significa dividir os seres humanos em dois grupos distintos; presume que ambos os tipos estão abertos a cada indivíduo, embora possa haver maior tendência para um ou outro. Estabelece, ainda, uma comparação entre os sexos que, no todo, não é de maior relevância para o nosso trabalho; algumas considerações a respeito do sexo feminino, contudo, serão mencionadas ao tratarmos das obras mais relacionadas com a cultura. À guisa de síntese, afirma: "Dizemos que um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais — ele próprio e a mulher que cuida dele — e ao fazê-lo estamos postulando a existência de um narcisismo primário em todos, o qual, em alguns casos, pode manifestar-se de forma dominante em sua escolha objetal".¹²³

Essas considerações já tornam mais clara a nossa compreensão a respeito do narcisismo, permitindo que tratemos de algumas questões que Freud aborda ao longo do desenvolvimento do tema. A primeira delas diz respeito à relação entre o auto-erotismo e o narcisismo. Em 1914 há uma clara distinção entre os dois conceitos: no narcisismo, o objeto é o ego já organizado, a representação do *eu*, enquanto o auto-erotismo é anterior. Para chegar ao narcisismo é necessário acrescentar algo ao auto-erotismo — a organização do ego.¹²⁴ Na *Conferência XXVI*, porém, a diferença desaparece: "O auto-erotismo seria, pois, a atividade sexual do estágio narcísico da distribuição da libido".¹²⁵ Nossa opinião, apoiada em Laplanche e Pontalis,¹²⁶ nos faz optar, neste trabalho, pela formulação de 1914, que consideramos coerente e útil.

Outra questão de que Freud trata é a da diferença en

¹²³ Ibid., p. 104-105.

¹²⁴ Ibid., p. 93.

¹²⁵ Freud, S. - *Conferência XXVI* (1917 1916-17) - ESB, vol. XVI, p. 486.

¹²⁶ Laplanche e Pontalis - *Vocabulário da psicanálise*, p. 368-370.

tre narcisismo e egoísmo. Os dois textos que vimos adotando como referências principais para este tópico estabelecem a distinção nos mesmos termos: o narcisismo é o complemento libidinal do egoísmo. Na *Conferência XXVI*, contudo, as considerações prosseguem, mostrando que o egoísmo pode coexistir com o narcisismo ou com fortes catexias objetais. Analogamente, o altruísmo — contrário do egoísmo — não coincide conceitualmente com catexias objetais libidinais. Todavia, quando alguém está totalmente apaixonado, o altruísmo coincide com a supervalorização sexual do objeto, que assim se torna muito poderoso. Freud afirma que, nesse caso, "... o indivíduo parece desistir de sua própria personalidade em favor de uma catexia objetal...", devido ao fluxo da libido narcísica em direção ao objeto. Essas considerações nos remetem, mais uma vez, à idéia do reservatório de libido e à antítese entre libido narcísica e objetal, pois "Quanto mais uma é empregada, mais a outra se esvazia".¹²⁷

A evolução da teoria da libido pela introdução do conceito de narcisismo suscita algumas outras questões de interesse, que Freud propõe, num estilo que lhe é característico, antecipando perguntas que o leitor supostamente faria e, dessa forma, tornando mais clara sua exposição. Assim, sabemos que o fluir da libido dos objetos para o ego é um processo normal da vida mental, que se repete, por exemplo, a cada noite de sono. Esse mesmo fluxo, todavia, pode ser patogênico, como indicam os exemplos já citados da esquizofrenia e da hipocondria. Freud indaga, então, como conciliar essas duas constatações e responde: quando determinado processo força uma retirada da libido dos objetos e ela não consegue retornar aos objetos, essa interferência na mobilidade da libido é patogênica.¹²⁸

¹²⁷ Freud, S. - *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) - ESB, vol. XIV, p. 90 e 92.

— - *Conferência XXVI* (1917 [1916-17]) - ESB, vol. XVI, p. 487.

¹²⁸ Freud, S. - *Conferência XXVI* (1917 [1916-17]) - ESB, vol. XVI, p. 490-491.

Na seqüência desse raciocínio somos levados a perguntar por que o represamento da libido no ego é desagradável. A resposta é que o desprazer surge quando essa libido excede certa quantidade, o que tornaria necessário ultrapassar os limites do narcisismo e vincular a libido a objetos.¹²⁹

A questão que se segue nos conduz a uma nova etapa do estudo deste tópico. Já sabemos que o ego, uma vez organizado, armazena toda a libido até começar a enviar catexias a objetos; nos indivíduos adultos normais, porém, já não se observam as características psíquicas desse narcisismo primitivo. Cabe indagar, portanto, que ocorreu à libido do ego, uma vez que a possibilidade de se ter transferido toda para objetos não é compatível com o desenvolvimento precedente do tema.

A resposta a essa questão nos coloca diante de uma dificuldade que antecipamos no início do tópico: a imprecisão terminológica que, por vezes, confunde o leitor e prejudica a compreensão de conceitos importantes. Procuraremos superar essa dificuldade lançando mão, quando estritamente necessário, de outras fontes; tentaremos, porém, manter como base a exposição que Freud apresenta no Capítulo III do texto de 1914.¹³⁰

O destino da libido do ego está relacionado à vicissitude da repressão. Vimos que é condição para a repressão

¹²⁹ Freud, S. - *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) - ESB, vol. XIV, p. 101. O fundamento dessa resposta, ou seja, a relação entre desprazer e quantidade de excitação, é amplamente discutido em *Os instintos e suas vicissitudes* (1915) - ESB, vol. XIV, p. 140-141. Mais tarde, em *O problema econômico do masoquismo* (1924) - ESB, vol. XIX, p. 200, Freud revê essa questão, admitindo que prazer e desprazer não estariam referidos à quantidade de excitação, mas talvez a uma função dela, como o ritmo.

¹³⁰ Freud, S. - *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) - ESB, vol. XIV, p. 109-119.

que a finalidade instintual seja incompatível com certas exigências. Essas exigências são as idéias culturais e éticas do indivíduo, que ele reconhece como um padrão e às quais se submete. O desenvolvimento precedente nos remete ao estudo que empreendemos do superego, instância que representa tais exigências, identificada como o veículo do ideal do ego. A distinção entre superego e ideal do ego, assim esboçada, é claramente estabelecida quando, naquele estudo, antecipamos ser o ideal do ego uma espécie de parâmetro pelo qual o superego avalia o ego real.

Em 1914 o conceito de superego ainda não havia sido formulado; mas é sugerido, quando Freud admite a existência de um agente psíquico especial que observa constantemente o ego real e o mede pelo ideal do ego. Pouco mais tarde, na *Conferência XXVI*, já afirma: "... tiramos a conclusão de que há realmente no ego uma instância que incessantemente observa, critica e compara..." e reafirma que essa instância mede seu ego real mediante um ego ideal. Acrescenta, ainda, que esse "censor do ego" tem "... origem nas influências dos pais, dos educadores e do ambiente social, numa identificação com algumas dessas figuras-modelo".¹³¹

Não há dúvida, portanto, de que se trata do futuro superego e de que, em ambos os textos, ele é distinguido da função de parâmetro, atribuída a um ideal do ego ou ego ideal, indiscriminadamente. Surpreende, pois, que em *O ego e o id* (1923), ao surgir o conceito de superego, a distinção desapareça, como já mostramos, embora reapareça na *Conferência XXXI* (1932). Em nossa opinião, é útil manter a diferença, que pode ser resumida nos termos propostos por Lagache: "O ideal do ego corresponde ao que o indivíduo deve ser para responder às exigências do superego".¹³² É inegável, porém, que,

¹³¹Freud, S. - *Conferência XXVI* (1917 [1916-17]) - ESB, vol. XVI, p. 499-500.

¹³²Lagache, D. - *A psicanálise*, p. 39.

mesmo mantendo a distinção, observa-se a existência de uma estreita relação entre os dois conceitos.

Voltemos, então, à questão do destino da libido do ego, que relacionamos à repressão e, portanto, às exigências do superego. Como essas exigências estão pautadas no parâmetro que é o ideal do ego, precisamos conhecê-lo melhor e convém que o façamos a partir de sua formação. Aqui, contudo, deparamos com o uso indiscriminado dos termos *ego ideal* e *ideal do ego*, justamente no texto de 1914, onde toda essa questão é mais amplamente debatida. Depois de Freud, tem havido controvérsia entre autores que não fazem diferença e outros que consideram os dois conceitos como distintos. Essa última será também a nossa opção, com base, principalmente, nos pontos de vista de Barros.¹³³

Nosso propósito é conhecer a formação das instâncias ideais do indivíduo; a leitura do texto de 1914 indica que ela pertence ao terreno da idealização, embora, como nos advertem Laplanche e Pontalis, não sejam a mesma coisa. A idealização faz parte da constituição dos ideais da pessoa, mas pode incidir também num objeto independente.¹³⁴ Freud, ao formular o conceito, confirma: "A idealização é um processo que diz respeito ao *objeto*; por ela, esse objeto, sem qualquer alteração em sua natureza, é engrandecido e exaltado na mente do indivíduo. A idealização é possível tanto na esfera da libido do ego quanto na da libido objetal. Por exemplo, a supervalorização sexual de um objeto é uma idealização do mesmo".¹³⁵

A idealização é, portanto, um processo que, por as-

¹³³ Barros, C.P. - Comunicação pessoal (1985).

¹³⁴ Laplanche e Pontalis - *Vocabulário da Psicanálise*. p. 291-292.

¹³⁵ Freud, S. - *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) - ESB, vol. XIV, p. 111 (grifo do autor).

sim dizer, purifica o objeto, atribuindo-lhe a perfeição. Essa idéia nos remete à fase do desenvolvimento do ego que identificamos como narcisismo primário, quando toda a libido estava investida no ego real da criança, percebido como perfeito — pois as imperfeições ainda não são discriminadas. Se nos reportarmos aos tipos de escolha objetal narcisista, veremos que se trata de um investimento libidinal no que a própria pessoa é (1º tipo).

Com a discriminação das imperfeições, ocorre um afastamento do narcisismo primário; surge, então, um anseio de retorno àquela condição idealizada de perfeição prazerosa e a libido regride, investindo nesse *ego ideal*. Dentre os tipos de escolha objetal narcisista, este corresponde a um investimento libidinal no que a própria pessoa foi e não é mais (2º tipo).

O desenvolvimento do juízo crítico do próprio indivíduo e dos outros — com quem interage — em relação a ele não mais permite recobrar a perfeição do narcisismo primário. Isso desencadeia a busca de uma nova forma de perfeição, que vem a ser encontrada em outra instância, o *ideal do ego*.

Há, como vimos, uma estreita relação entre o superego e essa ideal do ego. Vimos também que — componente filogenética à parte — a base do processo de formação do superego é constituída pelas várias formas de identificação com os pais, desde a identificação primária até a que resulta da dissolução do complexo de Édipo. A partir daí, o núcleo do superego está consolidado e ele avaliará o ego pelo parâmetro resultante das aquisições acumuladas ao longo de todo o processo: o ideal do ego.

Mas o ego real, o superego e o ideal do ego não são estáticos; modificam-se continuamente, ao longo da vida. O superego é acessível a influências posteriores e, paralelamente, novas aquisições são incorporadas ao ideal do ego. Pau

tado na perfeição de figuras poderosas — primeiro os pais, depois outros adultos, heróis — ele continua a evoluir, à medida que o indivíduo amplia o universo de suas relações sociais, ao contato com professores, pessoas de prestígio e a cultura em geral.

A comparação do ego real com esse novo ideal gera uma tensão narcísica, assim chamada por decorrer do anseio de retorno do ego à perfeição. Já sabemos que essa tensão provoca o impulso para identificação com um modelo escolhido por conter elementos do ideal do ego. A identificação aproxima o ego real do ideal, o que provoca a satisfação narcísica. A escolha de um modelo depende, é claro, das opções existentes, mas também de características genéticas e influência cultural. A propósito, Laplanche e Pontalis salientam que "... o ideal do ego é constituído por identificações com ideais culturais não necessariamente harmonizados entre si".¹³⁶ Da mesma forma, os modelos escolhidos para identificação são muito variados.

Entretanto, a incorporação, ao ego real, de traços de modelos não é o único caminho que o aproxima do ideal. O superego está permanentemente avaliando o ego real e, através da repressão, excluindo as imperfeições. Freud, no texto de 1914, o confirma: "Para o ego, a formação de um ideal seria o fator condicionante da repressão".¹³⁷

Assim, podemos finalmente responder à questão, que vimos adiando, do destino da libido do ego. Ela investe em ideais através dos quais o ego tenta recuperar a perfeição do narcisismo primário. A partir do desenvolvimento do juízo crítico, o ego real, sob a permanente vigilância do superego, procura aproximar-se do ideal do ego, através dos processos de repressão e identificação.

¹³⁶Laplanche e Pontalis - *Vocabulário da psicanálise*. p. 299.

¹³⁷Freud, S. - *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) - ESB, vol. XIV, p. 111.

Dentre os tipos de escolha objetal narcisista, o investimento da libido no ideal do ego corresponde ao terceiro — amar o que a própria pessoa gostaria de ser. Laplanche e Pontalis destacam que Freud, no texto de 1914, esboça a relação dialética que une a escolha objetal narcisista à identificação: o ideal do ego é o modelo segundo o qual o objeto é escolhido e é, ele próprio, constituído segundo o modelo dos objetos anteriores.¹³⁸

O estudo, desenvolvido nos últimos parágrafos, da formação das instâncias ideais tomou por base, conforme havíamos antecipado, os pontos de vista de Barros. Retornaremos, agora, ao trabalho de Freud, começando por apresentar suas principais conclusões a respeito da auto-estima, que, como afirma, depende intimamente da libido narcisista. Vamos, porém, acompanhar Barros¹³⁹ na opção pelo termo *autoconfiança*, que parece expressar melhor esse sentimento.

Uma parte da autoconfiança provém de resíduos do sentimento de onipotência do narcisismo primário; parte decorre da realização do ideal do ego, ou seja, da confirmação da onipotência pela experiência; parte provém da satisfação da libido objetal.

A relação entre libido narcísica e autoconfiança deve ser estabelecida a partir da finalidade da escolha objetal narcisista: ser amado, o que realiza o ideal. Então, nas relações amorosas, ser amado aumenta o sentimento de autoconfiança, enquanto que não ser amado o diminui.

As relações entre autoconfiança e libido objetal dependerão de serem as catexias objetais libidinais ego-sintônicas ou não. Quanto ao primeiro caso, deve-se antes lembrar que "Um indivíduo que ama priva-se, por assim dizer, de

¹³⁸Laplanche e Pontalis - *Vocabulário da psicanálise*. p. 297.

¹³⁹Barros, C.P. - Comunicação pessoal (1985).

uma parte de seu narcisismo, que só pode ser substituído pelo amor da outra pessoa por ele".¹⁴⁰ Assim, o amar, na medida em que envolva dependência e privação, diminui a autoconfiança; ser correspondido e possuir o objeto amado aumenta-a. Quando as catexias objetais não são ego-sintônicas a libido é reprimida e ocorre o empobrecimento do ego e, conseqüentemente, a diminuição da autoconfiança. O ego só pode se recuperar pela retirada da libido dos objetos e sua transformação em libido narcísica.

No final de seu estudo de 1914, Freud estabelece uma importante relação entre o ideal do ego e a psicologia de grupo, à qual retornaremos adiante. Esse ideal tem também seu aspecto social, além do individual: é o ideal comum de uma família, uma classe ou uma nação. "Ele vincula não somente a libido narcisista de uma pessoa, mas também uma quantidade considerável de sua libido homossexual, que dessa forma retorna ao ego".¹⁴¹ A falta de satisfação que decorre da não realização desse ideal libera a libido homossexual, que é transformada em sentimento de culpa. Esse sentimento de culpa, originalmente, decorre do medo de perder o amor dos pais; mais tarde, os pais são substituídos por um número indefinido de pessoas e o sentimento será, especificamente, de ansiedade social.

¹⁴⁰Freud, S. - *Sobre o narcisismo: uma introdução* (1914) - ESB, vol. XIV, p. 116.

¹⁴¹Ibid., p. 119.

6. A TEORIA DOS SONHOS

No capítulo anterior, citamos a condição de sono como um exemplo de distribuição narcisista da libido que pertence à vida normal. O desenvolvimento da teoria da libido decorrente da introdução do conceito de narcisismo permitiu aprimorar a descrição do estado de sono e da atividade mental correspondente, os sonhos. Por essa razão, pareceu-nos adequado que essa abordagem sumária da teoria dos sonhos viesse em seguida ao estudo do narcisismo.

A importância da teoria dos sonhos para a psicanálise é indiscutível. Sobretudo após a publicação de *A interpretação de sonhos* (1900), ela tem proporcionado fundamento para novas formulações teóricas e para o aperfeiçoamento da terapia. Freud concedeu-lhe destaque em todos os seus principais trabalhos retrospectivos, desde as cinco conferências proferidas na Clark University em 1909 até o *Esboço*. Talvez possamos exemplificar satisfatoriamente lembrando o início da primeira das Novas Conferências de 1932, onde Freud considera correto e adequado começar outra série de exposições com uma revisão da teoria dos sonhos, pelo lugar especial que ocupa na história da psicanálise.¹⁴²

Neste capítulo tomaremos, mais uma vez, o *Esboço* como base para o desenvolvimento do trabalho, já que o Capítulo V de nossa principal obra de referência trata especificamente dos sonhos. Entretanto, a concisão que Freud impôs ao texto levou-o, inevitavelmente, a omitir algumas considerações de relevo, que buscaremos em outras fontes.

A despeito de termos realçado a importância do estudo dos sonhos para a psicanálise, convém explicar melhor o

¹⁴²Freud, S. - *Conferência XXIX* (1933 [1932]) - ESB, vol. XXII, p. 17.

porquê desse estudo. Somente os estados de conflito entre o ego e o id, a que já nos referimos, permitem fazer observações que contribuam efetivamente para o conhecimento dessas duas instâncias psíquicas. O sono é um estado desse tipo e, portanto, sua atividade psíquica, que percebemos como sonhos, é um objeto de estudo muito favorável. Além disso, os sonhos são ocorrências comuns na vida de uma pessoa normal, o que permite, salienta Freud, evitar a acusação de que a psicanálise constrói seu conhecimento da vida mental com base na observação de estados patológicos (p. 191).

O estado psíquico de uma pessoa que dorme se caracteriza por um afastamento quase total do mundo externo e uma retirada das catexias objetivas. Ocorrem, assim, regressão temporal da libido ao narcisismo primitivo e regressão temporal do ego à etapa de satisfação alucinatória dos desejos.¹⁴³ Como o ego comanda a motilidade, ela fica paralisada durante o sono e, portanto, pode haver uma redução da anticatexia que mantém sob repressão as idéias que representam as exigências instintuais do id. Já aprendemos que as idéias reprimidas podem, então, alcançar o pré-consciente como formação de compromisso entre o ego e o id e manifestar-se através de sonhos. Vamos, agora, nos deter no estudo dessa formação dos sonhos.

Freud afirma que a formação de sonhos começa com uma brecha no narcisismo absoluto do sono. Algumas catexias de resíduos de pensamento do dia anterior não foram submetidas à retirada geral determinada pelo ego, no seu desejo de dormir. Esses *resíduos do dia* são, pois, idéias pré-conscientes; Freud revela que eles retêm apenas uma parcela de sua catexia e, portanto, precisariam de reforço para atingir a consciência; mas já sabemos de onde esse reforço provém: das idéias reprimidas que, com a redução noturna da resistência, podem atingir o pré-consciente.

¹⁴³Freud, S. - *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917 [1915]) - ESB, vol. XIV, p. 253-254.

As idéias reprimidas não obedecem ao desejo de domir e retêm sua catexia, no todo ou em parte. No caso dos resíduos do dia, há duas possibilidades: eles mantêm parte de sua catexia devido a uma ligação já existente, na vida de vigília, com impulsos inconscientes, ou retêm uma parcela de catexia mas só podem ligar-se ao material reprimido durante o estado do sono, graças à redução da anticatexia.¹⁴⁴

O texto citado permite, ainda, aventar uma terceira possibilidade: toda a catexia do material pré-consciente foi retirada. Nesse caso, as idéias reprimidas poderiam penetrar no pré-consciente, valendo-se da redução da resistência durante o sono, mas entendemos que, para ganharem expressão, precisariam se ligar a material pré-consciente.

A abordagem do Esboço à questão do início da formação do sonho, de que estamos tratando, é muito sintética: os sonhos podem ter origem no id ou no ego. No primeiro caso, um impulso instintual reprimido consegue, à noite, fazer-se sentido pelo ego; não há, no referido texto, explicações quanto à maneira como isso ocorre. No segundo caso, um resíduo do dia (sequência pré-consciente de pensamento) recebe reforço, durante o sono, de material reprimido (p. 192).

Embora essas duas descrições já atendam ao nosso propósito, parece-nos oportuno acrescentar um esclarecimento à questão dos papéis desempenhados pelos materiais reprimido e pré-consciente na formação do sonho. Assim, recorreremos ao trabalho de 1900, onde Freud afirma que a forma motivadora para a formação de sonhos provém do sistema inconsciente que, por isso, será tomado como ponto de partida da formação onírica. Adverte, porém, que a participação de pensamentos do sistema pré-consciente é obrigatória.¹⁴⁵

¹⁴⁴ Ibid., p. 254-257.

¹⁴⁵ Freud, S. - *A interpretação de sonhos* (1900) - ESB, vol. V, p. 578.

É interessante, agora, retornar ao Esboço e tomar suas considerações genéricas como um roteiro. O processo de elaboração do sonho produz seu *conteúdo manifesto* a partir dos *pensamentos oníricos latentes*. O estudo dessa elaboração nos mostra como o material oriundo do id chega até o ego, torna-se pré-consciente e então sofre uma deformação para poder ter acesso à consciência (p. 192).

Ao longo de sua obra, nos vários trabalhos que tratam da teoria dos sonhos, Freud nem sempre fez uso da expressão *pensamentos oníricos latentes* com a mesma abrangência. Além disso, algumas vezes a empregou como sinônimo de *conteúdo latente*.¹⁴⁶ Assim, para evitar confusão, adotaremos, segundo Laplanche e Pontalis, o termo *conteúdo latente*, com um significado que inclui o desejo reprimido proveniente do id, o material pré-consciente e as excitações sensoriais noturnas, como, por exemplo, as de natureza sexual.¹⁴⁷

Uma vez que as idéias reprimidas encontram expressão no material pré-consciente, o que decorre já é uma formação de compromisso que satisfaz, a um só tempo, o impulso instintual e a defesa contra a ansiedade (uma fantasia que satisfaz o desejo, evitando a ansiedade).

Resta-nos, então, acompanhar o que ocorre com essa fantasia onírica que satisfaz o desejo. Nos termos do artigo de 1915, ela toma o inesperado caminho de uma regressão, através do sistema inconsciente, até a percepção, que exerce pressão sobre a consciência. Essa reversão de curso "(...) é ao mesmo tempo um retorno à etapa inicial da satisfação do desejo que ocorre na alucinação".¹⁴⁸

¹⁴⁶Freud, S. - *A interpretação de sonhos* (1900) - ESB, Vol. IV, p. 295.

¹⁴⁷Laplanche e Pontalis - *Vocabulário da psicanálise* - p. 143.

¹⁴⁸Freud, S. - *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917 [1915]) - ESB, Vol. XIV, p. 258-259.

A elaboração onírica é, na verdade, um processo muito mais complexo; nessa descrição sumária limitamo-nos a focalizar seus aspectos principais. Uma apresentação mais detalhada será, porém, necessária para melhor compreendê-la. Continuaremos a recorrer aos trabalhos de Freud, como previsto, mas nos valeremos, mais uma vez, das exposições de Barros,¹⁴⁹ para superar algumas dificuldades que dizem respeito tanto à terminologia como à própria evolução das idéias ao longo de cerca de quarenta anos de trabalho.

O material reprimido, ao avançar para o pré-consciente, traz consigo a modalidade de funcionamento típica do id — o processo primário. O material pré-consciente, então, regride e é primarizado; essa é a primeira etapa da regressão. De acordo com o Esboço, como a organização do ego não está paralisada, impõe uma distorção ao material inconsciente, de que resulta uma conciliação (p. 193), ou seja, formação de compromisso.

A sucessão do processo secundário pelo processo primário significa que, na linguagem de 1915, "(...) os pensamentos são transformados em imagens, principalmente de natureza visual; isto é, as apresentações da palavra são levadas de volta às apresentações da coisa que lhes correspondem (...)".¹⁵⁰ A mobilidade das catexias, característica do processo primário, acarreta a grande tendência à condensação e ao deslocamento. Isso explica, como assinala Freud no Esboço, a maior parte do que parece estranho nos sonhos, pois um elemento isolado do conteúdo manifesto pode representar muitos pensamentos latentes e, da mesma forma, um elemento de pequena importância dos pensamentos latentes pode aparecer como o mais importante do conteúdo manifesto (p. 194).

A segunda etapa da regressão — ainda segundo Barros — corresponde à perda de realidade. Trata-se, como afirmamos no início deste Capítulo, de uma regressão do ego à fase

¹⁴⁹ Barros, C.P. - Comunicação pessoal (1986).

¹⁵⁰ Freud, S. - *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917 [1915]) - ESB, Vol. XIV, p. 259.

de satisfação alucinatória dos desejos, ou seja, do princípio de realidade ao princípio de prazer. Em decorrência da perda de realidade, a fantasia onírica que satisfaz o desejo se transforma em alucinação.

Assim, o conteúdo latente do sonho, por efeito de uma regressão em duas etapas, é transformado no conteúdo manifesto. Este ainda sofre uma revisão secundária, ao mesmo tempo que se torna consciente como uma percepção sensorial. A revisão secundária — a que todo conteúdo perceptual está sujeito — visa a tornar o sonho manifesto mais compreensível, estabelecendo, para isso, vínculos e relações lógicas entre os elementos que constituem o produto da elaboração onírica.¹⁵¹ É oportuno salientar, ainda, como o faz Freud no trabalho de 1900, que a ordem cronológica utilizada para expor o processo de elaboração não corresponde à realidade, pois há ocorrência simultânea de etapas do processo; essa ordem foi adotada para facilitar a descrição.¹⁵²

O sonho, como alucinação, representa o desejo como satisfeito e produz a crença na realidade dessa satisfação. É necessário, portanto, explicar porque o indivíduo acredita na satisfação do desejo, se é capaz de distinguir a realidade de uma idéia ou um desejo.¹⁵³ Freud considera que a crença na realidade está ligada à percepção; assim, quando um pensamento regride, como na elaboração do sonho, transforma-se em imagens sensoriais e atinge a percepção, o indivíduo aceita essa percepção como real.

Freud, entretanto, indaga a seguir o que determina a formação de uma alucinação. Presume que a alucinação consiste numa catexia que se origina internamente e atinge o sistema perceptivo consciente através da regressão. O fator determinante da formação da alucinação seria, portanto, a regressão; esta,

¹⁵¹ Ibid., p. 261.

¹⁵² Freud, S. - *A interpretação de sonhos* (1900) - ESB, vol. V, p. 614.

¹⁵³ Freud, S. - *Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos* (1917 [1915]) - ESB, vol. XIV, p. 261-266.

por sua vez, resulta, como já vimos, da atração que o reprimido exerce sobre os pensamentos com os quais entrou em ligação. O problema da origem da alucinação estaria, pois, resolvido, se não soubéssemos de situações em que a regressão traz à consciência imagens de lembranças que não tomamos por percepções reais. Persiste, então, a dúvida sobre a formação da alucinação e, conseqüentemente, o porquê da satisfação alucinatória do desejo.

Para chegar à resposta devemos relembrar que, ao introduzirmos o conceito de instinto, mostrámos que os estímulos externos podem ser evitados por uma ação muscular adequada; quando a ação não tem qualquer valia, trata-se de um estímulo que vem de dentro, expressão de necessidades instintuais. O *teste da realidade* é um dispositivo desse tipo, uma inervação motora a serviço do sistema perceptivo consciente — vale dizer, do ego. Graças a ele é possível saber se, por efeito da ação muscular, uma percepção desaparece ou persiste. Se desaparecer é externa, é realidade; se persistir vem de dentro, não é real.

O teste da realidade permite, assim, distinguir as satisfações alucinatórias das que são reais. É, portanto, necessário que ele seja posto fora de ação, para que a satisfação do desejo seja percebida como real. No estado de sono isso ocorre porque o ego não está interessado na realidade e retira uma catexia do sistema consciente, o que desativa o teste da realidade. Então, um estímulo que se origina internamente e toma o caminho da regressão, encontra-o desimpedido até a consciência e é aceito como real.

Após essa resenha da elaboração onírica, podemos retomar o Esboço e acrescentar algumas considerações importantes para este trabalho. Começaremos citando algumas evidências do papel do id na formação dos sonhos. Freud afirma que os sonhos fazem uso abundante de símbolos lingüísticos, cujos significados, na maior parte, são desconhecidos da pessoa que sonha. Além disso, a memória nos sonhos é muito mais am

pla que na vida de vigília. Isso pode ser observado, em primeiro lugar, nas recordações que o sonho proporciona de material inacessível na vida desperta, por já ter sido esquecido. Mais remotamente, reproduz impressões da primitiva infância que não se pode considerar apenas esquecidas, mas que sofreram repressão; isso explica a importância dos sonhos, durante a terapia, para a reconstrução do período inicial da vida de uma pessoa. Por fim, Freud considera que os sonhos trazem à luz material ainda mais remoto, cuja origem não está nas experiências do próprio indivíduo e sim no seu patrimônio filogenético (p. 192-193).

A importância dos sonhos para a psicanálise, contudo, não se restringe a essas contribuições à terapia. Como frisamos no início deste tópico, seu estudo tem proporcionado fundamento para formulações teóricas, principalmente no que diz respeito ao processo primário. A ocorrência da condensação e do deslocamento durante a elaboração do sonho nos permite compreender o funcionamento desses processos psíquicos do id, normalmente inacessíveis. Pode-se, então, concluir que a mobilidade das catexias é uma característica do id.

Através da elaboração onírica chega-se a compreender outras características dos processos do id, dentre as quais mencionaremos a ausência de lógica e o fato de que os representantes instintuais nele presentes são isentos de contradição mútua e procuram descarregar sua catexia. Todas essas características nos colocam diante das complicações da elaboração do sonho e, portanto, das relações entre o conteúdo latente e o conteúdo manifesto. Cabe, pois, indagar como será possível interpretar um sonho, a despeito de tais dificuldades.

Freud afirma, em resposta, que o problema pode ser solucionado satisfatoriamente na maior parte dos casos, desde que se utilize as associações, feitas pela pessoa que sonhou, aos elementos do conteúdo manifesto. Essas associações

estabelecem ligações intermediárias entre o conteúdo manifesto e o latente, possibilitando que se chegue a este último por um caminho de sentido oposto ao da elaboração do sonho (p. 194-196).

É interessante, também, acompanhar Freud na explicação dinâmica que apresenta para o fato de o ego adormecido se dar ao trabalho da elaboração onírica. Um sonho em processo de formação sempre apresenta exigências ao ego: se provém do id, será a satisfação de uma necessidade instintual; se provém do ego, poderá ser a solução de um conflito, de uma dúvida ou outra questão relacionada aos resíduos pré-conscientes da vida desperta. O ego, concentrado no desejo de continuar dormindo, sente essas exigências como perturbações; livra-se delas, então, substituindo-as pela realização inofensiva do desejo — obtida através da satisfação alucinatória. Esta é a função essencial da elaboração onírica (p. 196). O sonho, portanto, é um guardião do sono (p. 197).

A generalização da tese de que os sonhos são realizações de desejos pode provocar dúvidas, pois muitos sonhos têm conteúdo aflitivo e alguns chegam mesmo a despertar a pesoa em ansiedade. Freud, porém, afirma que mesmo os sonhos de ansiedade não constituem uma objeção válida contra sua tese. Aprendemos que os sonhos são uma conciliação, uma tentativa de regular conflitos entre o ego e o id; assim, o que constitui satisfação para o id pode, por isso mesmo, gerar ansiedade para o ego (p. 197).

Se, porém, a exigência feita pelo id é forte demais para que o ego adormecido consiga lidar com ela por meio da conciliação, ele abandona o desejo de dormir e retorna à vida de vigília. Neste caso, o ego "(...) renuncia ao sono por temer seus sonhos", como afirma Freud no artigo de 1915.¹⁵⁴

¹⁵⁴ Ibid., p. 257.

A título de conclusão, julgamos oportuno citar uma síntese elaborada por Freud, que é parte de um parágrafo acrescentado em 1919 ao trabalho de 1900: "(...) sonhar é, em seu todo, um exemplo de regressão às primitivas condições daquele que sonha, um ressurgimento de sua infância, dos impulsos instintivos que a dominaram e dos métodos de expressão que então se lhe achavam disponíveis. Por trás desta infância do indivíduo é-nos prometido um quadro de uma infância filogenética — um quadro do desenvolvimento da raça humana, do qual o desenvolvimento do indivíduo é, na realidade, uma recapitulação abreviada, influenciada pelas circunstâncias da vida".¹⁵⁵

¹⁵⁵Freud, S. - *A interpretação de sonhos* (1900) - ESB, vol. V, p. 585.

7. PSICOLOGIA DE GRUPO

Nos capítulos precedentes, estudamos a teoria psicanalítica de Freud com base em textos que o autor considera dentro do domínio da psicologia individual. Neste capítulo, abordaremos um tema que pertence ao campo da psicologia social. A seqüência parece adequada, pois Freud procura elucidar a psicologia dos grupos a partir de alterações nas condições psíquicas dos indivíduos componentes, isto é, a partir da psicologia individual.

Preliminarmente, devemos apresentar o critério utilizado para dividir a psicologia nessas duas áreas distintas. Freud considera que o contraste entre psicologia individual e social não é muito nítido, mas não deixa de estabelecê-lo. A psicologia individual não se limita ao homem tomado individualmente, mas abrange suas relações com modelos, objetos, oponentes, enfim, sob a influência de um número reduzido de pessoas, como os pais, os amigos, a pessoa amada. Já a psicologia social ou de grupo* trata das relações do indivíduo com um grande número de pessoas simultaneamente. Interessasse, portanto, pelo indivíduo como membro de uma profissão, uma instituição, uma raça, uma casta, uma nação ou como componente de uma multidão que se organizou em determinado momento, com uma intenção definida.¹⁵⁶

Freud justifica seu interesse pela psicologia de grupo apresentando limitações da psicologia individual. Mesmo que essa última conseguisse atingir todos os seus objetivos, depararia com situações em que não conseguiria compreender satisfatoriamente a vida mental do indivíduo; isso ocor-

*A ESB adotou a tradução "grupo" para a palavra alemã "Masse", de significado mais abrangente.

¹⁵⁶Freud, S. - *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921) - ESB, vol. XVIII, p. 91-92.

re quando ele faz parte de um grupo.

Desde já, porém, nossas considerações exigem prudência. A obra em que Freud trata especificamente do assunto deste capítulo, *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921), apresenta os pontos de vista de vários autores sobre o tema. É a partir deles que Freud vai expondo suas próprias concepções. Assim, devemos estar atentos para a variedade de sentidos com que a palavra *grupo* é empregada no texto citado.

O próprio Freud nos adverte para a existência de tipos muito diferentes de grupos: há os efêmeros e os duradouros; os homogêneos — constituídos pelo mesmo tipo de indivíduo — e os heterogêneos; há os naturais e os artificiais, que exigem o emprego de uma força externa para mantê-los unidos; há grupos primitivos e há os organizados, com estrutura definida; há, ainda, uma distinção a que Freud confere especial relevo, os grupos com e sem líder.¹⁵⁷ Procuraremos, sempre que for o caso, identificar o tipo de grupo a que o texto se referir.

Após uma breve introdução, Freud dedica todo o segundo capítulo de sua obra à análise da *Psychologie des foules*, de Gustave Le Bon (1895). Devemos, pois, esclarecer logo o que Le Bon entende como um grupo psicológico, conforme citação de Freud: um grupo provisório, formado por elementos heterogêneos que por um momento se reúnem. Mais adequadamente, portanto, trata-se de uma multidão, como aliás indica o título da obra.¹⁵⁸ Vamos, então, às considerações de Freud.

Já vimos que quando um indivíduo se vincula a um grupo, sua vida mental deixa de atender às expectativas da psicologia individual. Vimos, também, que Freud considera a ob

¹⁵⁷ Ibid., p. 119.

¹⁵⁸ Ibid., p. 96.

servação das alterações que então se processam como o melhor caminho para elucidar as principais questões da psicologia de grupo. Essas alterações consistiriam no fato de que o ingresso no grupo apaga as características distintivas do indivíduo, enquanto afloram os fundamentos inconscientes, que são semelhantes em todos.

Le Bon acredita que os indivíduos adquirem novas características, em razão de três fatores: um sentimento de poder associado à irresponsabilidade, o contágio e a sugestio-nabilidade. Freud considera o contágio possivelmente como uma manifestação da sugestionabilidade, à qual retornaremos adiante. Ademais, não atribui importância ao surgimento de características novas. O indivíduo, quando num grupo, pode afastar as repressões de seus impulsos instintuais inconsci-entes. As características aparentemente novas são, na verdade, manifestações inconscientes.¹⁵⁹

Le Bon afirma que um indivíduo, mesmo se for culto, ao ligar-se a um grupo passa a apresentar características primitivas, inclusive experimentando uma redução de sua capaci-dade intelectual. Discorre, então, sobre as características da mente grupal, que procuraremos sintetizar, pois Freud lhes dedica amplo espaço¹⁶⁰ e as considera coerentes com a psicanálise.

Um grupo obedece a impulsos sempre imperiosos, sejam eles generosos ou cruéis, heróicos ou covardes; nem mesmo a autopreservação os detém. Suas manifestações não são premeditadas e, por ser incapaz de perseverança, é mutável; um sentimento de onipotência não tolera demora na realização de seus desejos. É crédulo e influenciável; pensa por imagens; seus sentimentos são sempre simples e exagerados, de modo que não lhe ocorre a dúvida.

¹⁵⁹ Ibid., p. 97-99

¹⁶⁰ Ibid., p. 101-104.

Um grupo vai imediatamente a extremos: da suspeita à certeza total, de um traço de antipatia ao ódio. A extrema intensificação de suas emoções, lembra Freud, é também característica da vida afetiva das crianças e está presente nos sonhos, configurando, portanto, uma regressão da atividade mental. A tendência a extremos faz com que um grupo só seja excitado por estímulos fortes: repetição e exagero de preferência a argumentos lógicos.

Como não lhe ocorre a dúvida e tem consciência de sua própria força, um grupo é tão intolerante quanto obediente à autoridade. Respeita a força e vê a bondade como uma forma de fraqueza; seus heróis devem ser fortes ou mesmo violentos. Quer ser dirigido, oprimido e temer seus senhores. Conservador, tem aversão por inovações e um grande respeito pela tradição.

Os princípios éticos de um grupo sofrem a influência do fato de que as inibições individuais caíram e as manifestações inconscientes emergem. Em consequência, idéias contraditórias coexistem e toleram-se mutuamente, sem que a contradição lógica gere qualquer conflito, como é característico dos processos mentais inconscientes. Porém, sob a influência da sugestão — de que nos ocuparemos adiante — os grupos tornam-se também capazes de abnegação, devoção a um ideal e desprendimento; o interesse pessoal raramente é uma força motivadora de grande expressão, ao contrário do que ocorre com os indivíduos isolados.

Finalmente, um grupo está sujeito ao poder das palavras; certas palavras e fórmulas, proferidas com solenidade, prevalecem sobre os argumentos racionais. Os grupos não desejam a verdade; eles não podem passar sem fantasia e ilusões. Como ocorre nos sonhos e na hipnose, o teste de realidade cede à força dos impulsos desejosos.

Ao fazer uma avaliação conclusiva dessa descrição

das características da mente grupal, Freud destaca como aspectos mais importantes a ênfase dada à vida mental inconsciente, a inibição do intelecto, a intensificação da afetividade e a comparação com a vida mental dos povos primitivos. Considera corretas as observações feitas por Le Bon, embora não atribua a elas qualquer originalidade.¹⁶¹

Uma crítica dirigida à análise feita por Le Bon afirma que outras manifestações observáveis contribuiriam para a formação de opiniões mais favoráveis a respeito da mente grupal; a linguagem e o folclore seriam exemplos na área da inteligência. Aqui, porém, julgamos que cabe perguntar se os exemplos citados são, realmente, produtos da mente grupal que Le Bon descreveu, ou seja, manifestações de multidão. Entendemos que não. Essa questão nos adverte mais uma vez, portanto, para a necessidade de atenção quanto ao emprego do termo *grupo*.¹⁶²

A seguir, Freud se detém em considerações sobre o livro *The group mind* (A mente grupal) (1920) de W. McDougall; apresentaremos, sucintamente, as mais importantes para o nosso trabalho.¹⁶³ O aspecto fundamental para distinguir os grupos é, segundo McDougall, o grau de organização. Mesmo no grupo mais simples, que chama de *multidão*, uma organização rudimentar é necessária. Para que essa multidão se transforme num grupo psicológico, porém, é necessário que os indivíduos componentes tenham certo grau de influência recíproca, que decorre de terem algo em comum. O resultado, que o autor chama de homogeneidade mental, favorece as manifestações da mente grupal.

A mais importante consequência da formação de um grupo é a intensificação da emoção em cada membro. Isso ocorre através do contágio emocional, a que já nos referimos. Há

¹⁶¹ Ibid., p. 107.

¹⁶² Ibid., p. 108.

¹⁶³ Ibid., p. 109-112.

uma compulsão a permanecer em harmonia com o grupo, favorecida pelo poder que ele exerce sobre o indivíduo. Em obediência à autoridade do grupo, o indivíduo afasta as inibições e entrega-se às suas paixões, agindo de um modo que, em condições normais, teria evitado.

Com relação à inibição do intelecto, McDougall apenas afirma que a intensificação da emoção, em geral, cria condições desfavoráveis para o trabalho intelectual. A atividade mental dos indivíduos no grupo não se acha livre e, além disso, o senso de responsabilidade pelo desempenho individual sofre uma redução. Como resultado, o nível intelectual de referência, no grupo, é o dos indivíduos de inteligência inferior.

A descrição que McDougall faz do comportamento psicológico de um grupo não organizado simples — a multidão — pouco difere da de Le Bon. Mas a ênfase que confere à organização leva-o a formular as condições para elevação da vida mental coletiva. São elas, em linhas gerais: o grupo deve ter um certo grau de continuidade; deve ter uma estrutura definida; cada membro deve ter uma idéia da natureza e estrutura do grupo, de modo a desenvolver uma relação emocional com o grupo como um todo; deve haver interação com outros grupos, talvez de caráter competitivo; o grupo deve ter tradições, costumes e hábitos que determinem as relações de seus membros entre si. Satisfeitas essas condições, as desvantagens psicológicas da formação grupal estariam superadas. Quanto às tarefas intelectuais, seriam reservadas apenas para alguns membros.

Após acompanharmos Freud na análise crítica dos trabalhos de Le Bon e McDougall, vamos segui-lo na exposição de seus próprios pontos de vista sobre a psicologia de grupo. Já ressaltamos que a vinculação de um indivíduo a um grupo primitivo — não organizado — provoca sensíveis alterações em sua atividade mental, de caráter regressivo. A essência

dessas alterações está nas teses fundamentais da intensa submissão às emoções e da acentuada redução da capacidade intelectual. A organização do grupo pode, ao menos em parte, superar esses aspectos indesejáveis, mas o interesse de Freud está concentrado na descoberta da explicação psicológica dessas alterações mentais.¹⁶⁴

Um retrospecto das explicações então disponíveis levou Freud a concluir que elas se reduzem todas ao conceito de *sugestão*, cuja natureza, todavia, não é esclarecida. Por não aceitar que a sugestionabilidade seja um fenômeno primário, ele segue em busca da explicação por outro caminho. Lembra que um grupo é mantido unido por alguma espécie de poder e que quando um indivíduo, num grupo, abandona suas características pessoais e se deixa suggestionar, parece que o faz por uma necessidade de estar em harmonia com o grupo. Faz uso, então, do conceito de *libido* e formula a suposição de que os laços emocionais constituem a essência da mente grupal.¹⁶⁵

Para desenvolver suas concepções, Freud toma como exemplos duas formações grupais artificiais, permanentes e de organização bastante complexa: as igrejas e os exércitos. Esses dois tipos de grupo, apesar das diferenças, apresentam pontos em comum: a ilusão de que há um líder que ama igualmente todos os membros do grupo; além disso, os laços que unem cada membro ao líder são também a causa dos laços que unem esses integrantes entre si; finalmente, esses laços são de natureza libidinal. Assim, perante o líder, todos são iguais por partilharem igualmente o seu amor; todos, porém, querem ser dirigidos por ele, uma pessoa superior.¹⁶⁶

¹⁶⁴ Ibid., p. 113.

¹⁶⁵ Ibid., p. 113-118.

¹⁶⁶ Ibid., p. 119, 120 e 154.

Freud defende-se previamente de uma possível objeção contra sua idéia dos laços libidinais em um exército, que parece ignorar a existência de certas crenças e valores — como o patriotismo, por exemplo — importantes para a coesão desse tipo de grupo. Afirma que tais crenças e valores não são indispensáveis à existência de um exército, mas promete voltar a considerar o caso da substituição do líder por uma idéia dominante. Por ora, insiste na importância do líder para manter os laços emocionais e, portanto, a união do grupo. Com o indivíduo preso por dois vínculos tão intensos, não surpreende que sofra as limitações já observadas em sua personalidade.¹⁶⁷

Freud considera o fenômeno do pânico, especialmente nos grupos militares, como um argumento a favor de sua tese dos laços libidinais. Ocorre o pânico em um exército quando ele se desintegra; as ordens dos superiores não são mais cumpridas, os laços mútuos desaparecem e cada um se preocupa apenas consigo mesmo; surge um grande e insensato medo. Não é o crescimento do medo que desestrutura o grupo, pois o mesmo exército pode já ter enfrentado perigos iguais ou maiores sem perder a coesão; o pânico pode, por outro lado, manifestar-se em situações triviais. Os laços emocionais é que impedem o crescimento do medo; se desaparecem, o indivíduo sente-se só para enfrentar o perigo e o medo pode crescer. Freud acrescenta que a perda do líder provoca o pânico, pois os laços mútuos entre os membros do grupo geralmente desaparecem quando os laços com o líder se rompem.¹⁶⁸

Ao prosseguir na defesa de sua tese, Freud lança mão do conceito de narcisismo para chegar ao que considera uma prova de que os laços libidinais são a característica de um grupo. Agora, porém, nada indica que vamos tratar especificamente de dois grupos artificiais. As considerações que

¹⁶⁷ Ibid., p. 121-122.

¹⁶⁸ Ibid., p. 122-124.

se seguem são genéricas e Freud, logo de início, afirma que a transformação de uma simples reunião de pessoas em um grupo psicológico ocorre com o estabelecimento dos laços emocionais. Ora, como é justamente isso que se está tentando provar, talvez fosse mais prudente, por enquanto, falar de laços simplesmente, sem caracterizar de que tipo.¹⁶⁹

O homem, em suas relações com os semelhantes, mostra uma agressividade à qual a psicanálise atribui um caráter elementar. Quase toda relação emocional íntima que perdura por certo tempo contém sentimentos de aversão e hostilidade, que escapam à percepção por serem reprimidos. Nas relações comuns de trabalho ou em unidades sociais maiores, esses sentimentos manifestam-se de forma mais explícita. Quando a hostilidade atinge pessoas amadas, dizemos tratar-se de ambivalência de sentimentos; quando se dirige a estranhos é expressão do narcisismo, que se comporta como se qualquer divergência envolvesse a preservação do indivíduo.¹⁷⁰

Quando um grupo se forma, todavia, essa hostilidade desaparece; cada membro mostra-se tolerante em relação aos demais. Nos grupos, portanto, o narcisismo está sujeito a limitações que, em outras circunstâncias, não são observadas. Tais limitações, lembra Freud, só podem derivar de laços libidinais com objetos. A experiência demonstra que a colaboração no trabalho gera, entre os companheiros, laços emocionais que são manifestações do instinto sexual, desviadas de seus objetivos originais. A mesma coisa — acrescenta — ocorre no desenvolvimento da humanidade: só Eros atua como fator civilizador, no sentido de transformar o egoísmo em altruísmo. A restrição ao narcisismo nos grupos, por conseguinte, comprova que o surgimento de laços libidinais entre os membros é a característica essencial das formações grupais.¹⁷¹

¹⁶⁹ Ibid., p. 127.

¹⁷⁰ Ibid., p. 128-129.

¹⁷¹ Ibid., p. 129-131.

Afirmar que a colaboração no trabalho gera laços emocionais, porém, não esclarece como surgem esses laços. É, pois, nessa questão que Freud se detém a seguir, concluindo que tais laços são da natureza de uma identificação, baseada em importante qualidade comum. Manifesta, então, a suspeita de que essa qualidade comum seja a ligação emocional de cada membro com o líder do grupo.¹⁷²

Neste ponto, é inevitável perguntar o que ocorre nos grupos que não têm líder. A resposta, porém, é apenas sugerida por meio de outras questões. O lugar do líder pode ser ocupado por uma idéia dominante, uma abstração, uma tendência comum ou um desejo. Os grupos religiosos, com seu chefe invisível, seriam uma etapa intermediária para esses grupos sem líder. Freud evita desenvolver essas especulações, para não se desviar de seu objetivo principal.¹⁷³

Assim, retornamos à constituição libidinal dos grupos ou, mais especificamente, dos grupos que têm um líder. É necessário, agora, esclarecer a natureza do laço emocional que une cada membro ao líder e que serve de base, como vimos, para a identificação dos membros entre si. Freud busca a resposta empreendendo um estudo paralelo do amor e da hipnose.

No amor, a atenção de Freud é despertada pelo fenômeno da supervalorização sexual, que é, como vimos ao estudar o narcisismo, um exemplo de idealização do objeto. Se a supervalorização sexual aumenta, os traços de humildade e de limitação do narcisismo intensificam-se. Especialmente nos casos em que a satisfação sexual não pode ser atingida, a devoção do ego ao objeto confunde-se com a devoção sublimada a

¹⁷²Ibid., p. 136.

¹⁷³Ibid., p. 127-128.

uma idéia abstrata. Em resumo, afirma Freud, "o objeto foi colocado no lugar do ideal do ego" e o superego deixa de exercer, em relação a ele, sua função crítica.¹⁷⁴

Não é difícil encontrar, nessa argumentação, vários pontos de apoio para as idéias de Freud a respeito da constituição libidinal dos grupos, o que também se pode dizer de suas observações sobre a hipnose. A mesma sujeição humilde leva a crer que o hipnotizador colocou-se no lugar do ideal do ego. A ausência de impulsos sexuais, que se acham inibidos em seus objetivos, contribui para que o fenômeno possa ser observado com toda a nitidez, pois esses impulsos, quando atingem seu objetivo, sofrem grande redução pela descarga de energia. Freud acredita que a relação hipnótica é idêntica à formação de grupo e, por envolver apenas dois membros, permite isolar o comportamento do indivíduo em relação ao líder. São precisamente esses impulsos sexuais inibidos em seus objetivos que, por não sofrerem a redução decorrente das descargas, estabelecem laços permanentes entre as pessoas.¹⁷⁵

A essa altura, Freud considera-se em condições de apresentar a constituição libidinal básica dos grupos que têm um líder: os membros colocaram o mesmo objeto — o líder — no lugar do seu ideal do ego e, em decorrência, se identificaram uns com os outros.¹⁷⁶ Concluída a longa digressão que fez para estudar a natureza dos laços que mantêm a coesão grupal, retorna então ao exame do comportamento psicológico dos grupos.

Os laços emocionais de que tratamos explicam, segundo Freud, as características de dependência e falta de iniciativa dos componentes do grupo, bem como a semelhança de suas reações; ou seja, o que chama de redução dos membros do gru-

¹⁷⁴ Ibid., p. 142-144.

¹⁷⁵ Ibid., p. 144-146.

¹⁷⁶ Ibid., p. 147.

po ao nível de indivíduos grupais. Outras características, porém, como a diminuição da capacidade intelectual e a submissão às emoções, compõem um quadro de regressão da atividade mental a um estágio semelhante ao da horda primeva. Esse termo refere-se a uma hipótese formulada por Freud em sua obra *Totem e tabu* (1912-13),¹⁷⁷ com base em conjecturas de Darwin. Para o desenvolvimento de nosso trabalho interessa, apenas, esclarecer que a horda primeva seria a forma primitiva de organização da sociedade humana, consistindo em um grupo relativamente pequeno de pessoas chefiado por um macho poderoso.¹⁷⁸

A regressão faz com que, ainda hoje, os membros de um grupo necessitem da ilusão de serem igualmente amados por seu líder. Esse, por sua vez, pode ser dominador, narcisista e independente; é o ideal dos componentes, que apreciam sua autoridade e — na expressão de Le Bon — têm sede de obediência. Freud ressalva, porém, que nos grupos organizados e artificiais essa regressão pode ser controlada, o que representa outra manifestação de reconhecimento da importância da organização, defendida por McDougall. É nos grupos efêmeros que observamos o desaparecimento, ainda que temporário, das aquisições individuais.¹⁷⁹

Chegamos às considerações finais de Freud a respeito da psicologia de grupo. Um indivíduo de nossa época faz parte de numerosos grupos; construiu seu ideal do ego segundo modelos variados e acha-se ligado por vínculos de identificação não necessariamente harmonizados entre si. Participa, então, de diversas mentes grupais, mas pode elevar-se acima delas, "(...)na medida em que possui um fragmento de indepen

¹⁷⁷Freud, S. - *Totem e tabu* (1913 [1912-13]) - ESB, vol. XIII, p. 152, 169 e seguintes.

¹⁷⁸Freud, S. - *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921) - ESB, vol. XVIII, p. 149, 155 e 156.

¹⁷⁹Ibid., p. 149, 157, 161 e 163.

dência e originalidade".¹⁸⁰ Essa última observação, a nosso ver muito importante, não recebeu de Freud, infelizmente, a atenção que merecia; voltaremos a ela no capítulo conclusivo deste trabalho.

¹⁸⁰Ibid., p. 163.

8. CULTURA E SOCIEDADE

Acompanhamos, no capítulo anterior, a tentativa de Freud no sentido de esclarecer alguns aspectos da psicologia social ou de grupo (*Massenpsychologie*), que se ocupa, como vimos, do indivíduo sob a influência de um grande número de pessoas simultaneamente. No presente capítulo, pretendemos apresentar, sob o título genérico de Cultura e Sociedade, uma súpula das idéias contidas em vários trabalhos que tratam, principalmente, dos aspectos sociológicos do antagonismo entre cultura e vida instintual.

A palavra *cultura* é polissêmica, o que torna necessário precisar o sentido em que Freud a emprega. Dada a importância que o conceito terá para nós doravante, optamos por citar, na íntegra, o trecho que esclarece a questão: "A civilização humana, expressão pela qual quero significar tudo aquilo em que a vida humana se elevou acima de sua condição animal e difere da vida dos animais — e desprezo ter que distinguir entre cultura e civilização —, apresenta, como sabemos, dois aspectos ao observador. Por um lado, inclui todo o conhecimento e capacidade que o homem adquiriu com o fim de controlar as forças da natureza e extrair a riqueza desta para a satisfação das necessidades humanas; por outro, inclui todos os regulamentos necessários para ajustar as relações dos homens uns com os outros e, especialmente, a distribuição da riqueza disponível".¹⁸¹ Trata-se, portanto, de um significado bastante amplo. O interesse maior de Freud, porém, concentrou-se no antagonismo entre as exigências instintuais e as restrições impostas por essa cultura.

¹⁸¹Freud, S. - *O futuro de uma ilusão* (1927) - ESB, vol. XXI, p. 16.

O tema é abordado especificamente em três trabalhos principais, dos quais nos ocuparemos, a saber: *Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna* (1908), *O futuro de uma ilusão* (1927) e *O mal-estar na civilização* (1929). Além desses, examinaremos ainda *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* (1912), a *Conferência XXXV* e *Por que a guerra?* (carta aberta a Einstein), ambos de 1932. Vemos que mais de vinte anos separam o primeiro e os últimos trabalhos citados. Já sabemos, por outro lado, como esse período foi significativo para a evolução do conhecimento psicanalítico, em especial se o estudo envolve tão diretamente a teoria dos instintos, como é o caso. Assim, optamos — embora sem rigidez — por desenvolver o capítulo segundo um roteiro cronológico, em benefício da clareza. Cabe, ainda, ressaltar que nossa intenção é limitar o texto à exposição do pensamento de Freud e à formulação de algumas questões para consideração posterior. Isso é recomendável devido à natureza polêmica do tema.

O roteiro cronológico que adotamos nos leva a examinar, em primeiro lugar, o trabalho *Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna*, de 1908. Contudo, já nos *Três ensaios* de 1905 o antagonismo que constitui, no momento, nossa principal preocupação é apresentado explicitamente: "Em consequência da relação inversa que existe entre a civilização e o livre desenvolvimento da sexualidade, cujas consequências podem ser seguidas até a estrutura de nossas existências, o curso que a vida sexual de uma criança toma é tão sem importância para a vida ulterior onde o nível cultural ou social é relativamente baixo como é importante onde esse nível é relativamente alto".¹⁸²

No texto de 1908, com a atenção voltada para a chamada "doença nervosa moderna", o mesmo antagonismo aparece em

¹⁸²Freud, S. - *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) - ESB, vol. VII, p. 250.

outros termos. Freud afirma, então, que, em relação às doenças nervosas propriamente ditas, "(...) a influência prejudicial da civilização reduz-se principalmente à repressão nociva da vida sexual dos povos (ou classes) civilizados através da moral sexual 'civilizada' que os rege".¹⁸³

Ao compararmos os enunciados das duas últimas citações, julgamos oportuno fazer uma observação, de caráter preliminar, com o propósito de sublinhar aspectos da questão que nos parecem relevantes. Quando Freud se refere a "nível cultural" (1905) e "povos civilizados" (1908), não é difícil entender, à luz do seu conceito de cultura, o que quer dizer. Quando, porém, se refere a "nível social" (1905) e "classes civilizadas" (1908), o significado de suas palavras não nos parece claro. Todavia, talvez seja prudente não ir além dessa advertência, até que se disponha de elementos para uma apreciação mais bem fundamentada.

A citação extraída do trabalho de 1908 suscita, ainda, uma observação. Freud afirma que a influência nociva da civilização reduz-se, principalmente, à repressão da vida sexual. Em outro ponto, após transcrever opiniões de vários especialistas seus contemporâneos, chega a concluir que "(...) não existe nenhuma correspondência entre as formas das doenças nervosas e as outras influências nocivas da civilização assinaladas por aquelas autoridades".¹⁸⁴ É claro, porém, que quando Freud, no título do texto em pauta, se refere a doença nervosa *moderna*, isso não significa que considere a repressão sexual um produto exclusivo de sua época; parece que o propósito é dar ênfase ao fato de que, modernamente, a ocorrência da repressão sexual — e, portanto, da doença nervosa — é muito significativa.

¹⁸³Freud, S. - *Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna*. (1908) - ESB, vol. IX, p. 191.

¹⁸⁴Ibid., p. 191.

Feitas essas considerações, devemos seguir a exposição em que Freud desenvolve suas idéias a respeito do tema.¹⁸⁵ Para construir a civilização, o homem teve que renunciar a uma parcela de sua vida instintual. O papel do instinto sexual nesse processo é realçado, pela quantidade de energia que coloca à disposição das atividades culturais; mas é mencionada, também, a renúncia a uma parte das inclinações agressivas da personalidade.

Já conhecemos essa vicissitude por que passam os instintos: é a sublimação, que foi objeto de estudo na última parte do Capítulo 2. Freud considera que a parcela do instinto sexual que pode ser sublimada varia, em função de características individuais. De todo modo, há um limite, pois em quase todos os casos uma certa quantidade de satisfação sexual direta parece ser imprescindível. Aquele que deseja atender às exigências da civilização além do que sua constituição permite, é vitimado pela neurose. Acreditamos que rancínio análogo possa ser empregado para o instinto agressivo.

O tema do desenvolvimento da civilização às expensas da satisfação instintual foi objeto de breve menção no início do Capítulo 3. Apresentamos, então, uma interessante explicação de Freud para as restrições da sociedade à sexualidade infantil. Por razões econômicas, o homem precisa desviar energias do instinto sexual para o trabalho; mas isso só se torna possível mediante uma intervenção precoce, o que gerou a interdição das atividades sexuais infantis. As primeiras manifestações sexuais — que, como sabemos, são autoeróticas — tornam-se, assim, alvo de restrições através da educação. Durante o desenvolvimento, parte da energia sexual, não submetida à organização genital, poderá ser sublimada, vindo a constituir parcela considerável da energia utilizada em atividades culturais.

¹⁸⁵ Ibid., p. 192-197.

Há indivíduos que não se submetem às exigências da civilização, em virtude da força do seu instinto sexual. Ao se referir a eles, Freud critica a sociedade pelo modo como lida com esses casos: "Aquele que em consequência de sua constituição indomável não consegue concordar com a supressão do instinto, torna-se um 'criminoso', um 'outlaw' [proscrito], diante da sociedade — a menos que sua posição social ou suas capacidades excepcionais lhe permitam impor-se como um grande homem, um 'herói'".¹⁸⁶ Além disso, há muitos indivíduos cuja sexualidade sofre desvios em seu desenvolvimento. Freud cita os pervertidos e os homossexuais e conclui que a sociedade é injusta por exigir de todos a mesma conduta sexual, uma vez que para uns ela não cria maiores dificuldades, enquanto para outros impõe grandes sacrifícios psíquicos.

A parte final do trabalho consiste, principalmente, na discussão de três questões formuladas por Freud. Essas questões têm como ponto de referência o que ele chama de "moral sexual 'civilizada' da atualidade": só a reprodução *legítima* é admitida como meta sexual.¹⁸⁷ Esse conceito, vale lembrar, já foi apresentado, no Capítulo 3, como *objetivo sexual normal*. É claro que, transcorridos quase oitenta anos, a moral sexual do mundo ocidental desenvolvido — ao qual Freud se referia — sofreu considerável mudança. O próprio texto cita dois fatores cuja evolução deve ter contribuído significativamente para essa transformação: higiene e recursos anticoncepcionais. Julgamos, todavia, que a discussão das questões propostas ainda desperta considerável interesse. Afinal, ao estudarmos o superego, vimos que o passado só lentamente cede às influências do presente.

A primeira questão nos remete diretamente ao problema da abstinência sexual. A moral sexual exige abstinência até o casamento e, conseqüentemente, por toda a vida para os

¹⁸⁶ Ibid., p. 192.

¹⁸⁷ Ibid., p. 194 (grifo do autor).

que não se casam. Freud afirma que a tarefa de dominar o instinto sexual consome todas as forças do indivíduo. Apenas uma minoria consegue êxito através da sublimação, que é mais difícil durante a juventude; os outros sofrem algum tipo de prejuízo — neurose, principalmente.¹⁸⁸

Ao encerrar a breve discussão do problema da abstinência, Freud apresenta importantes conclusões, que decidimos enumerar: 1) a satisfação sexual é a melhor proteção contra a ameaça que as disposições inatas anormais ou os distúrbios do desenvolvimento constituem para uma vida sexual normal; 2) o valor psíquico da satisfação sexual cresce com a sua frustração; 3) o incremento das doenças nervosas provém da intensificação das restrições sexuais.¹⁸⁹ A essa síntese acrescenta, ainda, a impressão de que a abstinência sexual, na maior parte dos casos, produz homens fracos e bem comportados, meros seguidores dos caminhos apontados pelos mais fortes.¹⁹⁰

A segunda das três questões refere-se às relações sexuais no casamento legítimo. Freud considera que a moral sexual restringe essas relações a "uns poucos atos procriadores"; após alguns anos, a vida sexual do casal fracassa, principalmente devido à inexistência de recursos anticoncepcionais adequados. Com freqüência, os homens recorreram, então, a relações extraconjugais para compensar a privação do casamento. Surgiu, assim, uma "moral sexual dupla", cuja influência persiste nos dias de hoje. Essa questão, portanto, não se tornou anacrônica, mesmo após modificada a situação que lhe deu origem.¹⁹¹

Antes de prosseguir, convém mencionar uma observação

¹⁸⁸Ibid., p. 198.

¹⁸⁹Ibid., p. 198-199.

¹⁹⁰Ibid., p. 202.

¹⁹¹Ibid., p. 199-200.

ção de Freud que nos parece de interesse, principalmente do ponto de vista metodológico. Trata-se da dificuldade de transformar qualquer uma das instituições culturais sem modificar o todo. Essa observação já havia sido feita num trabalho anterior, que abordaremos no próximo capítulo.¹⁹²

A última questão trata, especificamente, dos resultados do antagonismo, ou seja, se os benefícios culturais compensam as restrições impostas às exigências dos instintos. Essa discussão, por ser conclusiva, leva Freud a estender-se em considerações sobre vários assuntos correlatos, cujos aspectos mais importantes vamos apresentar.¹⁹³

Freud considera que a idéia, tão difundida, de que a luta contra as exigências da sexualidade fortalece o caráter é, na grande maioria dos casos, equivocada; ao contrário, o debilita, por consumir grandes quantidades de energia. Admite, por outro lado, que a diferenciação do caráter individual só se tornou possível com a existência da restrição sexual.*

Particularmente relevante para a compreensão dessas conclusões é o conceito de que o comportamento sexual frequentemente constitui o protótipo para os demais comportamentos do indivíduo. Na análise das chamadas satisfações substitutivas temos um primeiro exemplo da aplicação desse conceito. Freud considera que a masturbação e as práticas sexuais pervertidas, como formas de facilitar a abstinência, não são inofensivas. Além de não satisfazerem as exigências da moral sexual — gerando, portanto, conflitos como os que a abstinência deveria evitar —, podem resultar em regressão a formas infantis de sexualidade. A masturbação, ademais, prejudica o caráter (moral), por acostumar o indivíduo a atingir objetivos importantes sem empenho. Em um trabalho

¹⁹²Ibid., p. 201.

¹⁹³Ibid., p. 201-208.

*Deve-se notar que o termo *caráter*, neste parágrafo, foi empregado duas vezes e, em nosso entender, com sentidos diferentes. Acreditamos que no primeiro caso há uma conotação *moral*, enquanto no segundo o sentido é de *personalidade*.

posterior, Freud voltou a defender esse ponto de vista, de uma forma, a nosso ver, mais interessante: "O prejuízo pode ocorrer através do estabelecimento de um *padrão psíquico*, segundo o qual não há necessidade de tentar alterar o mundo externo a fim de satisfazer uma grande necessidade".¹⁹⁴

A idéia do comportamento sexual como protótipo também está presente quando Freud aborda especificamente o caso feminino. A educação procura manter a mulher ignorante a respeito da sexualidade. Embora o assunto desperte grande curiosidade, a jovem é impedida de se ocupar intelectualmente dos problemas sexuais; sua curiosidade é desestimulada. Dessa forma, a educação faz com que o conhecimento perca o valor para as mulheres e as afasta da atividade intelectual.

Para atingir a meta da abstinência até o casamento, a educação, além de conservar a mulher na ignorância do papel da sexualidade em sua vida, oferece recompensas à preservação da castidade. Essa interferência no desenvolvimento da função sexual é exercida, principalmente, através da autoridade dos pais, à qual a mulher permanece vinculada. Em decorrência, quando, finalmente, o casamento ocorre, essa mulher revela-se frígida e com limitada capacidade de amar. Mesmo que, mais tarde, a limitação seja superada, a relação conjugal já se deteriorou.

Quanto ao homem, Freud afirma que o hábito de práticas sexuais masturbatórias ou pervertidas resulta em diminuição da potência no casamento. Se a mulher, para preservar a castidade, lançou mão desses mesmos recursos, terá mais uma razão para mostrar-se frígida nas relações sexuais normais. Esse casamento começa em condições desvantajosas e, portanto, muito limitado e vulnerável. Quando surgem outros problemas relativos à sexualidade, o ato sexual pode tornar-se a fonte de todas as dificuldades do casal que, assim, renun

¹⁹⁴ Freud, S. - *Contribuições a um debate sobre a masturbação* (1912) - ESB, vol. XII, p. 317 (grifo do autor).

cia a ele.

O aspecto educacional mais interessante nesse tipo de relação conjugal talvez seja a influência que continua a exercer sobre os filhos. O mau relacionamento do casal excita a vida emocional da criança em grau excessivo para seu estágio de desenvolvimento. Além disso, a mulher, insatisfeita, transfere para o filho a necessidade de amor, despertando precocemente sua sexualidade. Como esse despertar é incompatível com os princípios rígidos da moral sexual, resulta o conflito, que abre caminho para a doença nervosa.

Em síntese, o casamento vem a malograr em virtude das conseqüências de sua própria preparação. Ademais, o papel da neurose na vida civilizada é subestimado; ela é muito mais freqüente e danosa do que a sociedade parece admitir. A supressão dos impulsos considerados hostis à civilização gera neurose, que frustra os objetivos da civilização. Assim, conclui Freud, não se pode considerar que os benefícios auferidos compensem as restrições impostas às exigências instintuais; ou seja, a moral sexual civilizada não vale os sacrifícios que impõe. A conclusão é válida para a supressão dos impulsos agressivos, embora a alusão a eles, nesse texto, seja muito breve.

Poucos anos mais tarde, no segundo de seus trabalhos sobre a psicologia do amor, Freud faz algumas considerações sobre o antagonismo de que tratamos neste capítulo, embora sem acréscimos substanciais. Realça a dificuldade para educar os instintos sexuais e o fato de que os objetivos da civilização só podem ser atingidos à custa de perda de prazer. Recomenda, ainda, que o conhecimento psicanalítico seja utilizado por aqueles que se empenham em reformar a vida sexual no mundo civilizado.¹⁹⁵

¹⁹⁵ Freud, S. - *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* (1912) - ESB, vol. XI, p. 170 e 172.

Na mesma época, Freud já estava escrevendo os ensaios que compõem *Totem e tabu* (1912-13), uma de suas obras mais conhecidas. Apesar, porém, do grande interesse que tem despertado, o trabalho não é especialmente importante para o nosso estudo, pois as idéias que apresenta sobre as origens da organização social e da religião baseiam-se numa tentativa — inegavelmente brilhante — de reconstrução histórica de um passado remoto. O tratamento dispensado ao tema religioso em *O futuro de uma ilusão* (1927) tem maior relevância para o desenvolvimento deste trabalho; trataremos, portanto, de examinar esse texto.

Antes, porém, de tratar especificamente da religião, Freud faz algumas considerações genéricas sobre o antagonismo entre exigências instintuais e civilização — tema principal deste capítulo — que, pela importância das questões que suscitam, devem ser focalizadas. Partamos do conceito de cultura (ou civilização) já apresentado: uma observação cuidadosa mostra o destaque conferido à idéia da *riqueza*, extraída da natureza e distribuída, de acordo com regulamentos, para satisfazer as necessidades humanas. Nos comentários que se seguem, Freud realça que a riqueza e as relações entre os homens são interdependentes e aponta três razões: a riqueza torna possível certa quantidade de satisfação instintual, que influencia as relações entre os homens; um homem pode constituir riqueza para outro homem que faça uso de sua capacidade de trabalho ou tome-o como objeto sexual; e todo homem é inimigo da civilização, embora ela seja, supostamente, de interesse universal.¹⁹⁶

Essas observações estendem a discussão ao plano sociológico. Freud prossegue afirmando que como todos os homens têm tendências destrutivas e, portanto, anti-sociais e anticulturais, a civilização tem de ser defendida contra o indivíduo. Essa tarefa cabe a suas instituições e regulamen

¹⁹⁶Freud, S. - *O futuro de uma ilusão* (1927) - ESB, vol. XXI, p. 16.

tos, que não apenas distribuem a riqueza disponível — como vimos no conceito de cultura —, mas devem também manter tal distribuição.¹⁹⁷

Julgamos necessário, aqui, formular algumas questões. A civilização a preservar seria exatamente aquela que Freud tanto critica? Uma transformação não deveria preceder a preservação? Qual seria a distribuição de riqueza a ser mantida? A quem caberia estabelecer os regulamentos? O próprio Freud indica o caminho para as respostas, ao concluir: "Fica-se assim com a impressão de que a civilização é algo que foi imposto a uma maioria resistente por uma minoria que compreendeu como obter a posse dos meios de poder e coerção". Acrescenta, ainda, que os problemas relativos à civilização não são inerentes à sua natureza, mas dizem respeito a imperfeições das formas culturais até aqui desenvolvidas.¹⁹⁸

Diante de mais esse posicionamento crítico, não deixa de causar surpresa o fato de Freud, subitamente, abandonar a vertente social de sua análise. Afirma que as tendências destrutivas determinam o comportamento social de grande número de pessoas e, portanto, parece-lhe que a ênfase se desloca do plano material para o mental. Assegura, então, que é impossível dispensar o controle da massa por uma minoria, pois "as massas são preguiçosas e pouco inteligentes". Utiliza, finalmente, a técnica de antecipar as possíveis objeções aos seus argumentos para tentar refutá-las; desta vez, porém, não o faz com o êxito habitual.¹⁹⁹ Essa etapa da discussão não esclarece satisfatoriamente as questões formuladas, o que nos levará a reexaminá-las no capítulo conclusivo.

Ao prosseguir, Freud retoma a idéia de que a civilização precisa ser defendida contra o indivíduo, através de

¹⁹⁷ Ibid., p. 16-17.

¹⁹⁸ Ibid., p. 17.

¹⁹⁹ Ibid., p. 17-19.

proibições regulamentares que geram privações da satisfação instintual, ou seja, medidas de coerção. Distingue, então, dois tipos: as privações que afetam a todos e as que afetam apenas a grupos, classes ou indivíduos isolados. As do primeiro tipo são as mais antigas, mas Freud considera que ainda constituem a principal fonte de hostilidade contra a civilização. Entre os desejos envolvidos estão os do incesto, da ânsia de matar e do canibalismo, dos quais apenas o último parece ter sido proscrito. Essas primeiras exigências culturais, além disso, apresentam a importante característica de terem sido amplamente internalizadas pelo superego que, como vimos, ao assumir a coerção externa, transforma o homem em um ser moral e social. Quando, porém, consideramos outras exigências da civilização, constatamos, afirma Freud, que a maioria das pessoas só se submete a elas sob coerção externa. Há muitos indivíduos considerados civilizados, por exemplo, que não cometem assassinato ou incesto, mas não hesitam em satisfazer sua avareza ou seus impulsos agressivos se puderem permanecer impunes.²⁰⁰

Ao abordar o segundo tipo, Freud refere-se especificamente a "restrições que só se aplicam a certas classes da sociedade". Faz, então, nova incursão pelo terreno sociológico, que havia abandonado; o papel da riqueza nas relações sociais volta a ser destacado. Optamos por reproduzir integralmente a passagem em que a crítica social nos parece inequívoca: "Se, porém, uma cultura não foi além do ponto em que a satisfação de uma parte de seus participantes depende da opressão da outra parte, parte esta talvez maior — e este é o caso em todas as culturas atuais —, é compreensível que as pessoas assim oprimidas desenvolvam uma intensa hostilidade para com uma cultura cuja existência elas tornam possível pelo seu trabalho, mas de cuja riqueza não possuem mais do que uma quota mínima". Não se pode esperar, finaliza,

²⁰⁰ Ibid., p. 21-23.

que tais restrições sejam internalizadas pelas pessoas oprimidas.²⁰¹

A civilização, porém, não emprega apenas medidas de coerção para sua defesa. Dispõe, também, de recursos que proporcionam satisfação e visam a recompensar os homens por seus sacrifícios. Entre eles, Freud destaca os ideais, as criações artísticas e as idéias religiosas.²⁰²

Os ideais de uma cultura são aquelas realizações em relação às quais se devem concentrar os maiores esforços. A satisfação que eles oferecem é de natureza narcísica; torná-la completa exige comparação com outras culturas. Tal satisfação, mostra Freud, pode ser partilhada também pelas classes oprimidas, pois o direito a desprezar povos estrangeiros, por exemplo, as compensará pelas injustiças que sofrem. Um ideal cultural comum pode, portanto, identificar os oprimidos com seus dominadores. Além disso, acrescenta, "(...) as classes oprimidas podem estar emocionalmente ligadas a seus senhores; apesar de sua hostilidade para com eles, podem ver neles os seus ideais".²⁰³ Essas considerações, que se baseiam no trabalho sobre psicologia de grupo focalizado no capítulo anterior, apresentam, como no exemplo acima, a possibilidade de manipulação das classes oprimidas pela classe dominante, que examinaremos mais detidamente na conclusão.

As criações artísticas, afirma Freud, proporcionam satisfações substitutivas para as mais antigas privações impostas pela civilização. A arte presta-se, como nenhum outro recurso, para reconciliar os indivíduos com a cultura. Parece-nos, contudo, que as observações de Freud ficam limitadas, pois ele considera a arte geralmente inacessível às massas. Assim, perde-se a oportunidade de examinar as manifestações

²⁰¹ Ibid., p. 23.

²⁰² Ibid., p. 21 e 24.

²⁰³ Ibid., p. 24-25.

artísticas de origem popular e o papel que desempenham.²⁰⁴

Chegamos, então, às idéias religiosas, que constituem o mais importante recurso para defesa da civilização. Freud inicia a longa análise apresentando suas concepções a respeito da origem da religião,²⁰⁵ que reside na impotência do homem para defender-se dos poderes superiores da natureza; foram as ameaças advindas desses poderes que deram origem à civilização. Apesar, porém, do inegável progresso, os êxitos da civilização têm sido apenas parciais. É preciso, então, encontrar um modo adequado de lidar com as forças naturais incontrolláveis e a solução inicial é humanizá-las, o que já permite adotar, para com elas, modelos de relacionamento que nos são familiares: podemos acalmá-las, suborná-las e, assim, neutralizar parte de seu poder.

A etapa seguinte segue um protótipo infantil. Considerar as forças da natureza como seres iguais não faz justiça a elas; atribuímo-lhes, então, o caráter de pai e as transformamos em deuses. Mesmo com as mudanças ocorridas ao longo do tempo, o homem continuou a necessitar desses deuses, com as funções de afastar as ameaças da natureza, harmonizar o relacionamento com o destino — particularmente no que diz respeito à morte — e recompensá-lo pelas privações impostas pela civilização. A primazia, de início, concentrava-se na primeira dessas funções, mas deslocou-se gradualmente para a última. A regularidade dos fenômenos naturais e a inexorabilidade do destino fizeram com que o principal domínio dos deuses passasse a ser a área das questões morais: fazer cumprir os preceitos da civilização, aliviar os males por ela causados e os sofrimentos decorrentes das relações entre os homens.

Por fim, os poderes divinos foram concentrados em

²⁰⁴ Ibid., p. 25.

²⁰⁵ Ibid., p. 26-32.

um único Deus, uma inteligência superior que dirige tudo para o melhor, embora nem sempre nos seja possível compreender suas intenções. A vida neste mundo tem uma finalidade mais elevada, o aperfeiçoamento espiritual do homem. As leis morais da civilização regem todo o universo e são aplicadas por uma justiça suprema, que termina por sempre recompensar o bem e punir o mal. Agora, que há um só Deus, o relacionamento do homem com ele assemelha-se mais ao de um filho com o pai.

Pode-se constatar, como ressalta Freud, que esse processo de desenvolvimento das idéias religiosas não apresenta coerência em todos os seus aspectos e não oferece respostas satisfatórias a várias perguntas. Seleccionamos algumas, que nos ocorreram, também relacionadas aos ideais culturais, para posterior exame. Primeiramente, devemos lembrar que muitos preceitos da vida civilizada, pelos quais os indivíduos devem se sacrificar, não poderiam — embora sejam apresentados como revelações divinas — ser atribuídos a Deus, pois isso revelaria desconhecimento da história.²⁰⁶ Quem os dita, então? A serviço de que interesses? Podem as idéias religiosas, a exemplo dos ideais de uma cultura, ser usadas a serviço de relações de dominação?

A despeito dessas dúvidas, as idéias religiosas são altamente valorizadas e as pessoas sentem que sem elas a vida seria intolerável. Esse desamparo do adulto, segundo Freud, é uma continuação do desamparo infantil. Cedo o pai substitui a mãe como protetor da criança e mantém essa função pelo resto da infância; mas a relação da criança com o pai é ambivalente, pois ela o teme tanto quanto necessita dele para sua proteção e o admira. Essa ambivalência está também presente, em toda religião, nas relações do indivíduo com os deuses que, finalmente, assumem o encargo paterno. "É a defesa contra o desamparo infantil que empresta suas feições

²⁰⁶ Ibid., p. 33-34.

características à reação do adulto ao desamparo que ele tem de reconhecer — reação que é, exatamente, a formação da religião".²⁰⁷

As idéias religiosas são herança de muitas gerações; o indivíduo as assume já prontas, como tantos outros aspectos da civilização. Elas reivindicam nossa crença com base em três argumentos. Em primeiro lugar, devemos aceitar esses ensinamentos religiosos porque nossos antepassados já acreditavam neles. Acreditavam, porém, em muitas outras coisas hoje inaceitáveis, o que torna esse argumento inconsistente. Em segundo lugar, há provas que nos foram transmitidas por esses antepassados. Tais provas, no entanto — afirma Freud —, estão registradas em escritos cheios de contradições, revisões e falsificações, ou seja, que não nos inspiram confiança. Finalmente, é proibido questionar a autenticidade desses ensinamentos, o que desperta justificadas suspeitas, pois só a insegurança explicaria tal proibição.²⁰⁸

Onde reside, então, a força de ensinamentos cuja credibilidade é tão frágil? Freud retoma o argumento do desamparo do adulto e localiza a resposta na origem psíquica das idéias religiosas: são ilusões. Uma crença pode ser chamada de ilusão quando uma realização de desejo predomina em sua motivação. O desejo cuja realização está tão presente nas idéias religiosas é o de ter um pai poderoso, que protege dos perigos, estabelece uma ordem moral justa e oferece uma vida futura em que o homem, finalmente, será recompensado pelos sofrimentos causados pela civilização. A resposta à questão formulada, então, será: a força das idéias religiosas reside na força desse desejo.

É difícil encontrar exemplos de ilusões que se tenham mostrado verdadeiras, mas as ilusões não são necessariamente

²⁰⁷ Ibid., p. 31, 32, 35 e 36.

²⁰⁸ Ibid., p. 37-39.

mente falsas. Como, porém, suas relações com a realidade são desprezadas, a verificação não é relevante. Assim também as idéias religiosas: muitas são incompatíveis com nosso conhecimento da realidade, mas a maioria não pode ser comprovada ou refutada.²⁰⁹

A identificação das idéias religiosas como ilusões leva Freud a fazer uma pausa em sua crítica da religião e indagar se outros predicados muito valorizados da cultura não poderiam, também, ser ilusões. Cita, como exemplo, a base das regulamentações políticas, certos aspectos do erotismo nas relações entre os sexos e os próprios resultados do trabalho científico. Considera que a busca de respostas para essa questão conduziria a um vasto campo de investigações, mas não empreende a tarefa.²¹⁰

Freud coloca, finalmente, a ciência em confronto com a religião, simulando, mais uma vez, o debate com um interlocutor fictício. Este argumenta que a crença religiosa tem obrigado os homens a obedecer aos preceitos da civilização; a descrença liberaria seus instintos sociais e egoístas, levando ao caos. Ademais, muitas pessoas só conseguem suportar a vida com o apoio da religião; seria, pois, uma crueldade privá-las desse apoio sem oferecer algo melhor. A ciência não compensaria os homens pela perda das doutrinas religiosas. É, na verdade, uma incoerência que o próprio Freud proponha substituir uma realização de desejos por um "alimento intelectual".²¹¹

Freud responde, então, "(...) que a civilização corre um risco muito maior se mantivermos nossa atual atitude para com a religião do que se a abandonarmos".²¹² As idéias

²⁰⁹Ibid., p. 43-44.

²¹⁰Ibid., p. 47.

²¹¹Ibid., p. 47-48.

²¹²Ibid., p. 48.

religiosas contribuíram para dominar os instintos associativos, mas não o bastante. Prevaleceram por milhares de anos, mas não conseguiram proporcionar felicidade a um grande número de pessoas, que permanecem insatisfeitas com a civilização. Além disso, no controle da moralidade o resultado também não foi satisfatório. Parece, portanto, haver uma superestima da necessidade da religião para a humanidade.²¹³

A crítica com base na ciência, prossegue, tem contribuído para diminuir a influência das doutrinas religiosas sobre o povo, através dos estratos mais instruídos da sociedade. A civilização pouco tem a temer dessas pessoas instruídas, afirma — o que consideramos bastante discutível —, mas não se pode dizer o mesmo com relação às massas dos não instruídos e oprimidos. Esses têm todos os motivos para serem inimigos da civilização e só há, em relação a eles, dois caminhos para optar: ou são mantidos sob severa dominação, afastados de qualquer possibilidade de despertar intelectual, ou, se assim não for, as relações entre civilização e religião terão de sofrer uma revisão fundamental.²¹⁴

O futuro de uma ilusão é, em nossa opinião, um dos trabalhos mais didáticos de Freud. A organização em pequenos capítulos, a seqüência lógica do texto, certas repetições, o recurso freqüente aos diálogos fictícios, várias são as características que mostram essa preocupação. Há, no entanto, passagens em que a falta de uma definição mais clara entre aspectos contraditórios não pode ser atribuída a preocupações didáticas, como já registramos. A intenção de nos limitarmos, por ora, à exposição do pensamento de Freud será, porém, mantida, permanecendo a discussão de questões desse tipo reservada para o capítulo conclusivo.

Após colocar o futuro das relações entre a civiliza

²¹³ Ibid., p. 50-51.

²¹⁴ Ibid., p. 51-53.

ção e as massas nos termos da opção acima, Freud propõe que os preceitos da civilização sejam desvinculados da religião e que se admita honestamente sua origem puramente humana. Isso faria os indivíduos compreenderem que esses preceitos existem para atender a seus interesses e se reconciliarem com a civilização.²¹⁵ Assinalamos essa conclusão para ser discutida adiante, pois não está coerente com outras afirmações já focalizadas neste capítulo.

Freud parece aproximar-se cautelosamente de sua proposta central, mas ainda restam algumas resistências a serem vencidas. Ao propor a atribuição de motivos puramente racionais aos preceitos da civilização, lembra que esses motivos não têm a força da realização de desejos. Os crentes estão ligados às doutrinas religiosas por vínculos afetivos e não se afastarão de sua fé por efeito de apelos à razão. Faz, ainda, uma incursão pelas conjecturas de *Totem e tabu* a respeito da origem da religião — que já decidimos não desenvolver — e infere, por essa via, que os ensinamentos religiosos contêm reminiscências históricas; essas, contudo, sofreram tais deformações e disfarces que não podem mais ser identificadas como verdadeiras. Por fim, traça um paralelo entre religião e neurose obsessiva, para concluir que as idéias religiosas são como "reliíquias neuróticas" e "(...) provavelmente chegou a hora, tal como acontece num tratamento analítico, de substituir os efeitos da repressão pelos resultados da operação racional do intelecto".²¹⁶

As questões fundamentais são, então, formuladas: os homens são, realmente, pouco sensíveis aos argumentos racionais, mas será que eles têm, necessariamente, de ser assim? Não será justamente a educação religiosa, em grande parte, responsável por essa situação? A educação infantil baseia-

²¹⁵Ibid., p. 55.

²¹⁶Ibid., p. 56-61.

se em dois pontos principais: o retardamento do desenvolvimento sexual e a influência prematura das doutrinas religiosas, que são introduzidas numa idade em que a criança não pode estar interessada nelas, nem sequer compreender seu significado. Quando a atividade intelectual ganha expressão, os ensinamentos religiosos "(...) já se tornaram inexpugnáveis".²¹⁷

Enquanto a educação infantil tiver essas características, não se pode conhecer a pessoa adulta em plenitude; por isso é necessário fazer a experiência de uma educação não religiosa. O conceito de que "o homem é uma criatura de inteligência débil, governada por seus desejos instintuais" é puramente descritivo. A inteligência é o único meio de que dispomos para controlar nossa vida instintual.²¹⁸

Já ressaltamos que não é possível privar o homem da religião subitamente, compensando-o com argumentos racionais. Mas isso só se aplica aos que foram criados sob a influência religiosa e se tornaram incapazes de suportar as dificuldades da vida sem sua consolação. "Os que não padecem da neurose talvez não precisem de intoxicante para amortecê-la", ou seja, aqueles que desfrutarem de uma *educação para a realidade* talvez não precisem, mais tarde, da ilusão religiosa. Essa é, como realça Freud, a proposição principal da obra.²¹⁹

A parte final do trabalho traz de volta, ainda uma vez, o interlocutor fictício, que contesta a proposta de Freud e apresenta outra vantagem da preservação das idéias religiosas: elas mantêm o vínculo entre as massas não instruí

²¹⁷Ibid., p. 61-62.

²¹⁸Ibid., p. 62-63.

²¹⁹Ibid., p. 63-64.

das e o pensador filosófico, evitando uma cisão que seria perigosa para a civilização. Assinalamos esse tópico porque pretendemos, nas nossas conclusões, acrescentar-lhe alguns comentários; por ora, registramos, apenas, como Freud mostra ser vulnerável o argumento da vantagem. A religião não pode resistir à razão e à experiência, a menos que suas idéias sofram uma espécie de refinamento que as transforme em algo indefinível e vago. Nesse caso, porém, ela perderá sua poderosa influência sobre as massas.²²⁰

A primazia do intelecto ocorrerá, em futuro não previsível e em função de suas relações com a realidade externa. Em outros termos: a interação entre *Logos* (razão) e *Ananke* (necessidade) conduzirá, ao longo do desenvolvimento histórico, a essa primazia. A razão não é onipotente, mas conta com o apoio da ciência que, embora muito jovem, já deu provas de não ser uma ilusão.²²¹

De acordo com o roteiro cronológico adotado, chegamos ao último dos três trabalhos que elegemos como referências principais para o estudo do tema deste capítulo: *O mal-estar na civilização*, de 1929, que se relaciona estreitamente com a obra que acabamos de analisar, escrita dois anos antes. A relação fica bem clara logo ao início do livro, pois Freud retorna à questão da religião. Não deixa de ser surpreendente, no entanto, que, após manifestar confiança na conquista da primazia pelo intelecto, volte a encarar com pessimismo a possibilidade de superação das idéias religiosas: "(...) é penoso pensar que a grande maioria dos mortais nunca será capaz de superar essa visão da vida".²²² Parece que Freud oscila, ao longo dessa série de trabalhos, entre a cer

²²⁰ Ibid., p. 66-69.

²²¹ Ibid., p. 68-69.

²²² Freud, S. - *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]) - ESB, vol. XXI, p. 92.

teza do triunfo da razão — ainda que a longo prazo — e a força irresistível dos impulsos instintuais.

Logo após as considerações iniciais sobre a religião, Freud volta-se, mais uma vez, para o antagonismo entre civilização e vida instintual, ou seja, faz um trajeto oposto ao de *O futuro de uma ilusão*. Assim, se considerarmos as duas obras em conjunto, como se constituíssem um só texto, a relação entre elas fica ainda mais nítida: Freud começa a desenvolver o tema do antagonismo, interrompe para uma longa digressão pelas idéias religiosas e, então, retorna ao assunto principal.

O comportamento dos homens mostra que o propósito de suas vidas é a obtenção da felicidade, que envolve dois aspectos: ausência de sofrimento e de desprazer e experiência de intensos sentimentos de prazer. Freud limita esses últimos a manifestações episódicas, que se diluem quando a situação desejada se prolonga. Já o sofrimento tem três fontes: nosso próprio corpo, a natureza e as relações com outros homens. A comparação entre os dois aspectos mostra porque os homens moderaram suas reivindicações de felicidade, atribuíram maior importância à tarefa de evitar o sofrimento e colocaram a obtenção de prazer em segundo plano, assim como o princípio de prazer, sob a influência do mundo externo, transformou-se no princípio de realidade.²²³

Freud considera o sofrimento humano inevitável, qualquer que seja a fonte de que provenha. Logo a seguir, porém, esclarece que é possível tentar a evitação, através de diversos caminhos que o homem aprendeu a utilizar ao longo do tempo, embora o êxito, em qualquer caso, seja apenas parcial. Apresenta, então, uma série de exemplos de técnicas empregadas para esse fim, que mencionaremos sucintamente.²²⁴

²²³ Ibid., p. 94-96.

²²⁴ Ibid., p. 95-102.

Contra o sofrimento proveniente das relações com outros seres humanos, Freud apresenta apenas o isolamento voluntário, que considera a defesa mais imediata. Pretendemos, nas conclusões, estender nossa crítica também a esse ponto. Já contra o sofrimento cuja fonte é a natureza, indica, como o melhor caminho, o de unir-se aos outros homens e, com o auxílio da técnica orientada pela ciência, submetê-la à vontade humana. Os métodos que considera mais interessantes, porém, são os que atuam sobre o nosso organismo, dos quais o mais eficaz é a intoxicação. Certas substâncias tóxicas proporcionam, simultaneamente, sensações prazerosas e menor sensibilidade a impulsos desagradáveis, ou seja, um afastamento da realidade que, em contrapartida, constitui o seu maior perigo.

Outro recurso consiste em controlar a vida instintual, através de agentes psíquicos superiores, que se ajustaram ao princípio de realidade. Com o controle, pelo ego, das reivindicações instintuais, haverá menos insatisfação e, portanto, menos desprazer; a intensidade da satisfação, contudo, também diminui. A sublimação, que estudamos no Capítulo 2, tem características análogas. A reorientação dos objetivos dos instintos possibilita obtenção de prazer a partir de outras fontes; a intensidade da satisfação, porém, é menor que no caso do objetivo original. Freud afirma que a sublimação só é acessível a poucas pessoas, pois pressupõe dotes incomuns; não entra em considerações sobre a natureza desses dotes, mas, como exemplos, cita a satisfação obtida através da criação artística e do trabalho científico. Seria interessante indagar se tais fontes de prazer não poderiam ser estendidas a um número maior de indivíduos.

Essa questão é abordada logo a seguir, embora, a nosso ver, de forma limitada e em nota de rodapé. O trabalho profissional comum pode — para quem não tem ciência ou arte — desempenhar o papel de derivativo para suportar os sofrimentos da vida; além disso, vincula fortemente o indivi

duo à realidade social. É, também, realçada a possibilidade de deslocamento de energia de impulsos sexuais e agressivos para o trabalho e os relacionamentos humanos a ele vinculados — o que já foi mencionado, inclusive no início deste capítulo. Por fim, o aspecto que diz respeito mais diretamente à questão formulada: a atividade profissional, se livremente escolhida, constitui, por meio da sublimação, fonte de satisfação especial. Assim, quando Freud, logo a seguir, fala de uma "natural aversão humana ao trabalho",²²⁵ acreditamos que se refere ao trabalho imposto ou aceito sob a pressão da necessidade, sem levar em conta as inclinações e interesses do indivíduo.

Outro recurso para evitar o sofrimento e proporcionar satisfação já se caracteriza por um maior distanciamento da realidade: é o emprego da fantasia, das ilusões que se originam na imaginação; como principal exemplo é citada a fruição de obras de arte. Se, porém, a realidade é vista como a fonte de todo o sofrimento, com a qual não é mais possível conviver, pode-se ir além e romper com ela. Pode-se, ainda, tentar recriá-la, substituindo os aspectos insuportáveis por outros, mais adequados aos nossos desejos. As religiões, conclui Freud, são exemplos dessa modificação delirante da realidade.

A enumeração de recursos prossegue com a menção ao amor, que não visa à fuga do desprazer e sim à busca da satisfação. Sua importância nos levará a abordá-lo mais detidamente adiante. A satisfação pode, também, ser atingida pela fruição da beleza, que parece, para Freud, um impulso sexual inibido em sua finalidade. Embora não haja explicações satisfatórias sobre sua natureza, a beleza é muito valorizada pela civilização.

O homem pode, finalmente, obter satisfações substi-

²²⁵Ibid., p. 99.

tutivas através da fuga para a enfermidade neurótica; ou pode empenhar-se "(...) na desesperada tentativa de rebelião que se observa na psicose".²²⁶ Em resumo, Freud afirma que o homem não pode deixar de tentar evitar o sofrimento e buscar o prazer. Caminhos a seguir, como vimos, há muitos; nenhum deles, porém, leva à consecução plena do propósito de obtenção da felicidade. Cada indivíduo tem que descobrir qual o mais adequado à sua constituição psíquica, pois a felicidade é um problema da economia de sua libido. Essa última observação foi reforçada e ampliada por uma nota que Freud acrescentou ao texto em 1931: "Nenhum exame das possibilidades de felicidade humana deveria deixar de levar em consideração a relação entre narcisismo e libido objetal. Precisamos saber o que significa, para a economia da libido, ser essencialmente autodependente". Por fim, uma recomendação: se o indivíduo adotar, com exclusividade, uma técnica de viver e ela se mostrar inadequada, ficará em situação perigosa. É aconselhável diversificar, não depositando todas as expectativas num único recurso.²²⁷

O passo seguinte, no desenvolvimento desta etapa do trabalho, é o estabelecimento de relações entre a questão da busca da felicidade e as exigências da civilização. Decidimos, porém, antes de empreender essa tarefa, retornar às idéias religiosas e citar um trecho em que Freud faz uma síntese do papel da religião, que nos parece muito adequada para encerrar nossas considerações a respeito desse tema, mas só cabe inserir após o estudo que acabamos de realizar. "A religião restringe esse jogo de escolha e adaptação, desde que impõe igualmente a todos o seu próprio caminho para a aquisição da felicidade e da proteção contra o sofrimento. Sua técnica consiste em depreciar o valor da vida e deformar o quadro do mundo real de maneira delirante — maneira que pressupõe uma intimidação da inteligência. A esse preço, por fixá-las à força num estado de infantilismo psicológico

²²⁶ Ibid., p. 104.

²²⁷ Ibid., p. 102-104.

e por arrastá-las a um delírio de massa, a religião consegue poupar a muitas pessoas uma neurose individual. Dificilmente, porém, algo mais. Existem, como dissemos, muitos caminhos que podem levar à felicidade passível de ser atingida pelos homens, mas nenhum que o faça com toda segurança. Mesmo a religião não consegue manter sua promessa. Se, finalmente, o crente se vê obrigado a falar dos 'desígnios inescrutáveis' de Deus, está admitindo que tudo que lhe sobrou, como último consolo e fonte de prazer possíveis em seu sofrimento, foi uma submissão incondicional".²²⁸

Dentre as três fontes do sofrimento que foram apresentadas — a natureza, nosso próprio corpo e as relações com outros homens —, reconhecemos a impossibilidade de dominar completamente as duas primeiras e aceitamos as limitações dos resultados obtidos nas tentativas de reduzir o desprazer. Não admitimos, todavia, a terceira, pois os regulamentos que regem as relações sociais são estabelecidos por nós mesmos. Como tais regulamentos fazem parte daquilo que denominamos cultura ou civilização — conforme vimos no início deste capítulo —, então essa civilização é, em boa parte, responsável por nosso sofrimento, conclusão que levou Freud a formular a suspeita de que uma parcela de nossa constituição psíquica seja, também, inacessível aos nossos esforços, o que prenuncia a tese da inclinação à agressão, da qual trataremos adiante.²²⁹

O trabalho é, a seguir, orientado para o exame das causas da hostilidade à civilização, cujo fundamento Freud situa numa "longa e duradoura insatisfação" que já devia existir quando o cristianismo se impôs; o baixo valor atribuído à vida terrena pela doutrina cristã estaria relacionado a essa insatisfação. Foram, porém, fatos históricos específicos que ocasionaram a condenação da civilização. Freud crê co-

²²⁸ Ibid., p. 104 (grifo do autor)

²²⁹ Ibid., p. 105.

nhecer os dois últimos e os cita: o contato com povos primitivos decorrente das grandes navegações — que teria proporcionado aos europeus uma avaliação desfavorável de seus próprios hábitos de vida — e o conhecimento do mecanismo das neuroses, localizando nas frustrações impostas pelos ideais culturais da sociedade a origem da doença. Um fator adicional é, ainda, acrescentado: o extraordinário progresso científico e tecnológico que a humanidade vem experimentando e o conseqüente crescimento do controle sobre a natureza não parecem tornar as pessoas mais felizes, embora seja difícil falar sobre a felicidade em épocas anteriores.²³⁰

Não pretendemos antecipar considerações críticas sobre esse exame das causas da hostilidade à civilização, mas devemos registrar o fato de que Freud, em outros trabalhos já citados neste capítulo, apresentou causas que agora não foram mencionadas. Destacamos, entre elas, a moral sexual e o fato de que a civilização é imposta por uma minoria que detém os meios de poder e coerção.

O passo seguinte é a análise da natureza da civilização. Freud parte do conceito formulado em *O futuro de uma ilusão*, para então reunir os diversos aspectos singulares que ele abrange; apresentaremos uma súpula desses aspectos.²³¹ Primeiramente, são culturais todas as atividades e recursos úteis ao homem, para trabalhar a terra, protegê-lo contra a violência das forças da natureza e assim por diante. Entre os atos de civilização mais remotos estão o controle sobre o fogo, a construção de habitações e a utilização de instrumentos. A cada instrumento útil produzido, o homem recriou seus próprios órgãos — sensoriais ou motores — ou ampliou-lhes os limites de funcionamento. Assim, aproximou-se dos ideais culturais de onipotência e onisciência há muito concebidos e atribuídos aos deuses. Convém lembrar, porém, que o homem

²³⁰ Ibid., p. 106-108.

²³¹ Ibid., p. 109-117.

não se sente feliz com o poder que conquistou; por outro lado, o desenvolvimento da civilização está em curso e novas conquistas ainda serão empreendidas.

A utilidade não é, contudo, o critério exclusivo para identificar o que faz parte da civilização. A beleza é muito valorizada, apesar de não ter emprego prático. O asseio e a ordem, embora não sejam vitais para o controle da natureza, estão também entre as exigências culturais. As realizações intelectuais, científicas e artísticas, sobretudo, são características da civilização. As idéias religiosas e filosóficas e os ideais humanos são manifestações cuja presença indica alto nível cultural, quaisquer que sejam nossos juízos de valor a respeito delas.

Chegamos, por fim, às relações sociais. A origem da civilização situa-se nas primeiras tentativas de regular os relacionamentos dos homens e o passo decisivo foi a substituição do poder do indivíduo pelo de uma comunidade; as possibilidades de liberdade individual foram restringidas pelas exigências da justiça. O conflito entre as reivindicações do indivíduo e as reivindicações culturais do grupo é um dos problemas que a humanidade tem enfrentado; a regulação desse conflito — a busca de um equilíbrio que traga felicidade — é uma das grandes tarefas da civilização.

A análise da natureza da civilização possibilitou a identificação dos aspectos singulares que ela abrange. Além disso, porém, Freud percebeu que o desenvolvimento da civilização é um processo peculiar vivido pela humanidade, cuja caracterização é possível a partir da observação das modificações nas disposições instintivas dos indivíduos. Assim como um instinto pode dar lugar a traços de caráter ou sofrer vicissitudes como a sublimação, a civilização também é, em parte, construída sobre a renúncia ao instinto. Há, portanto, semelhança entre o processo civilizatório e a maturação normal do indivíduo.²³²

²³² Ibid., p. 117-118.

A constatação dessa semelhança levou Freud a examinar mais detidamente o processo de civilização e os fatores determinantes de seu desenvolvimento. Na origem da vida comunitária estão amor e necessidade — *Eros* e *Ananke*. A necessidade de satisfação genital fez o homem conservar a mulher junto de si; ela, por sua vez, não desejava privar-se da companhia dos filhos; assim, o amor levou os homens a formarem famílias. Os membros dessas primeiras famílias foram descobrindo, então, que precisavam trabalhar juntos para melhorar suas condições de vida; a necessidade externa, portanto, criou a compulsão para o trabalho.^{2 3 3}

Ao identificar o amor como um dos fatores determinantes do desenvolvimento da civilização, Freud decide abordá-lo especificamente.^{2 3 4} Não surpreende o fato de ser tão comum a busca da felicidade através do amor; uma de suas manifestações — o amor sexual — proporciona ao homem as mais intensas experiências de satisfação e torna-se, assim, um modelo para obtenção de prazer. Em consequência, porém, o homem passa a depender do objeto amoroso, o que o deixa indefeso contra o sofrimento, pois a perda do objeto acarreta grande infelicidade.

A palavra *amor* é polissêmica. Significa tanto a forma original, que não renuncia à satisfação sexual direta, como a forma modificada, o amor inibido em sua finalidade ou afeição. O amor sexual é que leva os homens a organizarem famílias. O amor inibido em sua finalidade — que foi, originalmente, sensual e assim permanece no inconsciente — inclui os sentimentos entre os membros de uma família, as amizades e uma outra manifestação, o amor universal pela humanidade, para o qual apenas poucas pessoas estão capacitadas.

Vimos que a civilização se desenvolve às expensas

^{2 3 3}Ibid., p. 119-121.

^{2 3 4}Ibid., p. 121-126.

da satisfação instintual e impõe sua moral sexual porque o amor se coloca em oposição aos interesses culturais. Nesse ponto, um retorno ao trabalho sobre psicologia de grupo, que estudamos no Capítulo 8, poderá ser útil, ao mostrar que os impulsos diretamente sexuais são desfavoráveis à formação de grupos, pois limitam a relação a duas pessoas; a mesma fonte nos lembrará que esses impulsos sexuais tornam-se inibidos quando obstáculos, internos ou externos, os impedem de atingir suas finalidades; lembrará, ainda, que todos os vínculos grupais têm o caráter de instintos inibidos em sua finalidade.^{2 3 5}

O amor, porém, não se opõe à civilização apenas pela limitação das relações sexuais a duas pessoas. À medida que surgem vínculos afetivos, essa limitação torna-se ainda mais premente. Assim, o amor funda famílias e continua a desempenhar a função de reunir pessoas, seja em sua forma original, seja como afeição. A família, como o modo de vida em comum filogeneticamente mais antigo, estabelece laços que resistem aos esforços da civilização no sentido de organizar a vida social de acordo com seus interesses. As mulheres, ademais, reforçam os interesses da família e também os da vida sexual, enquanto os homens permanecem mais diretamente envolvidos no trabalho da civilização e, portanto, compelidos à sublimação. Freud conclui que, em consequência, as mulheres adotam uma atitude hostil para com a civilização, sem, contudo, esclarecer como a hostilidade se manifesta. Acreditamos que as modificações do papel social da mulher nos dias atuais recomendam que essa conclusão seja reestudada.

Sabemos que a oposição do amor aos interesses da civilização, que tentamos resumir, fez com que razões ditadas pela estrutura econômica da sociedade impusessem restrições à sexualidade, através de uma moral sexual que não apenas

^{2 3 5}Freud, S. - *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921) - ESB, vol. XVIII, p. 175.

ignora as manifestações sexuais das crianças como limita a vida sexual dos adultos. Mesmo com as transgressões habitualmente toleradas, a sexualidade do homem civilizado está muito prejudicada; como meio para alcançar a felicidade sua importância diminuiu consideravelmente.

Neste ponto, Freud mostra o caminho que conduz às principais contribuições da obra que estamos analisando. O estudo do antagonismo entre civilização e vida instintual — que até aqui não fez acréscimos substanciais às idéias apresentadas em *Moral sexual "civilizada"* — ganhará nova dimensão. Já observamos que as ligações entre pessoas que o amor estabelece não atendem aos interesses da civilização, mas não apresentamos a razão: a civilização busca promover uniões mais amplas dos membros da comunidade e, para isso, favorece o surgimento de laços emocionais entre eles. A psicologia de grupo nos indica que esses laços são de dois tipos: as identificações e as relações de amizade, que são vínculos libidinais inibidos em sua finalidade; seu estabelecimento, portanto, implica restrições à vida sexual. Resta, porém, a pergunta: por que a civilização tem que estabelecer vínculos na comunidade?²³⁶

Se tomássemos por base os argumentos apresentados no Capítulo 3 e já mencionados neste capítulo, a resposta estaria nas razões econômicas. Freud, no entanto, afirma que é a inclinação para a agressão que ameaça desintegrar a sociedade civilizada e, assim, é por causa dela que a civilização tem que mobilizar tanta energia no sentido de estabelecer, entre seus membros, vínculos libidinais inibidos em sua finalidade. A despeito desse empenho, o êxito da civilização tem sido limitado. Ademais, é difícil para o homem ser feliz, com tantas restrições impostas à sua sexualidade e à sua agressividade.²³⁷

²³⁶Freud, S. - *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]) - ESB, vol. XXI, p. 129-130.

²³⁷Ibid., p. 134 e 137.

Após conceder primazia à agressividade humana como causa das restrições que a civilização impõe à vida instintual, Freud interrompe sua exposição para criticar o que entende serem os pontos de vista dos comunistas a respeito do tema. Já registramos, ao final do capítulo sobre o superego, uma importante observação a respeito do que Freud chama de "visão materialista da história". Adiante, examinaremos um comentário mais longo sobre as idéias marxistas, que aparece na *Conferência XXXV*. Por ora, nos limitaremos a apresentar o que está contido na obra que vimos analisando.

Segundo os comunistas — afirma Freud — o homem é bom e boa é sua disposição para com o próximo. A natureza humana foi corrompida pela propriedade privada; o poder que ela confere dá origem à opressão e, portanto, a hostilidade contra o opressor; se fosse abolida, essas conseqüências desapareceria. Freud declara não estar interessado na crítica econômica do sistema comunista; considera, apenas, que essas premissas psicológicas em que ele se baseia são "uma ilusão insustentável". Limita-se a afirmar, em última análise, que a abolição da propriedade privada não altera a natureza da agressividade.²³⁸ Freud ainda volta ao assunto, quase ao final da obra; embora fosse interessante um confronto com as observações acima, não o faremos por enquanto, pois a antecipação retiraria o comentário de seu contexto, comprometendo-lhe o significado.

Ao retomar o desenvolvimento do tema da agressividade, Freud faz um retrospecto da teoria dos instintos, para concluir que a inclinação para a agressão, no homem, é uma disposição instintiva original. Essa conclusão, como também os aspectos mais importantes do retrospecto, já foram abordados no Capítulo 2, com a vantagem de terem sido enriquecidos pelas formulações do Esboço. Ademais, Freud reconhece que a idéia de um instinto de morte encontrou resistências e não es

²³⁸ Ibid., p. 134-135.

tá imune a objeções teóricas, mas reafirma a inclinação para a agressão como "o maior impedimento à civilização". Acrescenta, finalmente, que a civilização é um processo a serviço de Eros, cujo propósito é estabelecer unidades e preservá-las, através de vínculos libidinais. Como o instinto agressivo se opõe a esse propósito, a evolução da civilização é, na verdade, a luta entre o instinto de vida e o instinto de destruição, ou seja, a luta da espécie humana pela vida.²³⁹

Uma vez confirmada a agressividade como o maior opositor à civilização, Freud dedica-se, na parte final da obra, ao estudo dos meios que a civilização emprega contra ela. Afirma, inicialmente, que estamos familiarizados com alguns desses meios, mas não com o mais importante. Como não revela quais já são nossos conhecidos, tentaremos localizá-los: no Capítulo 2, concluímos que o instinto agressivo pode sofrer quatro vicissitudes, consideradas como modalidades de defesa contra os instintos; além disso, assinalamos, neste capítulo, que a civilização favorece o estabelecimento de laços emocionais entre os indivíduos, com o mesmo propósito. Vamos, então, acompanhar Freud no exame do que considera o mais importante recurso empregado contra a agressividade: o *sentimento de culpa*.²⁴⁰

De início, porém, devemos lembrar que o sentimento de culpa não nos é desconhecido; já nos ocupamos dele no Capítulo 4, ao estudarmos o superego. Será útil resumir aqui algumas considerações que então fizemos, pois facilitarão a tarefa que vamos empreender. O sentimento de culpa resulta de conflitos entre o ego e o superego; este domina o ego, pois sua derivação do complexo de Édipo preserva-lhe a herança da autoridade dos pais.

²³⁹ Ibid., p. 142, 144 e 145.

²⁴⁰ Ibid., p. 146-148, 151, 152, 158 e 161.

O sentimento de culpa tem duas origens que se superpõem: o medo de uma autoridade externa e o medo da autoridade interna — o superego. A primeira, anterior à formação do superego, deriva do conflito entre a necessidade de amor e o impulso instintual. O sentimento de culpa é apenas uma ansiedade gerada pelo medo da perda do amor dos pais. Uma grande mudança ocorre quando a autoridade é internalizada e o superego se forma; mesmo assim, este estágio não é abandonado e coexiste com o outro; o lugar dos pais é assumido por um número indefinido de pessoas.

No primeiro estágio, a ansiedade pressiona no sentido da renúncia à satisfação instintiva. No segundo estágio, porém, a autoridade interna não se satisfaz com a renúncia, pois o desejo persiste e não lhe pode ser ocultado; impõe, como punição, o sentimento de culpa. Outro trabalho, em que Freud se ocupa do tema, ajuda a elucidar a severidade do superego, ao mostrar que a supressão cultural dos instintos faz com que os componentes destrutivos se voltem contra o eu; parte deles irá intensificar o masoquismo do ego e parte é assumida pelo superego, que assim aumenta sua severidade.²⁴¹ Cada nova renúncia ao instinto aumenta a agressividade do superego contra o ego e, portanto, o sentimento de culpa. Isso explica o fato das pessoas virtuosas serem tão severas consigo mesmas.

Em outra parte do texto de que vimos tratando, Freud tende a considerar que apenas a frustração de instintos agressivos resulta em elevação do sentimento de culpa.²⁴² Essa idéia, à primeira vista, está em desacordo com a conclusão anterior, que se refere aos instintos em geral. Logo a seguir, porém, lembra que só raramente os dois instintos básicos aparecem isolados, o que esclarece satisfatoriamente a

²⁴¹Freud, S. - *O problema econômico do masoquismo* (1924) - ESB, vol. XIX, p. 211-212.

²⁴²Freud, S. - *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]) - ESB, vol. XXI, p. 163.

questão. Já no Capítulo 2, aliás, observamos que é fundamental considerar a fusão ao abordar as vicissitudes dos instintos.

Concluimos esta breve exposição das concepções de Freud sobre o sentimento de culpa. Sabemos que o amor levou os homens a constituírem famílias; enquanto persistir essa forma de união, o conflito edipiano dará origem ao sentimento de culpa. A civilização, porém, não se satisfaz e amplia os laços entre os membros da comunidade, o que vem a intensificar esse sentimento. Assim, como a civilização é um processo a serviço de Eros, seu desenvolvimento acha-se ligado a um aumento do sentimento de culpa, que acarreta perda de felicidade.²⁴³

Como vimos no Capítulo 4, o ego, temendo a condenação do superego, pode fazer uso da repressão; por isso, grande parte do sentimento de culpa deve, normalmente, permanecer inconsciente. Esse é o ponto de partida para a compreensão da importante passagem que se segue, na qual Freud esclarece o significado do termo que empregou no título da obra: "Por conseguinte, é bastante concebível que tampouco o sentimento de culpa produzido pela civilização seja percebido como tal, e em grande parte permaneça inconsciente, ou apareça como uma espécie de mal-estar, uma insatisfação, para a qual as pessoas buscam outras motivações".²⁴⁴

O estudo que empreendemos do mais importante recurso da civilização contra a agressividade — o sentimento de culpa — confirmou, portanto, a conclusão de que o desenvolvimento da civilização acarreta sofrimento. Resta, porém, um ponto a esclarecer: ao iniciar o exame desse desenvolvimento, Freud identificou, conforme assinalamos, Eros e Ananke como os fatores determinantes do processo. Ao longo do exa-

²⁴³ Ibid., p. 156-158.

²⁴⁴ Ibid., p. 160 (grifo do autor).

me, entretanto, Eros foi privilegiado; é a seu serviço que a civilização desempenha a tarefa de unir os indivíduos. A única referência ao outro fundamento da vida comunitária — a necessidade de trabalhar — diz que ele não é suficiente para promover a união.²⁴⁵ O esclarecimento surge quase ao final da obra, quando Freud elabora a síntese de suas idéias sobre o desenvolvimento da civilização.²⁴⁶ *Ananke* então reaparece, embora não mais como fundamento e sim como um incentivo à tarefa de estabelecer vínculos entre os homens, que Eros atribuiu à civilização.

A analogia entre os dois processos de desenvolvimento — individual e cultural — é retomada e enfatizada. Ambos parecem resultar da interação entre duas exigências: uma no sentido da felicidade "egoísta", que atende ao princípio de prazer, e outra "altruísta", no sentido da união com os demais membros da comunidade. O maior destaque, porém, é conferido ao aspecto distintivo. No desenvolvimento do indivíduo, o objetivo principal é a felicidade; a outra exigência limita-se a impor restrições. No desenvolvimento cultural (da civilização), prevalece a exigência altruísta; o objetivo da felicidade é relegado a segundo plano.

Em todo indivíduo as duas exigências estão presentes e em conflito, pois participa simultaneamente dos dois processos: seu próprio desenvolvimento e o da humanidade, que se encontram em oposição. Freud adverte, entretanto, que essa luta entre indivíduo e sociedade trava-se no terreno da economia da libido; não deriva, portanto, do antagonismo entre os dois instintos básicos.

Uma ampliação da analogia entre o desenvolvimento do indivíduo e o da civilização — de especial interesse para o nosso trabalho — afirma a existência de um superego da comu

²⁴⁵ Ibid., p. 145.

²⁴⁶ Ibid., p. 164-171.

munidade. Freud situa a gênese desse superego cultural, para uma dada época, na influência das personalidades marcantes dos grandes líderes. A exemplo da instância crítica do indivíduo, esse superego da comunidade também estabelece seu ideal, como ressaltamos ao final do Capítulo 5. Quando o ego não consegue corresponder às exigências desse ideal, é punido pelo sentimento de culpa. Outro aspecto da analogia deve, ainda, ser mencionado: já sabemos que grande parte do sentimento de culpa permanece inconsciente; quando as exigências reais do superego do indivíduo são trazidas à consciência, verifica-se que coincidem com os preceitos do superego cultural dominante.

As exigências do superego da comunidade que dizem respeito às relações entre os indivíduos constituem a *ética* — um esforço para dominar a inclinação humana à agressividade. Entretanto, assim como o superego do indivíduo não leva em conta as dificuldades do ego, diante das exigências do id e da realidade, para cumprir suas determinações, também o superego cultural não considera as limitações da constituição mental dos indivíduos. Freud cita como exemplo o preceito "Ama a teu próximo comb a ti mesmo", que considera impossível cumprir. A civilização apenas afirma que quanto mais difícil a obediência, mais meritória. Essa ética, porém, só oferece ao indivíduo a satisfação narcísica de pensar que é melhor do que os outros.

A discussão prossegue com uma referência à ética religiosa e suas promessas de vida melhor após a morte. Então, de forma surpreendente, Freud transfere a questão para o plano social, como observamos, mais de uma vez, ao analisar as páginas iniciais de *O futuro de uma ilusão*. Optamos por reproduzir a passagem na íntegra: "Enquanto, porém, a virtude não for recompensada aqui na Terra, a ética, imagino eu, pregará em vão. Acho também bastante certo que, nesse sentido, uma mudança real nas relações dos seres humanos com a propriedade seria de muito mais ajuda do que quaisquer ordens

éticas; mas o reconhecimento desse fato entre os socialistas foi obscurecido, e tornado inútil para fins práticos, por uma nova e idealista concepção equivocada da natureza humana".²⁴⁷ Para identificar a referida concepção basta retroceder, neste capítulo, até o ponto em que Freud comenta o que entende ser a visão comunista da questão da agressividade. Reservamos para o capítulo conclusivo um comentário sobre a comparação das opiniões de Freud, nessas duas passagens, a respeito do papel da propriedade nas relações entre os homens.

A analogia entre os dois processos de desenvolvimento é ainda uma vez ampliada e dá margem a nova e interessante especulação: a ocorrência, sob a influência de exigências culturais, de neuroses comunais, que atingem períodos de certas civilizações. Com muita prudência, Freud considera que poderia ser recomendável, nesses casos, aplicar a psicanálise à comunidade cultural. Antecipa, então, as dificuldades: o parâmetro de "normalidade" teria de ser buscado em outro lugar e nada assegura que a comunidade neurótica se disponha a aceitar a terapia.

Não pretendemos, por enquanto, entrar no mérito de tais dificuldades. A idéia em si é que nos parece particularmente importante, pois acena com a possibilidade de aplicação da teoria psicanalítica ao exame de questões sociais. Apenas registraremos uma observação a ser considerada adiante: a educação poderia desempenhar papel de relevo na tentativa de tornar a psicanálise um instrumento teórico mais útil à compreensão da vida social.

Freud conclui *O mal-estar na civilização* — seu mais longo trabalho sobre o antagonismo entre cultura e vida instintual — salientando que o papel fundamental da civilização humana é dominar os efeitos, sobre a vida social, do instinto destrutivo. Isso, em última análise, significa reafir

²⁴⁷ Ibid., p. 168.

mar o processo de civilização como uma luta entre os dois instintos básicos. Uma última observação, de interesse atual, atribui grande parte da infelicidade e da ansiedade que acometem o homem ao fato de ter atingido um excessivo controle das forças da natureza, que se tornou capaz de provocar o extermínio da espécie.

De acordo com o roteiro que estabelecemos para este capítulo, resta, apenas, examinar os trabalhos de 1932. O primeiro deles, a *Conferência XXXV*, foi adequadamente intitulado *A questão de uma Weltanschauung*. Essa palavra, de difícil tradução, será aqui mantida na forma original alemã. Freud define *Weltanschauung* como "(...) uma construção intelectual que soluciona todos os problemas de nossa existência, uniformemente, com base em uma hipótese superior dominante, a qual, por conseguinte, não deixa nenhuma pergunta sem resposta e na qual tudo o que nos interessa encontra seu lugar fixo".²⁴⁸

A partir da definição, a primeira pergunta a considerar é se a psicanálise conduz a alguma *Weltanschauung*. Freud responde que, como ramo especializado da psicologia, a psicanálise pertence ao campo do pensamento científico e, portanto, não precisa de *Weltanschauung* nem pode criar uma por si. Para a ciência, a explicação do universo é apenas um projeto, pois ainda são muitos os problemas a solucionar. Ela não considera as ilusões e as exigências emocionais criadas pela mente humana como parte do conhecimento científico. Mesmo assim, reconhece a arte, a filosofia e a religião como realizações valiosas.²⁴⁹

Já fizemos, neste capítulo, breve referência à opinião de Freud a respeito da arte: é uma ilusão, um recurso empregado pelo homem para evitar o sofrimento e obter prazer. A filosofia, por sua vez, não exerce influência direta sobre um grande número de pessoas. Ademais, não se opõe à ciência;

²⁴⁸Freud, S. - *Conferência XXXV* (1933 [1932]) - ESB, vol. XXII, p. 193.

²⁴⁹Ibid., p. 193-195.

em parte, trabalha com os mesmos métodos. Vários sistemas filosóficos, porém, tentaram explicar o universo através de um quadro completo e coerente, sem êxito. Apenas a religião, dentre as três realizações que foram destacadas, é uma séria adversária para a ciência.²⁵⁰ O reconhecimento dessa importância leva Freud a deter-se em interessante análise da natureza da religião, que culmina no inevitável confronto com a ciência. Entretanto, como essa exposição é apenas uma síntese das idéias desenvolvidas em *O futuro de uma ilusão*, não nos ocuparemos dela.

Para o nosso trabalho, a parte de maior interesse da *Conferência XXXV* é a que trata do marxismo, por ser a mais longa abordagem que Freud faz do tema,²⁵¹ cuja relevância para o desenvolvimento do assunto deste capítulo é inegável. O próprio Freud reconhece essa importância, ao afirmar que se trata de uma oposição que deve ser levada mais a sério — oposição, no caso, à *Weltanschauung* científica. Ao mesmo tempo, cautelosamente, considera-se pouco informado a respeito das idéias de Marx, embora não lhes poupe críticas.

Os pontos de vista defendidos por Freud nessa abordagem não diferem, em essência, dos já apresentados em *O mal-estar na civilização*. Ele parte da tese de que a estrutura de classes da sociedade teve origem nas lutas entre hordas primitivas, em que a supremacia dependia de fatores psicológicos — como a agressividade constitucional —, da organização e do grau de controle sobre as forças da natureza. Considera que a força do marxismo não está em sua visão da história, mas na importância atribuída aos fatores econômicos. Reafirma, porém, que eles não são o único determinante do comportamento humano; os fatores psicológicos — particularmente o superego — e o próprio processo de desenvolvimento cultural têm que ser levados em conta.

²⁵⁰ Ibid., p. 196.

²⁵¹ Ibid., p. 214-220.

Na opinião de Freud, o que falta ao marxismo para tornar-se verdadeira ciência social é, justamente, levar em conta essas outras influências. Entende que a sociologia trata do comportamento das pessoas na sociedade e, portanto, é psicologia aplicada. Em sentido estrito, só há, para ele, duas ciências: psicologia — pura ou aplicada — e ciência natural.*

Nossas considerações críticas a respeito dessas e outras idéias polêmicas estão reservadas, como vimos repetindo, para o capítulo conclusivo. Nesse ponto, porém, julgamos oportuno fazer um breve comentário preliminar a respeito da passagem que se segue: "O marxismo teórico, tal como foi concebido no bolchevismo russo, adquiriu a energia e o caráter auto-suficiente de uma *Weltanschauung*; contudo, adquiriu, ao mesmo tempo, uma sinistra semelhança com aquilo contra o que está lutando. Embora sendo originalmente uma parcela da ciência, e construído, em sua implementação, sobre a ciência e a tecnologia, criou uma proibição para o pensamento que é exatamente tão intolerante como o era a religião, no passado".²⁵² Parece-nos que o assumido desconhecimento da teoria marxista levou Freud a concentrar suas críticas no regime soviético da época. Trata-se de um equívoco que vem sendo frequentemente repetido, não só nas críticas ao marxismo, mas à própria psicanálise.

O último trabalho a examinar neste capítulo é *Por que a guerra?* (1932). Um organismo da Liga das Nações propôs a Albert Einstein que selecionasse um problema e convidasse alguém, de sua escolha, para discuti-lo, por meio de correspondência a ser publicada. Einstein sugeriu Freud — que aceitou — e formulou o seguinte problema: "Existe alguma forma de livrar a humanidade da ameaça da guerra?"²⁵³

*Essa afirmação de Freud está em desacordo com sua opinião corrente de que a psicologia é uma ciência natural. Ver, por exemplo, o *Projeto*, de 1895 (ESB, vol. I, p. 395) e as *Lições Elementares*, de 1938, um de seus últimos textos (ESB, vol. XXIII, p. 316).

²⁵² *Ibid.*, p. 218.

²⁵³ Strachey, J. (ed.) - *Por que a guerra?* (1933 [1932]) - In: ESB, vol. XXII, p. 241.

A resposta fundamenta-se, sobretudo, em dois temas que foram examinados detidamente em *O mal-estar na civilização*: o instinto de destruição e o processo de desenvolvimento cultural. Freud aponta a inclinação humana à agressão como um dos motivos que podem levar à guerra. Não demonstra interesse por outros motivos e sugere meios indiretos de combate à guerra, como o estabelecimento de vínculos emocionais entre os homens, de ambos os tipos que já conhecemos: laços de amizade e identificações. Outra sugestão é dar mais importância à educação das lideranças, com o propósito de dirigir as massas, submetendo sua vida instintual ao domínio da razão. Essa idéia já fora desenvolvida no início de *O futuro de uma ilusão*.²⁵⁴

O processo de desenvolvimento cultural é também visto como aliado na luta contra a guerra, pois Freud afirma que "tudo que estimula o crescimento da civilização trabalha simultaneamente contra a guerra". O fortalecimento da vida intelectual e a limitação dos impulsos instintuais, de que decorre a internalização do instinto agressivo, são identificados como as principais características do processo. Essas transformações, como já sabemos, envolvem vantagens e perigos, o que leva Freud a alternar manifestações otimistas e pessimistas a respeito da civilização.²⁵⁵

A carta aberta a Einstein termina com uma indagação sobre o tempo necessário para que o processo de desenvolvimento cultural afaste o perigo da guerra.²⁵⁶ Parece-nos que a questão pode ser formulada em outros termos, sem nos afastarmos da perspectiva freudiana: quanto tempo será necessário para educar as massas? Essa pergunta diz respeito, mais especificamente, ao próximo capítulo, que abordará os pontos de vista de Freud sobre a educação.

²⁵⁴ Ibid., p. 255-256.

²⁵⁵ Ibid., p. 258-259.

²⁵⁶ Ibid., p. 258.

9. PSICANÁLISE E EDUCAÇÃO

De acordo com o roteiro proposto na Introdução, percorremos alguns dos principais temas de que Freud se ocupou ao longo de sua obra. Procuramos elucidar, no campo teórico, os conceitos e proposições que nos pareceram de maior relevância para acompanhar suas incursões pelos temas sociais mais abrangentes de que tratou. Chegamos, finalmente, ao momento para o qual toda essa preparação se fez necessária: o estudo da aplicação do conhecimento psicanalítico à educação.

Freud não dedicou à educação um trabalho específico. Fez muitas referências ao tema, mas nenhuma delas excede umas poucas páginas; o que não significa, como veremos, que negasse às relações entre psicanálise e educação uma importância especial. Basta que se adote uma concepção abrangente de educação para que apareçam estreitas ligações com o conceito de cultura ou civilização, do qual, como sabemos, Freud se ocupou detidamente.

Assim, a tarefa que se segue consiste em fazer um levantamento de todas as referências à educação existentes na obra de Freud, selecionar os aspectos mais importantes e, finalmente, tentar elaborar uma síntese. Para a consecução da parte preliminar — o levantamento — nos valeremos dos índices remissivos de todos os volumes da ESB. Como, porém, esses índices omitem algumas referências, recorreremos, também, ao trabalho *Freud anti-pédagogue*, de Catherine Millot,²⁵⁷ que apresenta, com base na *Standard Edition*, uma bibliografia bastante completa dos textos freudianos que se referem à educação. Adotaremos, ainda uma vez, a ordem cronológica, conveniente por permitir acompanhar a evolução do pensamento de Freud.

²⁵⁷Millot, C. - *Freud anti-pédagogue* - p. 172-173.

As primeiras menções à educação na obra de Freud aparecem em alguns de seus escritos mais antigos. A mais interessante está contida no *Rascunho B*, dirigido a seu amigo Fliess em 1893.²⁵⁸ Nela, Freud indica as relações sexuais livres entre jovens como medida profilática contra as neuroses atuais. Adverte, porém, que a higiene e a existência de recursos anticoncepcionais inócuos são condições imprescindíveis. Essas notas, portanto, antecipam pontos de vista desenvolvidos em *Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna*, de 1908, a que já aludimos no capítulo anterior. Outras antecipações do mesmo trabalho encontram-se em *A sexualidade na etiologia das neuroses*, de 1898. Esse texto, embora não trate especificamente da educação, já aborda o antagonismo entre a civilização e as reivindicações da sexualidade.²⁵⁹

Se não considerarmos algumas breves referências de passagem, a partir das quais não seria prudente formular conclusões, a educação só volta a merecer algum destaque nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, de 1905. A primeira observação, já mencionada no Capítulo 3, revela que a construção de barreiras inibidoras da sexualidade, durante o período de latência, é parte de um desenvolvimento organicamente determinado; o papel que a educação desempenha nesse processo é, portanto, limitado. Outra observação adverte que "O comportamento das crianças na escola, que apresenta ao professor um grande número de enigmas, deve em geral ser relacionado com sua sexualidade florescente".²⁶⁰ Finalmente, devemos lembrar a passagem, já citada no Capítulo 8, que destaca a importância das manifestações sexuais infantis e relaciona sua persistência na vida mental à educação intelectual e ao grau de cultura do indivíduo. Em resumo, todas as referências até aqui apresentadas estabelecem ligações entre educação e desenvolvimento da sexualidade.

²⁵⁸Freud, S. - *Extratos dos documentos dirigidos a Fliess* (1950 [1892-1899]) - ESB, vol. I, p. 254.

²⁵⁹Freud, S. - *A sexualidade na etiologia das neuroses* (1898) - ESB, vol. III, p. 304-305.

²⁶⁰Freud, S. - *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* (1905) - ESB, vol. VII, p. 209-210.

Um pequeno trabalho publicado no mesmo ano, intitulado *Sobre a psicoterapia*, já nos fornece, contudo, novas perspectivas. Após duas alusões ao tratamento analítico como um processo educacional em si,²⁶¹ Freud desenvolve o tópico de maneira inequívoca: trazer o material inconsciente (reprimido) à luz já é educar. "Pois constitui educação até mesmo induzir alguém que não gosta de levantar-se cedo a fazê-lo, apesar disso. O tratamento psicanalítico pode, em geral, ser concebido como tal *reeducação no superar resistências internas*. A reeducação dessa natureza não é, todavia, em nenhum sentido, mais necessária a pacientes nervosos do que no tocante ao elemento mental na vida sexual deles. Pois em nenhum outro campo a civilização e a educação têm causado mais danos do que nesse setor, e este é um ponto, como a experiência vos indicará, em que se deve procurar as etiologias das neuroses sujeitas à influência, porquanto o outro fator etiológico, o componente constitucional, consiste em algo fixo e inalterável".²⁶²

O trecho citado não só mostra que os vínculos entre psicanálise e educação, na concepção de Freud, são muito claros, como evidência que o conceito freudiano de educação é bastante abrangente, o que parece validar nossas considerações a esse respeito, no início deste capítulo; além disso, realça o papel da sexualidade na etiologia das neuroses e antecipa a questão do antagonismo entre civilização e vida sexual. Essa concepção do tratamento analítico como um processo educacional reaparece ao longo da obra de Freud. Na *Conferência XXVIII*, publicada em 1917,²⁶³ a expressão *reeducação*, empregada na passagem acima, é substituída por *pós-educação*, que é mantida no Esboço (1938).

Ainda em 1905, no trabalho *Os chistes e sua relação com o inconsciente*, Freud faz outra observação interessante sobre o processo educacional. Realça, então, a força das res

²⁶¹ Freud, S. - *Sobre a psicoterapia* (1905 [1904]) - ESB, vol. VII, p. 274.

²⁶² Ibid., p. 277 (grifo do autor)

²⁶³ Freud, S. - *Conferência XXVIII* (1917 [1916-17]) - ESB, vol. XVI, p. 527.

trições impostas à criança quando é introduzida no pensamento lógico e na distinção entre o falso e o real. Surgem, em decorrência, manifestações de rebelião contra a compulsão da lógica e da realidade. Essa rebelião é duradoura e pode ser notada em jovens universitários ou mesmo mais tarde, entre adultos que retornam à condição de estudantes.²⁶⁴

Dois anos mais tarde, Freud publica um texto — *O esclarecimento sexual das crianças* — cujo título permite antever que a sexualidade continua a ocupar uma posição destacada entre suas preocupações com respeito à educação. Considera óbvio que as crianças devam ser esclarecidas sobre os fatos da vida sexual, embora pais e professores demonstrem o intento de mantê-las afastadas desse conhecimento pelo maior tempo possível. Por entender que uma das causas dessa atitude talvez seja a ignorância, sugere o esclarecimento dos adultos. "Certamente se a intenção dos educadores é sufocar a capacidade da criança de pensamento independente, em favor de uma pretensa 'bondade' que tanto valorizam, não poderiam escolher melhor caminho do que ludibriá-la em questões sexuais e intimidá-la pela religião". Ao concluir, propõe que a curiosidade das crianças a respeito da sexualidade seja satisfeita à medida que se manifeste, gradualmente, com naturalidade e por iniciativa da própria escola.²⁶⁵ Freud voltou a este assunto em um de seus últimos trabalhos — em termos menos otimistas, como veremos adiante. Já num texto do ano seguinte (1908), porém, manifesta certa dúvida, ao afirmar que algumas crianças, nas quais a repressão sexual está adiantada, reagem à informação com descrédito.²⁶⁶

Ainda em 1908, Freud publicou *Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna*, em que nos detivemos longamente no capítulo anterior. Trata-se, já sabemos, do mais antigo dentre os principais trabalhos que abordam aspectos sociológicos

²⁶⁴Freud, S. - *Os chistes e sua relação com o inconsciente* (1905) - ESB, vol. VIII, p. 149.

²⁶⁵Freud, S. - *O esclarecimento sexual das crianças* (1907) - ESB, vol. IX, p. 137-144.

²⁶⁶Freud, S. - *Sobre as teorias sexuais das crianças* (1908) - ESB, vol. IX, p. 228.

cos do antagonismo entre civilização e livre desenvolvimento da sexualidade. Embora as primeiras idéias a respeito tenham surgido, como vimos, no *Rascunho B*, de 1893, e em *A sexualidade na etiologia das neuroses*, de 1898, somente após os *Três ensaios* (1905) um desenvolvimento mais consistente do tema tornou-se possível. Resumiremos, pois, os principais aspectos de *Moral sexual "civilizada"* focalizados no Capítulo 8 que diz respeito à educação e, por isso, nos interessam no momento.

Deve-se levar em conta a necessidade de uma certa quantidade de satisfação sexual direta, variável com as características individuais; há um limite de renúncia à vida instintual que não deve ser ultrapassado. Em decorrência, são postas em questão a abstinência, o tratamento então dado à educação sexual — especialmente das mulheres — e a vida sexual problemática de muitos casais, com seus reflexos no relacionamento geral e, portanto, na educação dos filhos.

Em 1909, no final do longo trabalho sobre o caso clínico do Pequeno Hans, Freud se propõe oferecer uma contribuição às idéias sobre a vida e a educação das crianças.²⁶⁷ Embora os pontos de vista expostos não constituam propriamente novidades, o interesse reside na própria proposta, que parece uma tentativa de sintetizar as relações entre psicanálise e educação estabelecidas até esse momento.

Primeiramente, Freud manifesta crença na existência de uma freqüente correlação entre precocidade sexual e precocidade intelectual. Passa, a seguir, a criticar a educação de crianças em geral, mais voltada para um modelo socialmente bem aceito que para as reais necessidades das crianças. Considera provável que a educação possa desempenhar papel importante na profilaxia das neuroses, embora só se tenha

²⁶⁷Freud, S. - *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* (1909) - ESB, vol. X, p. 146-151.

ocupado — até então — do controle ou mesmo da supressão dos instintos. Em vez disso, poderia capacitar o indivíduo a tornar-se civilizado e útil à sociedade com o mínimo de sacrifício. Nesse sentido, a psicanálise seria de grande valia para orientar os educadores na sua conduta em relação às crianças.

Por essa época, Freud publicou um trabalho retrospectivo muito divulgado: as cinco conferências proferidas na Clark University. Há nele referências ao assunto deste capítulo, mas nenhuma contribuição realmente nova. Da mesma forma, em seu estudo sobre Leonardo da Vinci, de 1910, apenas menciona a influência que a educação pode exercer na relação entre as vicissitudes sofridas pela sexualidade infantil e curiosidade intelectual.²⁶⁸

Ainda em 1910, porém, num pequeno texto, Freud elaborou uma crítica à escola, especificamente no que se refere ao tratamento dispensado a alunos adolescentes. A escola deveria transmitir-lhes o interesse pela vida e oferecer-lhes o apoio de que necessitam, num período em que seu desenvolvimento os compele a afrouxar os vínculos familiares. Deveria, também, levar em conta que eles são indivíduos imaturos, com direito a passar por estágios de desenvolvimento nem sempre agradáveis.²⁶⁹

Em 1911 Freud publicou um importante trabalho intitulado *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. Com base na distinção entre os princípios reguladores dos processos psíquicos, apresenta uma concepção de educação que transcrevemos a seguir. "A educação pode ser descrita, sem mais, como um incentivo à conquista do princípio de prazer e à sua substituição pelo princípio de realidade; isto é, ela procura auxiliar o processo de desenvolvimento que afe

²⁶⁸ Freud, S. - *Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância* (1910) - ESB, vol. XI, p. 73-74.

²⁶⁹ Freud, S. - *Contribuições para uma discussão acerca do suicídio* (1910) - ESB, vol. XI, p. 217-218.

ta o ego".²⁷⁰ Podemos observar que a educação é vista como um incentivo, um auxílio ao processo de desenvolvimento por que passa o ego.

Focalizamos, no capítulo precedente, alguns aspectos, de interesse para a educação, extraídos do segundo dos três textos que Freud reuniu sob o título *Contribuições à psicologia do amor*. Nele, o antagonismo entre as exigências culturais e as da sexualidade é novamente realçado; o conhecimento da psicanálise é, uma vez mais, recomendado a quem se propõe empreender reformas na vida sexual do mundo civilizado. Resta, porém, mencionar a questão dos limites da educação no que diz respeito ao instinto sexual, tratada, nesse trabalho, de forma bastante clara.

Freud considera que algo, na natureza do próprio instinto, impede sua satisfação completa e cita dois fatores que podem ser responsáveis por essa dificuldade. Quanto ao primeiro, esclarece que "(...)quando o objeto original de um impulso desejoso se perde em consequência da repressão, ele se representa, freqüentemente, por uma sucessão infindável de objetos substitutos, nenhum dos quais, no entanto, proporciona a satisfação completa". A propósito do segundo fator, lembra que alguns componentes da sexualidade primitiva, incompatíveis com os padrões culturais, sofrem vicissitudes, o que enfraquece o instinto em sua organização final. Assim, a harmonia da sexualidade com as exigências culturais não parece possível. "Os instintos do amor são difíceis de educar".²⁷¹

Freud volta a tratar especificamente da educação ao escrever, em 1913, a introdução a uma obra de seu amigo

²⁷⁰Freud, S. - *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental* (1911) - ESB, vol. XII, p. 283 (grifo do autor).

²⁷¹Freud, S. - *Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor* (1912) - ESB, vol. XI, p. 171-172.

Pfister, destinada a divulgar a psicanálise a educadores. As sinala, então, que os determinantes dos sintomas patológicos são, com frequência, estabelecidos durante a infância e a juventude, ou seja, o período normalmente utilizado para a educação. Esta, portanto, poderia exercer — com o auxílio da psicanálise — uma influência profilática. Há, ainda, uma espécie de recomendação aos educadores, no sentido de que sua atuação leve em conta as disposições e possibilidades do educando.²⁷²

No mesmo ano, Freud escreveu um artigo em que aborda as aplicações da psicanálise a diversas áreas de conhecimento; a última parte é dedicada à educação. Esse breve texto, ao contrário do focalizado no parágrafo anterior, acrescenta aspectos novos ao desenvolvimento do tema. Freud, ademais, valoriza-o com sua reconhecida capacidade de tornar interessante a exposição de tópicos já muito familiares.

O interesse da psicanálise para a educação — afirma — reside em possibilitar o conhecimento da vida mental das crianças, que o adulto não consegue entender em decorrência da amnésia infantil. Além da importância fundamental da sexualidade, cita o complexo de Édipo e o narcisismo como descobertas da psicanálise que permitem compreender a infância e seu processo de desenvolvimento. Lembra, mais uma vez, a necessidade de se respeitar as fases desse processo, com seus impulsos sociais e perversos que, pela sublimação, podem trazer valiosas contribuições à formação do caráter; a repressão, ao contrário, predispõe à doença nervosa. Ao concluir, reitera que só uma educação esclarecida pela psicanálise constitui profilaxia das neuroses.²⁷³

Em 1914, num artigo intitulado *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar*, observa-se que o complexo de Édipo

²⁷² Freud, S. - *Introdução a "The psycho-analytic method"*, de Pfister (1913) - ESB, vol. XII, p. 415-417.

²⁷³ Freud, S. - *O interesse científico da psicanálise* (1913) - ESB, vol. XIII, p. 224-226.

po e o conceito de narcisismo começam a assumir posições de destaque nas concepções freudianas de educação. Nesse texto, o interesse volta-se para os vínculos emocionais que os alunos estabelecem com seus mestres. A atitude emocional dos estudantes têm como característica a ambivalência, que, segundo Freud, foi estabelecida precocemente, nas relações da criança com os primeiros objetos; a expressão mais notável dessa ambivalência é o conflito edipiano. Mais tarde, na fase do desenvolvimento em que ocorre o progressivo desligamento daqueles objetos, os jovens, em contato com os professores, transferem para eles — os substitutos dos pais — a ambivalência das relações familiares.²⁷⁴

Ainda em 1914, um novo trabalho retrospectivo — *A história do movimento psicanalítico* — não dedica mais que um parágrafo à educação e nada acrescenta às idéias até aqui expostas.²⁷⁵ No ano seguinte, já deflagrada a Primeira Guerra Mundial, Freud publica dois ensaios reunidos sob o título *Reflexões para os tempos de guerra e morte*; no primeiro deles, *A desilusão da guerra*, a educação volta a ganhar maior espaço, principalmente através da discussão de seu papel na formação da moralidade. A educação é vista como um fator externo, representante das reivindicações culturais, que atua no sentido de transformar os instintos sociais. Os impulsos instintuais de outra pessoa, porém, só podem ser inferidos de sua conduta. Como a educação emprega incentivos do tipo de recompensas e punições, a conduta adequada pode ser conseguida sem que ocorra a transformação da base instintual. Freud lembra, além disso, que mesmo os instintos transformados pela cultura persistem e etapas primitivas do desenvolvimento podem ser restabelecidas. O ensaio, portanto, remete ao tema do antagonismo entre civilização e vida instintual. A educação, considerada como um processo a serviço da ²⁹civilização, tem êxito li-

²⁷⁴Freud, S. - *Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar* (1914) - ESB, vol. XIII, p. 286-288.

²⁷⁵Freud, S. - *A história do movimento psicanalítico* (1914) - ESB, vol. XIV, p. 50.

mitado.²⁷⁶

No mesmo ano, num pequeno texto intitulado *Sobre a transitoriedade*, a questão dos limites da educação diante da persistência dos instintos é, novamente, focalizada. Freud afirma, ainda a propósito da guerra, que "(...) revelou nos-
sos instintos em toda a sua nudez e soltou dentro de nós os
maus espíritos que julgávamos terem sido domados para sempre,
por séculos de ininterrupta educação pelas mais nobres men-
tes".²⁷⁷

Em 1916, Freud reuniu três ensaios sob o título *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico*. No primeiro, volta a referir-se à psicanálise como uma educa-
ção posterior, um processo educativo que permite ao paciente
evoluir do princípio do prazer para o princípio de realidade.
O analista, provavelmente, repete o processo da educação ini-
cial: "Lado a lado com as exigências da vida, o amor é o gran-
de educador, e é pelo amor daqueles que se encontram mais pró-
ximos dele que o ser humano incompleto é induzido a respeitar
os ditames da necessidade e a poupar-se do castigo que sobre-
vém a qualquer infração dos mesmos".²⁷⁸

Desse mesmo período são as *Conferências introdutórias sobre psicanálise*, proferidas na Universidade de Viena entre
1915 e 1917. A primeira que menciona a educação é a *Confe-
rência XIII*, ao estudar a evolução da vida sexual das crian-
ças. Todavia, não vai além de enumerar as várias barreiras
estabelecidas, no decorrer do desenvolvimento e da educação,
contra as manifestações sexuais infantis.²⁷⁹ Esse assunto re

²⁷⁶Freud, S. - *Reflexões para os tempos de guerra e morte* (1915) - ESB, vol. XIV, p. 317-324.

²⁷⁷Freud, S. - *Sobre a transitoriedade* (1916 [1915]) - ESB, vol. XIV, p. 347.

²⁷⁸Freud, S. - *Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico* (1916) - ESB, vol. XIV, p. 352.

²⁷⁹Freud, S. - *Conferência XIII* (1916 [1915-16]) - ESB, vol. XV, p. 250-251.

cebe um tratamento mais detalhado na *Conferência XX*, que, por ém, é particularmente interessante para nós por um aspecto já focalizado nos Capítulos 3 e 8: a explicação que apresenta para as restrições da sociedade à sexualidade infantil. Por razões econômicas, o homem precisa desviar energia da atividade sexual para o trabalho, o que só é possível se a educação começar a exercer sua influência muito cedo, antes que o instinto sexual se torne incontrolável.

Fizemos referência, neste capítulo, à educação como um incentivo à transição do princípio de prazer para o princípio de realidade, ou seja, ao processo de desenvolvimento do ego. Mencionamos, também, o papel que as "exigências da vida" desempenham nesse processo. Freud realça esse papel na *Conferência XXII*, ao lembrar que a frustração advinda da realidade — necessidade (*Ananke*) — tem sido uma educadora rigorosa.²⁸⁰

Ao estudarmos o narcisismo, no Capítulo 5, citamos um trecho da *Conferência XXVI* em que Freud afirma a existência de um censor do ego, que tem origem na identificação — primeiramente com os pais e, mais tarde, com outras figuras-modelo, como os educadores. Essa instância psíquica é o futuro superego, que, como vimos salientando desde o primeiro capítulo, representa a influência da infância por toda a vida e, assim, tem grande importância para o estudo da educação.

Outros trabalhos, contemporâneos das Conferências, fazem menções muito breves à educação e não chegam a alterar o panorama apresentado até aqui. Em *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (1917), Freud volta a ressaltar o papel da análise na educação do ego e a dificuldade em dominar os instintos sexuais.²⁸¹ Já *Sobre o ensino da psicanálise nas universidades*, de 1918, não desperta o interesse que o título prome

²⁸⁰Freud, S. - *Conferência XXII* (1917 [1916-17]) - ESB, vol. XVI, p. 414.

²⁸¹Freud, S. - *Uma dificuldade no caminho da psicanálise* (1917) - ESB, vol. XVII, p. 178.

te, por duas razões: em primeiro lugar, o editor inglês nos alerta que a versão disponível não é fidedigna;²⁸² além disso, o texto trata, predominantemente, da importância da psicanálise para a formação médica e não chega a desenvolver a discussão sobre sua relevância para a educação universitária em geral. Ainda assim, há um parágrafo que sugere a possibilidade de abertura do ensino da teoria psicanalítica para estudantes de outros ramos do conhecimento, como as artes, a filosofia, a religião e a história.²⁸³

A produção de Freud nos anos subsequentes não contém referências diretas à educação. No trabalho sobre *Psicologia de grupo* (1921), entretanto, há um tópico que não abordamos no Capítulo 7 e merece registro aqui, por seu interesse para os educadores: a discussão sobre o instinto gregário. Freud não considera a existência de tal instinto primário, pois nada semelhante pode ser observado, durante longo tempo, na vida das crianças. Um sentimento de grupo somente surge, em casa e, principalmente, na escola, a partir da identificação com as outras crianças, que é uma formação reativa contra a hostilidade derivada do ciúme. Daí decorre uma exigência de justiça: "Se nós mesmos não podemos ser os favoritos, pelo menos ninguém mais o será".²⁸⁴

Em 1923, com *O ego e o id*, Freud apresenta a topografia do aparelho psíquico em sua formulação final; o superego é, então, o objeto de um estudo detalhado, que focalizamos no Capítulo 4. Assim, apenas mencionaremos as conclusões que, no momento, mais nos interessam. A formação do superego é o resultado de dois fatores: o longo período de dependência infantil e o complexo de Édipo; dá, portanto, expressão permanente à influência dos pais. O superego está vinculado às

²⁸² Strachey, J. - Nota do editor inglês, introdutória a *Sobre o ensino da psicanálise nas universidades*. In: ESB, vol. XVII, p. 215.

²⁸³ Freud, S. - *Sobre o ensino da psicanálise nas universidades* (1919 [1918]) - ESB, vol. XVII, p. 219.

²⁸⁴ Freud, S. - *Psicologia de grupo e a análise do ego* (1921) - ESB, vol. XVIII, p. 150-152.

aquisições filogenéticas e ao processo de educação do indivíduo; além do papel decisivo dos primeiros objetos, incorpora novas contribuições, através de identificações posteriores com professores e outros modelos. Como veículo do ideal do ego, exerce a censura moral.²⁸⁵

Ainda em 1923, Freud escreveu outro texto retrospectivo, intitulado *Uma breve descrição da psicanálise*. Por dar ênfase a alguns aspectos já conhecidos, a parte final, que trata das aplicações da psicanálise, merece menção. Freud aponta a exigência externa real como principal força motivadora do desenvolvimento cultural da humanidade; reafirma que a civilização está construída inteiramente sobre a renúncia ao instinto e destaca a grande importância do complexo de Édipo para instituições como a religião, o direito e a ética.²⁸⁶

Novo trabalho retrospectivo foi escrito em 1924 e publicado no ano seguinte. Nele, Freud dedica todo o último capítulo às aplicações da psicanálise, particularmente ao estudo da criação artística e da religião. Quase no final, comenta que as descobertas psicanalíticas sobre a vida sexual e o desenvolvimento mental das crianças naturalmente atraíram a atenção dos educadores, do que resultou a aplicação da análise à educação, como profilaxia e como correção de desvios do desenvolvimento.²⁸⁷

Freud volta a tratar da educação no *Prefácio a "Juventude desorientada"*, de Aichhorn (1925). Ao comentar o êxito do autor em seu trabalho com delinquentes juvenis, afirma que todos os interessados em educação infantil deveriam receber formação psicanalítica, sem a qual não conseguirão compreender as crianças. Acrescenta que tal formação atingirá melhores resultados se essas pessoas se submeterem à análise,

²⁸⁵Freud, S. - *O ego e o id* (1923) - ESB, vol. XIX, p. 49-52.

²⁸⁶Freud, S. - *Uma breve descrição da psicanálise* (1924 [1923]) - ESB, vol. XIX, p. 256-259.

²⁸⁷Freud, S. - *Um estudo autobiográfico* (1925 [1924]) - ESB, vol. XX, p. 86.

pois a instrução teórica não penetra bastante fundo e não traz convicção. Adverte, ainda, que a psicanálise não substitui a educação, podendo ser utilizada como meio auxiliar. Finalmente, reafirma que a análise de um neurótico adulto corresponde a uma pós-educação.²⁸⁸

O trabalho *A questão da análise leiga*, de 1926, trata do exercício da psicanálise por analistas que não sejam médicos. A opinião de Freud a esse respeito sempre foi favorável, desde que os interessados recebam a necessária formação. Nesse texto ele defende, mais uma vez, a utilização da psicanálise como um novo instrumento de pesquisa, no estudo das artes, da religião, da história e da ordem social. Os especialistas dessas áreas deverão submeter-se à análise, pois essa é a única maneira de aprendê-la — afirma. Além das várias aplicações citadas, destaca a educação de crianças; volta a mencionar, então, o aspecto profilático e também o tratamento, combinado com medidas educacionais, para aqueles que apresentem sinais de desenvolvimento indesejável.²⁸⁹

Com *O futuro de uma ilusão*, em 1927, Freud inicia a série de trabalhos sobre os problemas culturais que constituíram o principal interesse da fase final de sua obra. Como empreendemos um estudo cuidadoso desse texto no capítulo anterior, nos limitaremos, agora, a resumir os tópicos de maior interesse para a educação.

A estreita relação, a que já aludimos, entre os conceitos de educação e cultura traz para o primeiro plano, logo de início, a questão das possibilidades e limites da educação. Essa discussão, entretanto, por sua abrangência, já foi transferida para o capítulo conclusivo. Segue-se, então, o longo estudo sobre as idéias religiosas. Nas conclusões, Freud afirma que a educação infantil se baseia em dois pontos principais:

²⁸⁸Freud, S. - *Prefácio a "Juventude desorientada"*, de Aichhorn (1925) - ESB, vol. XIX, p. 341-342.

²⁸⁹Freud, S. - *A questão da análise leiga* (1926) - ESB, vol. XX, p. 280-282.

o retardamento do desenvolvimento sexual e a influência prematura das doutrinas religiosas. A religião, portanto, é, em grande parte, responsável por ser o homem tão pouco sensível à razão. Propõe, assim, uma *educação para a realidade*, que conduzirá, em futuro não previsível, à primazia do intelecto — o único meio de que dispomos para controlar nossa vida instintual. *Logos* (a razão), apoiado na ciência e dentro dos limites estabelecidos por *Ananke* (a realidade externa), conduzirá a essa primazia.

Pouco resta a acrescentar, também, ao estudo que realizamos, no capítulo anterior, de *O mal-estar na civilização* (1929). Primeiramente, devemos mencionar uma longa nota de rodapé em que Freud faz nova crítica à educação dos jovens da época. Além de ocultar-lhes o papel que a sexualidade desempenhará em suas vidas, não os prepara para a agressividade de que serão objetos. Esse último aspecto surge, certamente, como resultado da grande importância atribuída, nesse trabalho, ao instinto agressivo.²⁹⁰

Cabe, ainda, lembrar outra contribuição interessante, que parte da analogia do desenvolvimento da civilização com o do indivíduo e admite a possibilidade de aplicação da psicanálise às comunidades culturais. Embora Freud não esclareça o que é exatamente uma "neurose social", a idéia parece próxima da sugestão — citada algumas vezes neste capítulo — de uma psicanálise aplicada à pesquisa nas ciências que se interessam pela evolução da civilização humana.

Freud volta a tratar de questões educacionais nas *Novas conferências introdutórias sobre psicanálise*, de 1932. A *Conferência XXXI* contém, como vimos no Capítulo 4, um novo estudo do superego, onde aspectos relevantes para a educação reaparecem: a derivação do complexo de Édipo; a constituição

²⁹⁰Freud, S. - *O mal-estar na civilização* (1930 [1929]) - ESB, vol. XXI, p. 158.

a partir de intensas identificações com os pais; a assimilação de influências posteriores através de identificações com novos modelos, como professores; e a característica de ser veículo da tradição e dos valores duradouros, transmitidos de geração a geração.²⁹¹

A *Conferência XXXII* esclarece um tópico, relativo à formação do superego e à educação de crianças, que já havia sido mencionado na anterior: a severidade do superego não corresponde, necessariamente, à rigidez da educação que a criança recebeu dos pais. Isso se explica pelo fato de que o superego, ao se formar, faz uso da parcela de agressividade dirigida contra os pais que a criança não pode descarregar.²⁹² Os aspectos básicos para elucidar essa questão foram apresentados no capítulo anterior, ao estudarmos o sentimento de culpa.

O mais extenso e específico texto de Freud sobre as relações entre psicanálise e educação está contido na *Conferência XXXIV*. Veremos que há referências posteriores ao tema; nenhuma, porém, com essa abrangência, o que nos permite acrescentar o argumento de que se trata de uma espécie de inventário das idéias de Freud a esse respeito, na fase final de sua obra. Assim, procuraremos apresentar, resumidamente, os pontos de vista contidos no trabalho.²⁹³

Após breve passagem pelas várias aplicações da psicanálise, que já nos são familiares, Freud se detém na que considera, talvez, a mais importante de todas: a educação das novas gerações. Apesar dessa ênfase, diz não entender muito do assunto, reconhece que dele pouco se ocupou e julga sua contribuição modesta.

²⁹¹Freud, S. - *Conferência XXXI* (1933 [1932]) - ESB, vol. XXII, p. 83 e 87.

²⁹²Freud, S. - *Conferência XXXII* (1933 [1932]) - ESB, vol. XXII, p. 136.

²⁹³Freud, S. - *Conferência XXXIV* (1933 [1932]) - ESB, vol. XXII, p. 179-185.

O interesse da psicanálise pela educação infantil provém do tratamento de neuróticos adultos, que, regularmente, conduzia ao início da infância. Surgiu, assim, a necessidade de conhecer bem essa etapa da vida humana — até os cinco anos, aproximadamente —, que mostrou ser de grande importância por duas razões principais: corresponde ao primeiro período do desenvolvimento da sexualidade, que traz consequências decisivas para a vida sexual da maturidade; o ego fraco e imaturo só consegue lidar com as impressões traumáticas que sofre por meio da repressão, adquirindo, pois, disposição para a doença nervosa.

A infância é um período particularmente difícil porque a criança tem que assimilar, em pouco tempo, o produto de uma longa evolução cultural. O desenvolvimento só responde por uma parte desse processo; parcela considerável deve ser imposta pela educação. Em decorrência, a maioria das crianças passa por uma fase semelhante à neurose, que impõe a adoção de medidas preventivas. Freud admite a possibilidade de emprego da análise a título de profilaxia, mas julga a idéia inexequível na sociedade do seu tempo. Em alguns casos, porém, a neurose irrompe e o tratamento analítico torna-se necessário; a técnica empregada com adultos tem de ser bastante modificada, mas os resultados têm sido satisfatórios.

A tarefa principal da educação é fazer com que a criança aprenda a controlar seus instintos; não é possível dar livre curso a todos os impulsos, sem restrição. À educação cabe inibir, proibir, suprimir, o que implica risco de neurose. Assim, a ação educativa deve buscar, entre a não-interferência e a frustração, o equilíbrio adequado a cada caso — pois é necessário, também, levar em conta as diferenças individuais.

Freud considera que a educação, até então, cumpriu muito mal sua tarefa e afirma que, diante dos complexos problemas com que se defronta o educador de crianças, a única preparação adequada para esse profissional é uma sólida formação

psicanalítica; melhor ainda se for analisado. Quanto aos pais, a experiência da análise também lhes será muito útil, pois proporcionará compreensão das falhas da educação que receberam e, assim, poderão poupar seus filhos de muitos prejuízos.

Antes de finalizar, Freud resolve discutir o caráter ideológico da educação. Afirma-se — e com razão, comenta — que toda educação tem o objetivo tendencioso de fazer a criança alinhar-se à ordem estabelecida, sem considerar o fundamento dessa ordem. Não cabe, porém, à psicanálise tomar partido; o objetivo contrário à ordem social vigente também será tendencioso. O analista, como o médico, não pode entrar em considerações pessoais a respeito do paciente. "A psicanálise já encerra em si mesma fatores revolucionários suficientes para garantir que todo aquele que nela se educou jamais tomará em sua vida posterior o partido da reação e da repressão".²⁹⁴ O conteúdo polêmico dessas afirmações nos leva a reservar os comentários para a conclusão.

Vimos, no capítulo anterior, a troca de cartas entre Einstein e Freud, no mesmo ano em que foram escritas as *Novas conferências* (1932). Pouco há a acrescentar ao que já registramos. Freud dá ênfase à educação das lideranças para dirigir as massas dependentes, com o propósito de submeter a vida instintual ao domínio da razão, e acredita que o processo de desenvolvimento cultural trabalha no mesmo sentido. Assim, a educação das massas, na perspectiva desse texto, depende da ação concorrente de dois fatores: a evolução cultural e a educação de lideranças que trabalhem pela primazia da razão.

Depois desses trabalhos, sô voltamos a encontrar referências à educação em *Análise terminável e interminável*, de 1937. Freud retoma a questão do esclarecimento sexual das crianças — que abordou, como vimos, trinta anos antes, num pequeno texto. Considera que o esclarecimento sobre os fatos da vida sexual está longe de ser desnecessário ou prejudicial, mas adverte que o efeito profilático dessa iniciativa tem si-

²⁹⁴ Ibid., p. 184.

do superestimado. As crianças não fazem uso do novo conhecimento e relutam em substituir por ele as teorias sexuais que construíram em harmonia com sua organização libidinal. "Por longo tempo após receberem esclarecimentos sexuais, elas se comportam como as raças primitivas que tiveram o cristianismo enfiado nelas, mas que continuam a adorar em segredo seus antigos ídolos".²⁹⁵

A última referência à educação que selecionamos de nosso levantamento cronológico é, coincidentemente, do *Esboço*, cujas formulações foram o ponto de partida para boa parte deste trabalho. O assunto é, mais uma vez, a sexualidade infantil. Freud lembra que a pré-condição essencial da neurose é o atraso do desenvolvimento do ego em relação ao desenvolvimento libidinal. O ego imaturo só consegue dominar as excitações do período sexual primitivo através da repressão. Conclui, então, que as neuroses poderiam ser evitadas se fosse concedida liberdade à vida sexual das crianças (p. 229-230).

Verificamos, como havíamos antecipado no início deste capítulo, que Freud atribuía grande importância à educação como campo de aplicação da psicanálise. Constatamos que sua contribuição ao estudo dos problemas educacionais consiste, basicamente, em numerosos fragmentos, dos quais selecionamos os mais significativos. Empreenderemos, agora, a última etapa da tarefa proposta: reunir os fragmentos e tentar elaborar uma síntese.

Acreditamos que, inicialmente, devemos explicitar o significado de *educação* para Freud. É um auxílio ao processo de desenvolvimento do ego, isto é, um incentivo à substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade (1911) e do processo primário pelo processo secundário (1923). É um fator externo, representante das reivindicações culturais, que visa a transformar os instintos associativos (1915).

²⁹⁵Freud, S. - *Análise terminável e interminável* (1937) - ESB, vol. XXIII, p. 266-267.

Sua principal tarefa é fazer a criança aprender a controlar seus instintos; mas isso é parte da tarefa maior de auxiliar o desenvolvimento a fazer com que a criança assimile, em pouco tempo, o produto da evolução cultural (1932).

Podemos dizer, então, que educar é integrar as novas gerações ao processo de evolução cultural, cuja maior tarefa é auxiliar o desenvolvimento do ego para que ele possa controlar os instintos. A maior limitação da ação educativa vem a ser, pois, a resistência que os instintos oferecem. Como o intelecto é o único meio de que dispomos para controlar a vida instintual, deve-se pôr em prática uma educação para a realidade, baseada na razão. Por outro lado, há limites de renúncia aos instintos que não devem ser ultrapassados. A educação, em cada caso, tem de buscar um equilíbrio entre a livre manifestação e a frustração.

As descobertas da psicanálise a respeito da etiologia das neuroses concentraram as preocupações de Freud com a educação na infância e no antagonismo entre os instintos e as exigências culturais. Assim, o interesse pela educação traz a marca do interesse maior pelo conhecimento psicanalítico. A análise é considerada uma pós-educação e recomendada a pais e educadores; as próprias crianças poderão beneficiar-se dela, seja como profilaxia ou tratamento. Ela capacita o ego a uma progressiva conquista do id e isto é uma "obra de cultura".²⁹⁶

Com o auxílio da psicanálise, o conhecimento da infância foi muito enriquecido. Descobriram-se relações da sexualidade infantil com o comportamento da criança e com a vida sexual e intelectual futura. Descobriu-se que o esclarecimento sexual é necessário, mas seus efeitos profiláticos são limitados; que a repressão à vida sexual da criança é prejudicial. Uma nova compreensão do desenvolvimento infantil e suas implicações na vida adulta foi alcançada com as descobertas

²⁹⁶Freud, S. - *Conferência XXXI* (1933 [1932]) - ESB, vol. XXII, p. 102.

do complexo de Édipo, do superego e das várias identificações — com pais, professores e outras crianças.

Freud fez, também, severas críticas à educação infantil. Ela preocupa-se mais com o modelo socialmente bem aceito que com as reais necessidades das crianças; não respeita as fases do processo de desenvolvimento e as características individuais; oculta o papel que a sexualidade e a agressividade desempenharão na vida futura; falha, portanto, no cumprimento de sua tarefa. No que diz respeito à função sexual, porém, a educação estaria, ao menos em parte, absolvida pela tese das restrições organicamente determinadas e fixadas pela hereditariedade.

Finalmente, ao se manifestar sobre aspectos sociais da educação, Freud dá ênfase à necessidade de educar melhor as lideranças que deverão dirigir as massas dependentes; afirma que a psicanálise não deve tomar partido em relação à ordem social vigente e defende a neutralidade do analista. Essas questões polêmicas serão discutidas na conclusão.

CONCLUSÃO

Cumprido o roteiro programado, resta apresentar as conclusões deste trabalho. Após um longo percurso pela obra de Freud, com o compromisso de fidelidade ao pensamento do autor, cabe-nos, agora, assumir um posicionamento crítico, para atingir o objetivo formulado na Introdução: avaliar as possibilidades e limitações do emprego da teoria psicanalítica como instrumento para proporcionar uma compreensão mais ampla de alguns aspectos da prática educacional. Será, também, o momento, portanto, de tratar das muitas questões polêmicas cuja discussão foi, até aqui, evitada.

Parece não haver dúvida, atualmente, quanto à idéia de que só se atinge uma compreensão satisfatória dos problemas da educação por meio de uma abordagem que leve em consideração, simultaneamente, o desenvolvimento pleno do indivíduo e suas relações ativas com a sociedade de que faz parte. Estabelecemos, ainda na Introdução, a premissa de que a teoria psicanalítica se aplica a esse tipo de abordagem. Procuraremos, pois, mostrar que essa proposição está correta.

Apresentamos, na síntese do último capítulo, o significado de educação para Freud. É necessário, ainda, analisar o conteúdo desse significado e explicitar todos os seus aspectos. Assim, as referências, que então fizemos, à substituição do princípio de prazer pelo princípio de realidade e do processo primário pelo secundário, à aquisição do controle dos instintos e sua socialização relacionam-se todas com o processo de desenvolvimento do ego, cujas tendências já estão incluídas no patrimônio genético. Da mesma forma, as referências à educação como representante das reivindicações culturais e como auxílio à assimilação, pela criança, do produto da longa evolução cultural são claramente convergentes e remetem ao conceito de cultura ou civilização.

Observa-se, portanto, que as idéias básicas contidas na concepção freudiana de educação — desenvolvimento do ego e integração ao processo de evolução cultural — são compatíveis com o tipo de abordagem dos problemas educacionais que consideramos relevante. Podemos constatar, ademais, que se trata de uma concepção que não se restringe à infância, a despeito da ênfase atribuída aos primeiros anos de vida; tanto o desenvolvimento do ego como a integração à cultura são processos que se prolongam por toda a vida.

É preciso, porém, aprofundar o estudo das possibilidades e limitações de emprego do instrumental teórico psicanalítico para o fim proposto, bem como verificar até que ponto Freud fez uso dele para esse fim. Insistimos, desde o início, que só é possível atingir uma compreensão satisfatória da educação por meio de uma abordagem que não se ocupe, apenas, do indivíduo isolado, mas o considere como ser social. Essa abordagem não subestima os papéis da educação familiar e da escolar; reconhece sua importância, integradas ao contexto da sociedade. O próprio Freud nos indica esse caminho. Poderíamos citar várias passagens do Capítulo 8, que ainda serão examinadas nesta Conclusão. Mais adequado, porém, será fazer uso do longo parágrafo com que ele encerra seu exame das aplicações da psicanálise à educação na *Conferência XXXIV*. Reconhece, então, que toda educação tem o objetivo tendencioso de fazer a criança alinhar-se à ordem social estabelecida, sem considerar o fundamento ou o valor dessa ordem.

O conteúdo social e político da educação aparece claro nessa passagem. O aspecto polêmico vem a seguir, quando Freud afirma que não cabe à psicanálise tomar partido, pois o analista, como o médico, deve buscar apenas a saúde. Esse ponto de vista parece erroneamente vinculado à sua idéia de que a psicologia é uma ciência natural, bem como ao emprego terapêutico da análise.

Freud parece acreditar que a psicanálise, por ser — como ele julgava — ciência natural, deve ser neutra em relação às questões sociais, o que é um equívoco. Vejamos, en

tão, alguns argumentos que concorrem para contrariar essas suas opiniões. Em primeiro lugar, já registramos, no Capítulo 8, uma passagem em que ele não considera a psicologia como ciência natural; ademais, no início de *Psicologia de grupo*, afirma que o contraste entre psicologia individual e social é pouco nítido; cabe acrescentar, ainda, que a psicanálise também é, para Freud, um instrumento de pesquisa científica. Resta, finalmente, lembrar, recorrendo à opinião de Mario Bunge, "(...) que a Ciência não existe no vácuo e sim em um contexto biológico, econômico, político e cultural".²⁹⁷ Portanto, a aplicação da psicanálise ao estudo da educação — que é parte da vida social — não deve desprezar qualquer dos campos daquele amplo contexto, sob pena de chegar a resultados que a realidade não confirma. O próprio Freud, ao afirmar que todo aquele que se educou na psicanálise jamais tomará o partido da reação e da repressão, nos dá um bom exemplo de conclusão equivocada, decorrente de sua visão ingênua das relações entre ciência e política.

É necessário, porém, evitar cometer o erro de avaliar as possibilidades de emprego da teoria psicanalítica no estudo da educação com fundamento exclusivo nas tentativas de Freud nesse sentido, isto é, nos seus trabalhos sobre cultura e sociedade ou, mais especificamente, nas passagens que tratam de problemas educacionais. Se assim procedêssemos, seria difícil evitar um impasse ante as frequentes hesitações entre pontos de vista antagônicos em relação à ordem social: ora muito críticos, ora conservadores. Esses trabalhos não podem ser postos de lado, mas é preciso considerá-los a partir das formulações teóricas fundamentais.

Na mesma citada passagem da *Conferência XXXIV*, Freud afirma que a psicanálise encerra em si mesma fatores revolucionários. Entre eles, ocupam posição singular, em nossa opinião, as descobertas a respeito da natureza do psíquico. A psi

²⁹⁷Bunge, Mario. - *Ciência e desenvolvimento*, p. 125.

ciologia científica anterior a Freud identificava o psíquico com a consciência. A psicanálise, porém, com base em estudos sobre os sonhos e as parapraxias — para citar apenas dois exemplos que fazem parte do cotidiano das pessoas normais — considera que ser consciente, pré-consciente ou inconsciente são apenas qualidades do psíquico.

Desde o reconhecimento de sua existência, os processos mentais inconscientes assumiram importância primordial para o desenvolvimento da teoria psicanalítica. Os principais tópicos abordados no transcorrer deste trabalho, como a teoria dos instintos, o narcisismo, o complexo de Édipo, o processo de identificação, o superego, a repressão, a sublimação e o sentimento de culpa, relacionam-se todos, em maior ou menor grau, com essa concepção. Basta, então, que relembremos a relevância de cada um daqueles tópicos para o estudo da educação e concluiremos o quanto ele ganha em novas perspectivas ao considerar os processos psíquicos inconscientes.

Os instintos encontram uma primeira expressão psíquica no id — instância cujos processos são dinamicamente inconscientes. A formulação final dualista da teoria dos instintos — Eros e instinto de morte — sugere que tratemos de suas relações com a educação em separado. Antes, porém, será oportuno lembrar que não devemos considerar os instintos como cristalizados, imutáveis. Freud formulou a suposição de que, ao menos em parte, eles são transformados pela estimulação externa, no decorrer da filogênese. Os instintos, no id, obedecem ao princípio de prazer e sua finalidade é a realização do desejo. O ego, sob a influência do mundo externo e de sua tarefa de autopreservação, avalia as exigências instintuais segundo o princípio de realidade e utiliza várias modalidades de defesa quando essas exigências são incompatíveis. Dentre elas, as mais importantes para o nosso estudo são a repressão e a sublimação.

O conceito de repressão é uma das bases da teoria psi

canalítica. Além do estudo específico no Capítulo 2, sua presença é marcante ao longo de todo este trabalho. O papel da sublimação será tratado mais especificamente. Ela proporciona uma forma de controlar a vida instintual que, mediante o sacrifício de uma parcela de satisfação direta, contribui para criações culturais socialmente ou eticamente valorizadas. Diversamente da repressão, que consome muita energia e predispõe à neurose, a sublimação ajuda a evitar as frustrações do mundo externo possibilitando a obtenção de prazer através do trabalho mental, como as atividades científicas e artísticas. Durante o desenvolvimento infantil, a sublimação auxilia o processo de educação, utilizando parte das catexias libidinais primitivas não submetidas à organização genital. Freud menciona, também, que pode haver sublimação de inclinações agressivas da personalidade.

Sabemos que a necessidade de controlar a vida instintual, por razões econômicas, gera uma intervenção precoce dos educadores. Eles não devem, porém, ignorar que a parcela dos instintos que pode ser sublimada varia com as características individuais; em cada caso há um limite, pois certa quantidade de satisfação sexual direta é imprescindível. Uma exploração abusiva da energia instintual para atender aos objetivos da civilização será patogênica.

Vimos que Freud afirmou ser a sublimação acessível a poucos, por exigir dotes especiais. Em outra passagem, ao se referir às satisfações substitutivas proporcionadas pela arte, considerou que, geralmente, permanecem inacessíveis às massas, "(...)que se acham empenhadas num trabalho exaustivo, além de não terem desfrutado de qualquer educação pessoal".²⁹⁸ Acreditamos, a partir desses pontos de vista, que as manifestações culturais de origem popular não foram levadas em conta. Logo após a menção a "dotes especiais", entretanto, Freud desenvolve a idéia de que mesmo o trabalho profissional comum, se li-

²⁹⁸Freud, S. - *O futuro de uma ilusão* (1927) - ESB, vol. XXI, p. 25.

vremente escolhido, constitui, por meio da sublimação, fonte de satisfação especial. Trata-se, ao que parece, de uma de suas hesitações quanto a questões sociais. Isso não impede que reconheçamos a grande importância da sublimação para o processo educacional, como meio — preferível à repressão — de controle dos instintos e pelas realizações culturais que enseja.

Após essas observações adicionais a respeito das duas vicissitudes instintuais que têm maior relevância para este trabalho, devemos retornar aos dois instintos básicos, de cujo estudo destacamos, como principais contribuições para a educação, a importância da sexualidade infantil — em primeiro plano — e a questão da agressividade.

A existência da atividade sexual infantil, seu início logo após o nascimento e suas vinculações a muitos fenômenos psíquicos da vida adulta estão entre as mais importantes descobertas da psicanálise. Uma educação para a realidade não poderá deixar de levá-las em consideração, para obter o necessário controle sobre a vida sexual das crianças com um risco menor de torná-lo excessivo. Tal educação, orientada pela psicanálise, não poderá, ademais, ignorar a disposição constitucional de cada indivíduo. A sociedade costuma impor, basicamente, as mesmas restrições a todas as crianças, quando deveria considerar as características individuais. Mais tarde, embora espere de todos uma conduta sexual regida pelas mesmas normas, na verdade explora a libido das classes subalternas, desviando-a para o trabalho profissional imposto sob a pressão da necessidade, que, portanto, não proporciona qualquer satisfação substitutiva.

É interessante relembrar alguns pontos da avaliação que Freud faz da moral sexual "civilizada". Ele destaca o valor profilático da satisfação sexual e manifesta a impressão de que a abstinência produz homens fracos e bem comportados — meros seguidores de líderes —, o que está de acordo com sua tese de que o comportamento sexual constitui o protótipo das reações do ser humano diante das demais situações em sua

vida. Analogamente, a educação da mulher quanto às questões da sexualidade desestimula sua curiosidade, afastando-a, mais tarde, da atividade intelectual.

O julgamento da moral sexual "civilizada" é, já sabemos, amplamente desfavorável. Relações conjugais entre indivíduos mal educados para a vida sexual tornam-se, com frequência, problemáticas, o que produz efeitos nocivos sobre a educação dos filhos e assim por diante. No caso do Brasil, observa-se que as mudanças nos costumes ocorridas nos últimos anos correspondem a alterações apenas superficiais da moral sexual. O processo, ao menos em parte, limita-se a reproduzir artificialmente o que se passa, sob condições distintas, em países ocidentais desenvolvidos e é incentivado por interesses que não levam em conta a nossa realidade. No campo específico da educação, não se percebe qualquer iniciativa oficial no sentido de alterar esse quadro, por meio de programas amplos de esclarecimento sexual. A psicanálise poderia fornecer o fundamento teórico para tais programas, desempenhando, assim, importante função social.

O conhecimento psicanalítico, no terreno da sexualidade, é substancialmente renovador para a educação, seja do ponto de vista individual ou coletivo. Não se deve esperar, portanto, esforços no sentido de uma educação para a realidade no que diz respeito à vida sexual, a menos que sejam parte de um projeto de transformação social mais abrangente.

Em prosseguimento à nossa resenha, chegamos ao conceito de narcisismo, de grande valor teórico, que trouxe importante contribuição ao estudo da sexualidade infantil, ao revelar a existência do narcisismo primário como parte do desenvolvimento sexual de todos os indivíduos. A descoberta fundamental da psicanálise para a compreensão do desenvolvimento infantil foi, porém, o complexo de Édipo, que Freud considerou o fenômeno central da vida sexual da primeira infância.

O complexo de Édipo toma rumos distintos para cada sexo. No caso dos meninos, a questão do complexo de castração é básica e suscita dúvidas. Mesmo se admitirmos que ele tenha uma forte componente filogenética, não é possível ignorar o papel da realidade imediata. Seria, então, possível atenuar-lhe progressivamente os efeitos através de educação sistemática? Qual a importância da ameaça em relação aos outros fatores? No Esboço, em longa nota de rodapé (p. 218), Freud afirma que nenhuma investigação fora feita, até então, sobre o complexo de castração em povos que não reprimem a masturbação em crianças.

No caso das meninas, o desfecho diverso e a decorrente diferença na formação do superego geram especificidades no caráter feminino, mencionadas no Capítulo 4. Freud manifesta-se sobre este assunto com muita prudência e lembra a constituição bissexual de todos os seres humanos. Não nos parece, portanto, que mereça, nesse caso, as críticas feministas que lhe são dirigidas.

Freud adverte que as relações cronológicas e causais que expôs ao descrever o complexo de Édipo são típicas, mas não assegura que esse tipo seja o único possível; afirma que a dissolução, no caso masculino, diz respeito às condições da nossa civilização; admite, também, que o desfecho, para ambos os sexos, pode ser consequência de dois fatores concorrentes: a determinação filogenética e a impossibilidade de satisfação, com os inevitáveis desapontamentos que acarreta.

O complexo de Édipo tem grande importância para a educação, pelo esclarecimento que acrescenta ao nosso conhecimento do desenvolvimento infantil e suas implicações na vida adulta. O ego imaturo só consegue lidar com o complexo por meio da repressão, mas a educação possibilita substituí-la pela condenação, isto é, o emprego de processos mentais superiores permite reconhecer a repulsa como justa e atingir o controle consciente do desejo.²⁹⁹ Seria interessante, também, conhecer o

²⁹⁹Freud, S. - *Cinco lições de psicanálise* (1910 [1909]) - ESB, vol. XI, p. 28 e 49.

resultado de um desfecho menos traumático para o caso masculino. A frustração pela impossibilidade de satisfação é inevitável, mas o complexo de castração talvez não seja.

Outra valiosa contribuição teórica da psicanálise à educação é o conceito de identificação, que esclarece uma parcela fundamental do processo de aprendizagem por que passa um indivíduo, desde a primitiva infância e por toda a vida. A identificação consiste, nos termos de Freud, em tomar alguém como modelo e moldar o próprio ego segundo o desse modelo. As identificações mais remotas são estabelecidas com os pais: a identificação primária, com o pai do mesmo sexo; a identificação com a mãe durante a fase oral; a identificação com o pai rival na fase fálica e as identificações resultantes da dissolução do complexo de Édipo. Mais tarde, os pais são substituídos por outros modelos, como os professores e pessoas de prestígio; todos esses modelos contribuem para o processo de desenvolvimento do ego.

É importante lembrar que o ideal do ego tem, também, seu aspecto social: o ideal comum de uma família, classe ou nação, que pode ser um líder ou, em seu lugar, uma idéia dominante, uma abstração, um desejo comum. Freud adverte que a satisfação desses ideais pode ser partilhada pelas classes oprimidas, compensando-as pelas injustiças que sofrem. Os oprimidos podem tomar seus dominadores como ideais — apesar da hostilidade — ou identificar-se com eles por um ideal cultural comum. Assim, revela-se outra aplicação da psicanálise ao estudo da sociedade, compatível com uma abordagem abrangente da educação.

Essa vertente social da identificação, que mostra como pode ocorrer a manipulação das massas por uma minoria que detenha o poder, sugere que reexaminemos mais alguns aspectos da psicologia de grupo. Os laços emocionais que mantêm a coesão entre os membros de um grupo, uma vez estabelecidos, possibilitam o afastamento de repressões de impulsos instintuais que, então, podem se manifestar. Características como diminui

ção da capacidade intelectual e submissão às emoções compõem um quadro de regressão da atividade mental. Outras, como falta de iniciativa, dependência e semelhança de reações, reduzem os componentes ao que Freud chama de nível de indivíduos grupais. O líder pode ser dominador, pois é o ideal dos integrantes do grupo, que apreciam sua autoridade.

As características da mente grupal, como se vê, facilitam o estabelecimento de relações de dominação. Freud admite que a organização do grupo pode, ao menos em parte, compensar tais deficiências, mas não dá muita importância a esse aspecto da questão. Afirma que um indivíduo de nosso tempo pode elevar-se acima das várias mentes grupais de que participa, caso possua certa independência e originalidade. Não esclarece, porém, se é possível desenvolver esses atributos e como fazê-lo.

Podemos utilizar uma analogia e, por esse caminho, tentar encontrar uma resposta. Freud valoriza, particularmente, o papel do líder nos grupos; não pretendemos pôr em dúvida essa importância, mas considerar que uma idéia dominante ou um desejo comum podem complementá-la. Vimos que ele identifica, como uma etapa intermediária, os grupos religiosos, com seu líder invisível e suas crenças, além de uma realização de desejo como motivo principal. Se lembrarmos, ademais, que aponta a inteligência como único meio de que dispomos para controlar a vida instintual, talvez possamos concluir — a exemplo do caso da religião — que uma educação voltada para a realidade e o desenvolvimento da razão é a resposta que procuramos.

Outro fenômeno psíquico fundamental para o desenvolvimento é a formação do superego, pois essa instância representa, como sabemos, uma influência da infância que se prolonga por toda a vida. O superego tem uma componente filogenética, que responde pela preservação dos valores culturais duradouros. Ela incorporou as exigências mais antigas da civilização, que, amplamente internalizadas, transformam o homem num ser moral e social. O superego do indivíduo tem origem na dis

solução do complexo de Édipo; as identificações com os pais são, então, muito intensificadas e, assim, sua influência permanece por toda a vida, embora o superego seja acessível a contribuições das identificações posteriores.

A importância do estudo do superego para a educação já foi antecipada, ao tratarmos do complexo de Édipo e da identificação. Esse quadro ainda pode ser ampliado, a partir das relações do superego com a agressividade e o sentimento de culpa. Freud defende o ponto de vista de que a inclinação para a agressão é uma disposição instintiva original no homem. Esse instinto de agressividade e destrutividade é identificado como manifestação externa e principal representante do instinto de morte. Não é propósito deste trabalho discutir essas hipóteses, mas devemos registrar que Freud não desenvolveu uma teoria tão completa como a da libido para essa classe de instintos e, ademais, refere-se ao instinto de morte como obscuro e silencioso, operando internamente; acrescenta que a afirmação de sua existência baseia-se, principalmente, em fundamentos teóricos, o que a torna sujeita a objeções teóricas. Não nos sentimos, portanto, ao abordar a agressividade, tão seguros quanto ao estudar o desenvolvimento da função sexual.

A inclinação à agressão torna difícil a vida em sociedade e é, segundo Freud, a maior ameaça à civilização, que, por isso, tem de mobilizar grande quantidade de energia, em detrimento da satisfação instintual. Já vimos que essas restrições impostas aos instintos pelas exigências culturais aumentam a severidade do superego e, em decorrência, o sentimento de culpa. Assim, a civilização, para combater seu maior opositor, aumenta a insatisfação do homem. A agressividade não pode ser liberada, mas sua restrição é nociva. Mais uma vez, portanto, o caminho a seguir é a busca do difícil equilíbrio entre a livre manifestação e a frustração.

Essas observações nos levam a indagar se seria possível alterar a inclinação do homem à agressão. Como Freud admite que os instintos são, ao menos em parte, transformados pe-

la realidade externa, tanto no decorrer da filogênese como da ontogênese, devemos concluir que a inclinação à agressividade não é inalterável. Entre os fatores que poderiam modificar progressivamente essa inclinação, insistimos, em primeiro lugar, na educação voltada para a realidade e o desenvolvimento da razão. O conhecimento psicanalítico teria contribuições teóricas a prestar, entre as quais, como chegamos a admitir, a diluição dos efeitos do complexo de castração. Finalmente, é necessário reavaliar a importância da vida social para a agressividade, de dois pontos de vista: o das relações imediatas entre os indivíduos e o da organização da sociedade em que essas relações têm lugar. Em virtude do tratamento que Freud deu a esse aspecto da questão, ele será considerado mais adiante.

Procuramos, até aqui, mostrar a relevância de alguns fundamentos teóricos da psicanálise para uma compreensão mais abrangente do processo educacional. Passaremos, então, a avaliar as tentativas de Freud no sentido de aplicar seu método de investigação à análise de aspectos da vida social que têm maior interesse para o nosso objetivo.

Trataremos, primeiramente, das idéias religiosas e suas relações com a educação nos contextos individual e social. Como todos os homens têm tendências destrutivas, a civilização tem de ser defendida contra o indivíduo; o mais importante recurso que emprega para esse fim é, segundo Freud, a religião. A origem das idéias religiosas remonta à necessidade humana de encontrar um meio de lidar com as forças superiores da natureza, mas deslocou-se, gradualmente, para as questões morais: fazer cumprir os preceitos da civilização e, ao mesmo tempo, recompensar o indivíduo pelas privações decorrentes da obediência a esses preceitos.

Do ponto de vista da psicologia individual, vimos que as crenças religiosas são altamente valorizadas devido à necessidade de proteção do adulto, que segue o modelo infantil. As religiões são ilusões, pois predomina em sua motivação a

realização do desejo de um pai poderoso que estabelece uma ordem moral justa, pune e recompensa. Em termos sociais, a história mostra — e Freud admite — que os preceitos da civilização têm sido impostos à maioria por minorias que detêm o poder e os meios de coerção. A religião, ao defender esses preceitos, tem, quase sempre, se aliado às minorias dominantes, colaborando na repressão instintual e "educando" as massas para a submissão e a resignação.

Freud propõe que os preceitos da civilização sejam desvinculados da religião e lhes sejam atribuídos motivos racionais; entende que, desse modo, os indivíduos se reconciliarão com a civilização, o que é contraditório, pois ele considera, pouco antes, que os oprimidos têm todas as razões para serem inimigos dessa cultura. Tal reconciliação só seria possível se houvesse uma substancial mudança nas relações da civilização com seus membros, ou seja, uma ampla transformação social. Freud tangencia essa idéia, mas não chega a manifestá-la; em nossa opinião, seria mais uma contribuição renovadora da psicanálise ao estudo da sociedade.

Os homens não são sensíveis à razão, em grande parte, pela influência prematura das doutrinas religiosas, que intimidam a inteligência e estabelecem laços emocionais, à semelhança do quadro de regressão da atividade mental apresentado na psicologia de grupo. Essa influência, aliada à intervenção no desenvolvimento sexual, impede a plena realização do potencial humano. Freud faz referência ao "(...) deprimente contraste entre a inteligência radiante de uma criança sadia e os débeis poderes intelectuais do adulto médio".³⁰⁰ Propõe, então, a experiência de uma educação para a realidade baseada na razão; sabemos que a idéia, nesses termos, surgiu como proposta central de *O futuro de uma ilusão*; está, porém, tão integrada à concepção psicanalítica de desenvolvimento que já foi

³⁰⁰Freud, S. - *O futuro de uma ilusão* (1927) - ESB, vol. XXI, p. 61.

mencionada várias vezes nesta Conclusão, ao tratarmos de outros tópicos.

Freud considera que os indivíduos assim educados talvez não precisem da ilusão religiosa para suportar as dificuldades da vida. Nesse momento, parece não atribuir à filogênese um papel tão primordial quanto na discussão de outras questões. Reconhece, adiante, que a primazia do intelecto ocorrerá em futuro não previsível, mas afirma que ela será atingida. Dois anos mais tarde, todavia, a preocupação crescente com a agressividade já não permitiu que fosse tão otimista. Hesitações como essa parecem indicar que Freud, ao tratar de questões sociais, não consegue manter o necessário distanciamento crítico. Fica, assim, a impressão de que se define conforme suas preocupações dominantes na ocasião; entre elas, por exemplo, os rumos do regime soviético e a I Guerra Mundial influenciaram nitidamente suas opiniões.

Vimos, também, que Freud critica o ponto de vista de que as idéias religiosas podem ser refinadas e, dessa forma, manter-se como um importante vínculo entre as massas não instruídas e o pensador filosófico. Acredita que se a religião sofrer um tal refinamento, a ponto de se transformar em algo indefinido o bastante para resistir à razão e à experiência, também perderá sua poderosa influência sobre as massas. Em nossa opinião, Freud poderia acrescentar, coerentemente com algumas de suas próprias opiniões, que esse vínculo será efetivamente estabelecido se a religião for substituída por uma concepção científica do mundo, que não considere a ordem social vigente como uma fatalidade do desenvolvimento da civilização, mas como resultado de um processo cujo rumo pode ser alterado. O papel da ciência será empregar o conhecimento — inclusive o instrumental psicanalítico — para pesquisar e propor as transformações necessárias ao estabelecimento de relações justas entre os homens, em particular no que diz respeito à distribuição da riqueza.

Freud ressaltou que a psicanálise não é uma *Weltan-*

schauung; não tem, portanto, resposta para todas as questões da vida social. Como psicologia de profundidade pode, porém, prestar contribuições relevantes ao estudo da sociedade, como já sugerimos algumas vezes. Ao longo deste trabalho, mencionamos várias passagens em que Freud destaca a importância dos fatores econômicos para a vida social. Lembraremos os principais, para tornar claro que não se trata de uma referência circunstancial. O móvel da sociedade humana é, em última análise, econômico (1916-17). Entre os aspectos básicos da civilização estão a capacidade de extrair riqueza do meio natural e os regulamentos para a sua distribuição (1927). A riqueza e as relações entre os homens são interdependentes: a riqueza torna possível certa quantidade de satisfação instintual; um homem pode constituir riqueza para outro, que faça uso de sua capacidade de trabalho ou tome-o como objeto sexual (1927). Entre as restrições que a civilização impõe ao indivíduo, algumas só se aplicam às classes menos privilegiadas; a satisfação de uma parte da sociedade depende da opressão da outra parte; é compreensível que os oprimidos sejam hostis para com uma cultura cuja existência tornam possível com seu trabalho, mas de cuja riqueza não possuem mais que uma cota mínima (1927). As ideologias são produto e superestrutura das condições econômicas contemporâneas; isto é verdade, embora não a verdade inteira (1932).

Se considerássemos esse conjunto de idéias isoladamente, não teríamos dúvidas quanto ao fato de que, para Freud, as condições econômicas são fundamentais para a vida social e a distribuição inadequada da riqueza é a principal causa de hostilidade à civilização. Vamos, porém, examinar outras de suas opiniões e fazer uma comparação. Como todos os homens têm tendências destrutivas e, portanto, anti-sociais, a civilização tem de ser defendida contra o indivíduo; essa tarefa cabe às instituições e regulamentos, que devem não apenas distribuir a riqueza como manter essa distribuição (1927). O fato das tendências destrutivas desloca a ênfase do material para o mental, isto é, das razões econômicas para as instintuais (1927). As massas precisam ser dirigidas por líderes que te-

nam uma compreensão superior das necessidades da vida e poder à sua disposição; a civilização tem pouco a temer dessas pessoas instruídas (1927). A educação das massas depende da educação dessas lideranças (1932).

A comparação torna difícil acreditar que essas idéias tenham sido expostas pelo mesmo autor — a maior parte delas, inclusive, no mesmo trabalho: *O futuro de uma ilusão* (1927). O estudo atento dessa obra revela, desde o início, as hesitações a que já nos referimos e que nos levaram a formular, no Capítulo 8, algumas questões de que devemos, agora, tratar.

Primeiramente, a civilização a preservar não é, por certo, exatamente aquela que Freud tanto critica e considera profundamente injusta. A única maneira de evitar a incoerência seria admitir a necessidade de sua transformação. É oportuno citar, em defesa desse ponto de vista, as palavras com que ele encerra o comentário sobre as restrições que só se aplicam a certas classes: "Não é preciso dizer que uma civilização que deixa insatisfeito um número tão grande de seus participantes e os impulsiona à revolta, não tem nem merece a perspectiva de uma existência duradoura".³⁰¹ A segunda questão trata da distribuição de riqueza a ser mantida, que não será, logicamente, a que marginaliza a maioria dos indivíduos e desperta neles compreensível hostilidade. Por fim, a tarefa de estabelecer os regulamentos que distribuem a riqueza não poderá continuar sendo prerrogativa da minoria opressora, o que impediria qualquer transformação.

É necessário, ainda, fazer uma observação a respeito da educação das massas e sua dependência de líderes com características especiais. Freud afirmou, como vimos, que a educação tem o objetivo tendencioso de ajustar à ordem social estabelecida; parece difícil, portanto, que essa educação, dirigi

³⁰¹Freud, S. - *O futuro de uma ilusão* (1927) - ESB, vol. XXI, p. 23.

da por representantes da minoria que detêm o poder, tenha como objetivo contribuir para mudanças que venham a emancipar os oprimidos.

Em suma, podemos afirmar que o deslocamento da ênfase do material para o mental — por mais que as descobertas da psicanálise parecessem justificá-lo — não auxiliou Freud a tirar conclusões coerentes de sua análise da sociedade. As críticas que formulou à ordem social são procedentes e não deveriam ter sido relegadas a segundo plano sem que, para isso, fosse apresentada uma fundamentação mais consistente.

Não surpreende, pois, que Freud, ao examinar as causas da hostilidade à civilização, dois anos mais tarde, não faça referência à moral sexual ou à distribuição inadequada da riqueza. A tese que prevalece, então, já é nossa conhecida e pode ser resumida em termos de agressividade-superego-sentimento de culpa-insatisfação. Podemos, agora, retomar as considerações interrompidas sobre a agressividade, no que diz respeito a suas relações com a vida social.

Todo indivíduo participa, simultaneamente, de dois processos: seu próprio desenvolvimento e o da humanidade. Freud mostra que existe um paralelismo entre esses processos: Eros e Ananke são os grandes educadores do indivíduo e estão, também, na origem da vida social; ademais, ao longo de ambos os processos, as reivindicações individuais e as da civilização estão presentes e em conflito. Todo indivíduo, portanto, vive esse conflito.

É interessante, ainda, observar como o papel de Ananke alterou-se quando a agressividade adquiriu nova dimensão. Em 1916-17, Ananke é a frustração advinda da realidade que impôs à humanidade o desenvolvimento; em 1923, a principal força motivadora do desenvolvimento cultural do homem é a exigência externa real; em 1927 essa realidade externa aparece mais associada à idéia de natureza. Por último, em *O mal-estar na civilização* (1929), trabalho em que a agressividade assume im

portância maior, Eros e Ananke são, de início, os pais da civilização; adiante, porém, a civilização é um processo a serviço de Eros e a necessidade do trabalho em comum não basta para unir os homens, por causa da hostilidade derivada do instinto agressivo; no final da obra, Ananke é apenas um incentivo à união dos indivíduos. Portanto, a proporção que a agressividade adquire maior relevância, o processo de desenvolvimento da civilização torna-se, cada vez mais, uma questão psicológica e não social.

Ao abordarmos as idéias religiosas, manifestamos a opinião de que preocupações com o comunismo soviético e a guerra influenciaram as análises das relações sociais que Freud empreendeu. Após algumas hesitações, vários de seus pontos de vista sobre a sociedade perderam expressão ante o peso que atribuiu ao papel da agressividade primária. Procuraremos, agora, mostrar as ligações que identificamos entre aquelas preocupações e a questão do instinto agressivo, começando pelo comunismo. Será necessário reproduzir as principais idéias contidas nos diversos comentários sobre o tema que focalizamos ao longo deste trabalho, para que possamos formar uma visão de conjunto e, também, opinar sobre as questões polêmicas cuja discussão reservamos para este momento.

Em 1927, Freud admite que as massas poderiam ser educadas através das novas gerações, mas não demonstra entusiasmo pela idéia; subitamente, passa a garantir que não tem a intenção de formular juízos sobre a experiência soviética — até então não mencionada — por falta de conhecimento específico, entre outras razões.³⁰² Em 1929, destaca as dificuldades que a agressividade traz à civilização e, em seguida, expõe o que entende serem as idéias dos comunistas sobre as relações entre propriedade privada e agressividade; declara não estar interessado na crítica econômica do sistema comunista,

³⁰²Freud, S. - *O futuro de uma ilusão* (1927) - ESB, vol. XXI, p. 19-20.

mas considera que suas premissas psicológicas são uma ilusão insustentável; afirma, por fim, que a abolição da propriedade privada não altera a natureza da agressividade. No final do mesmo trabalho, porém, ao comentar aspectos da ética religiosa, reconhece que uma mudança nas relações dos seres humanos com a propriedade seria de muito mais ajuda contra a agressividade que quaisquer ordens éticas; acrescenta que os socialistas, com sua concepção idealista da natureza humana, tornaram inútil o reconhecimento desse fato.

A análise dessas opiniões revela que Freud, a despeito de admitir não conhecer bem o assunto, não consegue evitar criticá-lo, o que, certamente, acarretou a incoerência de manifestar, no mesmo trabalho, opiniões tão diversas sobre as relações entre propriedade privada e agressividade.

Na mais longa exposição sobre o tema, em 1932, Freud refere-se ao marxismo como uma oposição à *Weltanschauung* científica que tem de ser levada a sério e reitera a insuficiência de suas informações; a seguir, passa a criticá-lo. Atribui a força do marxismo à ênfase na influência dos fatores econômicos — nos quais, dois anos antes, dizia não estar interessado — mas ressalta que eles não são o único determinante da conduta humana; fatores psicológicos, em particular o superego, não devem ser subestimados; levá-los em conta é o que falta ao marxismo para tornar-se verdadeira ciência social.

As palavras de Freud na passagem acima denotam que, talvez, ele próprio pudesse ter tentado suplementar as idéias marxistas com sua psicologia de profundidade. Entretanto, como antecipamos no Capítulo 8, dois fatores — entre outros — impediram que a tentativa se concretizasse: sua falta de informação a respeito da teoria marxista e a decorrente confusão com o regime soviético da época. Freud cometeu, em relação às idéias de Marx, a mesma falha de que, tantas vezes, a própria psicanálise foi vítima: criticou sem a necessária fundamentação.

Não pretendemos recorrer à vasta literatura que trata das relações entre psicanálise e marxismo, pois nosso trabalho se atém ao exame da obra de Freud. Julgamos, porém, que seria no mínimo interessante mencionar um texto de Leandro Konder intitulado *A vida e o destino de Marx e Freud*. O autor acredita que Freud foi duplamente mal informado a respeito das idéias de Marx, por figuras ligadas ao movimento psicanalítico: primeiro Alfred Adler e, mais tarde, Wilhelm Reich. Cita, a propósito, um artigo de 1976 da italiana Lucilla Ruperti, que considera as críticas de Freud ao marxismo em *O mal-estar na civilização* como realmente dirigidas às idéias de Reich. No mesmo artigo — ainda segundo Konder — Ruperti reproduz um trecho de carta de Freud a R.L.Worrall, de 1937, que é uma honesta autocrítica: "Sei que os meus comentários sobre o marxismo não revelam nem um conhecimento aprofundado nem uma compreensão correta dos escritos de Marx e Engels. Fiquei sabendo, mais tarde, com certa satisfação, que nem um nem o outro negaram a influência dos fatores do ego e do superego. Isso desfaz o principal conflito que eu pensava existir entre o marxismo e a psicanálise."³⁰³

Como as críticas dirigidas à ordem social por Freud e Marx têm pontos de convergência, a aproximação entre os dois pensamentos vem despertando justificado interesse. Os comentários de Freud a respeito do marxismo — que tiveram uma contrapartida na visão estreita de alguns marxistas em relação à psicanálise — dificultaram essa aproximação, mas as observações do parágrafo anterior parecem indicar que, a partir de posições não dogmáticas de ambos os lados, o diálogo poderá abrir perspectivas de uma compreensão mais abrangente da vida social.

O outro motivo que acreditamos estar associado à ênfase de Freud na agressividade foi sua preocupação com a Grande Guerra; a já mencionada carta a Einstein, de 1932, é o me-

³⁰³Konder, L. - A vida e o destino de Marx e Freud. In: *Cadernos do SEPLA* n.º 2. p. 13-14.

lhora exemplo. Freud admite que vários motivos podem levar o ser humano à guerra, mas só menciona a inclinação à agressão; nem mesmo as razões econômicas despertam seu interesse. Podemos supor que as impressões da guerra somaram-se às suas observações sobre a importância da agressividade e assim, talvez, tenham contribuído para reforçar as convicções que conduziram à formulação final da teoria dos instintos. Paralelamente, seu espírito crítico o levou a denunciar os aspectos mais evidentes da opressão na ordem social; entretanto, as informações sobre o regime soviético de então, aliadas ao conhecimento impreciso das idéias marxistas, provocaram seu ceticismo em relação aos grandes movimentos sociais e o fizeram, novamente, refugiar-se na tese da primazia da agressividade.

Não deixa de ser curioso que a carta de Einstein apresente uma visão mais abrangente do problema da guerra. Ele aborda as questões do poder, dos interesses econômicos e da manipulação das massas por instituições como a imprensa, a igreja e a escola, controladas pela minoria dominante; chega mesmo a identificar, no homem, um "desejo de ódio e destruição", para justificar o êxito no envolvimento emocional da maioria. Freud, ao responder, recorre à psicologia de grupo e aponta os vínculos emocionais como meio indireto de combater a guerra; o mesmo recurso — em especial o conceito de identificação — poderia ter sido lembrado, como vimos, para explicar a manipulação das massas, que as leva à guerra.³⁰⁴

Entre os aspectos mais importantes da crítica social de Freud estão a insatisfação instintual de grande parte dos indivíduos e sua conseqüente hostilidade para com a civilização, decorrentes da distribuição inadequada da riqueza. Assim, entendemos que uma concepção de educação que alie preocupações sociais e orientação teórica psicanalítica pode e deve, por uma questão de coerência, optar pelas idéias mais renovadoras do pensamento freudiano, que mostram a necessidade de trans

³⁰⁴ Strachey, J. (ed.) - *Por que a guerra?* (1933 [1932]) - In: ESB, vol. XXII, p. 243.

formações na organização da sociedade; a outra alternativa, de feição conservadora, seria preservar, tal como é, esta civilização — que o próprio Freud considera sem perspectiva de existência duradoura.

O conflito entre as reivindicações individuais e culturais tem de ser regulado: por um lado é preciso intensificar o processo de educação dos instintos, embora saibamos da grande dificuldade desse empreendimento; por outro, a ordem social deve ser modificada, dos atuais níveis de exploração e repressão instintual para uma situação em que haja justiça e a satisfação possível. A contribuição da psicanálise é, certamente, mais relevante para o primeiro pólo do conflito; será, também, valiosa para o outro, dentro de um contexto interdisciplinar.

A agressividade, que prevaleceu nos tempos primitivos, provavelmente vem sofrendo mudanças no decorrer da filogênese, assim como o instinto sexual; transformações sociais, como as sugeridas por Freud, podem diminuir os incentivos à sua manifestação. A sexualidade menos reprimida, além de proporcionar prazer, possibilita o desvio de agressividade para o mundo externo; a atividade profissional livremente escolhida e a arte também constituem fontes de satisfação. Todas as atividades que concorrem para o processo de desenvolvimento do ego — a ação educativa, portanto — contribuem para o controle do instinto agressivo.

Acreditamos que a discussão dessas várias questões tenha ilustrado com clareza a nossa opinião de que não se pode apresentar respostas satisfatórias para problemas sociais sem considerar a organização da sociedade e as relações que se estabelecem a partir dela. O próprio Freud lembrou a impossibilidade de transformar qualquer instituição cultural sem modificar o todo. Assinalamos, várias vezes, a importância da psicanálise para a compreensão da vida social e, em particular, da educação; mas entendemos que ela não pode dar conta dessa tarefa sem o concurso das demais ciências sociais.

O estudo interdisciplinar torna possível a compreensão de que a educação não deve ser apenas veículo da cultura da classe dominante. Ao identificar as idéias religiosas como ilusões, Freud indaga se outras partes integrantes da cultura não poderiam ser, também, ilusões; cita, como exemplo, a base das regulamentações políticas. A questão, formulada em termos amplos e pouco definidos, é, a seguir, abandonada, o que faz com que não nos sintamos autorizados a ir além de uma inferência genérica: mesmo os aspectos muito valorizados da cultura não estão isentos de crítica.

A psicanálise é acentuadamente crítica em relação a dois aspectos básicos da educação: a repressão sexual e as idéias religiosas; apesar das hesitações, é, também, bastante crítica em relação à ordem social. Não há como justificar, portanto, que assuma uma posição conservadora no que diz respeito aos objetivos sociais da educação. A proposta de uma *educação para a realidade* não deve se restringir à substituição da ilusão religiosa. Precisa, ainda, enfrentar o difícil problema de estabelecer limites aceitáveis para a repressão sexual, evitando os excessos patogênicos; levar em conta o papel da agressividade e contrapor a razão às suas manifestações anti-sociais; desenvolver o intelecto e o pensamento independente, de modo a possibilitar a superação da mente grupal.

A idéia de educar para a realidade, como vimos, tem de ser posta em prática desde os primeiros anos da infância; é uma nova orientação, fundamentada na teoria psicanalítica, para a educação da criança. Incorpora, portanto, o amplo conhecimento da vida mental infantil que a psicanálise acumulou e, em decorrência, suas críticas à educação vigente, que não permite à criança o pleno desenvolvimento de suas potencialidades.

São justamente esses aspectos que tornam difícil aplicar uma concepção educacional cuja prática é, necessariamente, tão diferente da que hoje predomina. A educação dos filhos é fortemente influenciada pelo superego dos pais, o que consti-

tui uma resistência a idéias novas; ademais, a própria disseminação do conhecimento psicanalítico aos pais-educadores seria muito problemática, em virtude do risco de distorções e simplificações comprometedoras. Com relação à escola, pode-se dizer que haveria o mesmo risco, embora a preparação dos professores seja uma tarefa de proporções bem mais limitadas que a capacitação dos pais. Se tomarmos como referência a realidade brasileira atual, constataremos que um tal projeto só seria exequível mediante forte vontade política, o que nos remete, mais uma vez, à conclusão de que é impossível transformar qualquer instituição cultural sem modificar o todo.

Assim, sem falar no emprego especificamente terapêutico, a aplicação do conhecimento psicanalítico à educação, de caráter profilático, apresenta grandes dificuldades. Entretanto, se retomarmos nossa concepção mais abrangente de educação, veremos que as possibilidades não se esgotam nessa proposta de orientação a pais e professores. O exame de várias questões sociais relevantes para a prática educacional resulta enriquecido pelas contribuições da psicanálise como instrumento de pesquisa.

A psicanálise não é uma *Weltanschauung*; é a psicologia dos processos mentais inconscientes. Seu emprego — como disciplina científica ou procedimento de investigação — para ampliar nossa compreensão do processo educacional poderá ter um caráter substancialmente renovador, desde que ela se integre à pesquisa social interdisciplinar e atue a partir dos resultados dessa pesquisa. De outro modo, a teoria psicanalítica revelará limitações para apreender o complexo conjunto das relações sociais e suas conclusões estarão comprometidas. Isso ocorreu com algumas das tentativas de Freud, que chegou a defender idéias conservadoras com tal ingenuidade que só um conhecimento mais amplo de seu pensamento e sua integridade intelectual permitem relevar.

As contribuições da psicanálise ao estudo da educaç

ção e outras questões sociais parecem, em contrapartida, incentivá-la a romper o considerável isolamento em que tem vivido e — como disse Freud em relação ao homem educado para a realidade — sair para a "vida hostil". Tanto a psicanálise quanto as demais ciências que buscam conhecer o homem e sua existência em sociedade só terão a ganhar com isso.

BIBLIOGRAFIA

1. OBRAS DE SIGMUND FREUD

As obras de Sigmund Freud foram identificadas apenas por seu título, indicação cronológica e volume, por estarem contidas na *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* - Rio de Janeiro, Imago Editora, 1969-1980, 24 volumes.

- Extratos dos documentos dirigidos a Fliess (1950 [1892-1899]) - Rascunho B (1893) - vol. I.
- Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895]) - vol. I.
- A sexualidade na etiologia das neuroses (1898) - vol. III.
- A interpretação de sonhos (1900) - vol. IV e V.
- Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905) - vol. VII.
- Sobre a psicoterapia (1905 [1904]) - vol. VII.
- Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905) - vol. VIII.
- O esclarecimento sexual das crianças (1907) - vol. IX.
- Caráter e erotismo anal (1908) - vol. IX.
- Moral sexual "civilizada" e doença nervosa moderna (1908) - vol. IX.

- Sobre as teorias sexuais das crianças (1908) - vol. IX.
- Análise de uma fobia em um menino de cinco anos (1909) - vol. X.
- Cinco lições de psicanálise (1910 [1909]) - vol. XI.
- Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância (1910) - vol. XI.
- Um tipo especial de escolha de objeto feita pelos homens (Contribuições à psicologia do amor I) (1910) - vol. XI.
- Sobre a tendência universal à depreciação na esfera do amor (Contribuições à psicologia do amor II) (1912) - vol. XI.
- A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão (1910) - vol. XI.
- Contribuições para uma discussão acerca do suicídio (1910) - vol. XI.
- Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental (1911) - vol. XII.
- Contribuições a um debate sobre a masturbação (1912) - vol. XII.
- Introdução a *The Psycho-analytic method*, de Pfister (1913) - vol. XII.
- Totem e tabu (1913 [1912-13]) - vol. XIII.
- O interesse científico da psicanálise (1913) - vol. XIII.
- Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar (1914) - vol. XIII.

- A história do movimento psicanalítico (1914) - vol. XIV.
- Sobre o narcisismo: uma introdução (1914) - vol. XIV.
- Artigos sobre metapsicologia (1915) - vol. XIV.
 - . Os instintos e suas vicissitudes (1915)
 - . Repressão (1915)
 - . O inconsciente (1915)
 - . Suplemento metapsicológico à teoria dos sonhos (1917 [1915])
 - . Luto e melancolia (1917 [1915])
- Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915) - vol. XIV.
- Sobre a transitoriedade (1916 [1915]) - vol. XIV.
- Alguns tipos de caráter encontrados no trabalho psicanalítico (1916) - vol. XIV.
- Conferências introdutórias sobre psicanálise (1916-1917 [1915-1917])
 - . Conferência I (1916 [1915]) - vol. XV.
 - . Conferência XIII (1916 [1915-1916]) - vol. XV.
 - . Conferência XVIII (1917 [1916-1917]) - vol. XVI.
 - . Conferência XX (1917 [1916-1917]) - vol. XVI.
 - . Conferência XXI (1917 [1916-1917]) - vol. XVI.
 - . Conferência XXII (1917 [1916-1917]) - vol. XVI.
 - . Conferência XXVI (1917 [1916-1917]) - vol. XVI.
 - . Conferência XXVIII (1917 [1916-1917]) - vol. XVI.
- Uma dificuldade no caminho da psicanálise (1917) - vol. XVII.
- Linhas de progresso na terapia psicanalítica (1919 [1918]) - vol. XVII.

- Sobre o ensino da psicanálise nas universidades (1919 [1918]) - vol. XVII.
- Além do princípio de prazer (1920) - vol. XVIII.
- Psicologia de grupo e a análise do ego (1921) - vol. XVIII.
- Dois verbetes de enciclopédia (1923 [1922]) - vol. XVIII.
- O ego e o id (1923) - vol. XIX.
- A organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923) - vol. XIX.
- O problema econômico do masoquismo (1924) - vol. XIX.
- A dissolução do complexo de Édipo (1924) - vol. XIX.
- Uma breve descrição da psicanálise (1924 [1923]) - vol. XIX.
- Algumas consequências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos (1925) - vol. XIX.
- Prefácio a *Juventude Desorientada*, de Aichhorn (1925) - vol. XIX.
- Um estudo autobiográfico (1925 [1924]) - vol. XX.
- Inibições, sintomas e ansiedade (1926 [1925]) - vol. XX.
- A questão da análise leiga (1926) - vol. XX.
- Psicanálise (1926 [1925]) - vol. XX.
- O futuro de uma ilusão (1927) - vol. XXI.
- O mal-estar na civilização (1930 [1929]) - vol. XXI.

- Sexualidade feminina (1931) - vol. XXI.
- Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933 [1932]) - vol. XXII.
 - . Conferência XXIX
 - . Conferência XXXI
 - . Conferência XXXII
 - . Conferência XXXIV
 - . Conferência XXXV
- Por que a guerra? (1933 [1932]) (Einstein e Freud) - vol. XXII.
- Esboço de psicanálise (1940 [1938]) - vol. XXIII.
- Análise terminável e interminável (1937) - vol. XXIII.
- Algumas lições elementares de psicanálise (1940 [1938])
 - vol. XXIII

2. OBRAS DE OUTROS AUTORES

- BARROS, Carlos Paes de. - Contribuição à controvérsia sobre o "ponto de vista econômico". In: *Psicanálise: problemas metodológicos*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1975.
- BLEICHMAR, Hugo. - *O narcisismo - estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1985.
- BUNGE, Mario. - *Ciência e desenvolvimento*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia/São Paulo, EDUSP, 1980.

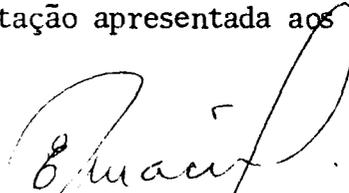
- Sexualidade feminina (1931) - vol. XXI.
- Novas conferências introdutórias sobre psicanálise (1933 [1932]) - vol. XXII.
 - . Conferência XXIX
 - . Conferência XXXI
 - . Conferência XXXII
 - . Conferência XXXIV
 - . Conferência XXXV
- Por que a guerra? (1933 [1932]) (Einstein e Freud) - vol. XXII.
- Esboço de psicanálise (1940 [1938]) - vol. XXIII.
- Análise terminável e interminável (1937) - vol. XXIII.
- Algumas lições elementares de psicanálise (1940 [1938]) - vol. XXIII

2. OBRAS DE OUTROS AUTORES

- BARROS, Carlos Paes de. - Contribuição à controvérsia sobre o "ponto de vista econômico". In: *Psicanálise: problemas metodológicos*. Petrópolis, Ed. Vozes, 1975.
- BLEICHMAR, Hugo. - *O narcisismo - estudo sobre a enunciação e a gramática inconsciente*. Porto Alegre, Ed. Artes Médicas, 1985.
- BUNGE, Mario. - *Ciência e desenvolvimento*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia/São Paulo, EDUSP, 1980.

- FENICHEL, Otto. - *Teoria psicanalítica das neuroses*. Rio de Janeiro/São Paulo, Livraria Ateneu, 1981.
- JONES, Ernest. - *Vida e obra de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979.
- KONDER, Leandro. - *A vida e o destino de Marx e Freud*. In: *Cadernos do SEPLA* nº 2. Rio de Janeiro, 1984.
- LAGACHE, Daniel. - *A psicanálise*. Rio de Janeiro/São Paulo, DIFEL, 1978.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.-B. - *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo, Livraria Martins Fontes Editora, s/d, 5a. edição.
- MILLOT, Catherine. - *Freud anti-pédagogue*. Paris, La bibliothèque d'Ornicar?, 1979.
- NAGERA, Humberto (org.). - *Teoria dos sonhos*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1981.
- _____. *Teoria dos instintos*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1981.
- _____. *Teoria da libido*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1981.
- _____. *Metapsicologia, conflitos, ansiedade e outros temas*. São Paulo, Ed. Cultrix, 1981.
- NEVES, Maria Aparecida M. - *O conceito de sublimação na teoria psicanalítica*. Rio de Janeiro, Ed. Rio, 1977.
- RYCROFT, Charles. - *Dicionário crítico de psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago Editora, 1975.

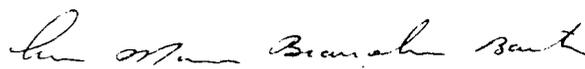
Dissertação apresentada aos Senhores:


Elter Dias Maciel

Nome dos

Componentes da

Banca Examinadora


Anna Maria Bianchini Baeta


Carlos Paes de Barros

Visto e permitida a impressão

Rio de Janeiro, 17/07/1987


Newton Lins Buarque Sucupira
Coordenador Geral de Ensino


Maria Julieta Costa Calazans
Coordenadora Geral de Pesquisa